



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**AMÉM, CAMARADA**

Religião e Sociedade na Trajetória de Helder Camara

DANIELLA MARIA CARDOSO DE BRITO ALVES

DANIELLA MARIA CARDOSO DE BRITO ALVES

**AMÉM, CAMARADA**

Religião e Sociedade na Trajetória de Helder Camara

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Cultura Urbana

Orientador: Prof. Dr Adriano Azevedo Gomes De Leon

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A474a Alves, Daniella Maria Cardoso de Brito.  
Amém, camarada: religião e sociedade na trajetória de  
Helder Camara / Daniella Maria Cardoso de Brito Alves.  
- João Pessoa, 2020.  
122 f.

Orientação: Adriano de Léon.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Religião. 2. Sociedade. 3. Helder Camara. I. Léon,  
Adriano de. II. Título.

UFPB/BC

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

A dissertação intitulada *Amém, Camarada: Religião e Sociedade na Trajetória de Helder Camara*, de autoria de Daniella Maria Cardoso de Brito Alves, sob a orientação do Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes De Leon, apresentada em sessão pública ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia, foi aprovada em 03/02/2011, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:



---

Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes De Leon  
Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco  
Orientador (PPGS-UEPB)

---

Prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto  
Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo  
Examinador interno 01 (PPGS-UEPB)



---

Prof. Dra. Flávia Ferreira Pires  
Doutorada em Antropologia Social pelo Museu Nacional  
Examinadora interna 02 (PPGS-UEPB)

Em memória de Sebastião Brito Alves, que me  
apresentou a perseverança.

A Dione, exemplo e presença

A Arthur, amor de uma vida inteira

A Pietro, definitivo

## RESUMO

A presente dissertação buscou compreender os diferentes posicionamentos de Dom Helder Camara, a partir do estudo de sua trajetória presente na teoria de Pierre Bourdieu, no decorrer de sua ação pastoral entre as décadas de 1930 e 1990, enfocando sua atuação em diversos contextos, no seu campo e na relação com outros sujeitos e esferas do social. Por meio da análise de discursos realizados pelo sacerdote ao longo deste período, o presente estudo aborda as sucessivas posições adotadas por este agente social, desde o integralismo na década de 1930, passando pela Teologia da Libertação, a defesa da liberdade, durante a ditadura militar, e pela reafirmação da identidade católica como fator de ação social, no fim de sua atuação pastoral. Com trajetória semelhante a outros líderes católicos de seu tempo, Helder Camara reuniu ao longo da vida uma singularidade: uma tentativa constante e pública de, a partir da religião, articular ação pastoral com atuação em outras áreas do social.

Palavras-chave: religião, sociedade, trajetória, Dom Helder Camara

## ABSTRACT

This dissertation sought to understand the different positions of Dom Helder Camara, beginning with his trajectory in the theory of Pierre Bourdieu, during his pastoral activity between the 1930 and 1990, focusing his activities in different contexts in his field and in relation to other subjects and social spheres. Through the analysis of speeches made by the priest during this period, this study analyzes the successive positions taken by this social agent, from fundamentalism in the 1930s, through liberation theology, the defense of freedom during the military dictatorship and the reaffirmation of Catholic identity as a factor for social action, in the end of his pastoral work. With similar trajectory to other Catholic leaders from his time, Helder Camara united something unique in life constant, and public, effort to, from the religion, articulate pastoral action in other areas of society.

Keywords: religion, society, history, Dom Helder Camara

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. DOM HELDER E O CAMPO RELIGIOSO .....	16
1.1 PADRE HELDER – DO CEARÁ AO RIO DE JANEIRO .....	30
1.2 A CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL.....	37
2. O DOM DA PASTORAL.....	40
2.1 DOM HELDER E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO .....	43
2.2 HELDER CAMARA NA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE.....	46
3. O DOM TRANSCENDENTAL.....	90
CONCLUSÃO.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	119

## INTRODUÇÃO

Arcebispo Vermelho. Dom da Paz. Irmão dos Pobres. Profeta do Terceiro Mundo, Arcebispo das Favelas, Artesão da Paz, Campeão da Solidariedade. Títulos “Honoris Causa”, diplomas, medalhas, placas, prêmios e distinções, no Brasil e no exterior. Diversos livros publicados, mais de setecentos discursos catalogados. Indicação ao Prêmio Nobel da Paz nos anos 70. Na década de 30, defensor do integralismo. Na ditadura, perseguido pela defesa da liberdade. Incentivador de ações sociais como o Banco da Providência, Cruzada de São Sebastião. Intelectual que pregava um diálogo entre cristianismo e marxismo. Censurado, aplaudido, criticado, reverenciado. Suas ações e discursos fizeram com que fosse reconhecido, desde os anos 60, como uma das principais lideranças da Igreja Católica no Brasil: Dom Helder Camara.

Polêmico, o sacerdote que dizia ser “a voz dos que não têm voz” enfocava, em seus discursos - que estão disponíveis para a consulta no instituto que leva o seu nome, no Recife - declarações sobre os mais diversos temas, como direitos humanos, justiça, marxismo, economia. Neste aspecto, o religioso passou a ser voz reconhecida também em outras áreas. Vale ressaltar, a título de exemplo, trecho de um discurso proferido pelo sacerdote como paraninfo da turma de economia da Escola de Ciências Econômicas, de Belo Horizonte, em 13.12.1966:

Nada vos dará tanta autoridade como vos livrardes do economismo e chegardes a descobrir uma aliança natural e indestrutível entre desenvolvimento e humanismo. Permiti que vos sugira algumas possíveis linhas de ação: (...) procurai habilitar-vos a demonstrar a vossos colegas marxistas que a alienação tem duas faces: grave como esquecer o econômico, é pretender que a ele se reduza toda a imensa complexidade humana. É fato experimentável: o humanismo sem Deus se torna inhumano. Anti-humano. Não se trata de basear uma saída para a nossa ignorância e uma desculpa para as nossas posições egoístas. Trata-se de aceitar a realidade: forte como a exigência econômica que nos leva a querer o máximo com o menor esforço, forte como a exigência estética, e a científica, e a política, e a social é a exigência religiosa que dá ao homem uma sede que só o absoluto pode saciar.

Com temas diversificados, os discursos de Dom Helder foram proferidos nos mais múltiplos ambientes, para os mais variados públicos. Essa diversidade de temas e de plateias atesta que a visão de mundo deste sacerdote era uma visão essencialmente multifacetada. Há muitos discursos proferidos em diversas cidades brasileiras e no exterior,

sobretudo durante a ditadura militar no Brasil, em que o arcebispo foi censurado. Deste período, um deles foi o estopim do endurecimento do governo militar em relação a Dom Helder. Em maio de 1970, no *Palais des Sports*, grande centro de convenções na capital francesa, o então arcebispo de Olinda e Recife profere discurso relatando os atos que marcaram a ditadura brasileira. Cerca de cinco mil pessoas acompanhavam a conferência sobre os direitos humanos e ouviram denúncias sobre a tortura no Brasil. O episódio é um dos exemplos da força da palavra do religioso na Europa, sobretudo na França, país onde esteve mais de 30 vezes e onde a Associação Dom Helder Memória e Atualidade, criada em 2000, preserva e retransmite suas ideias.

A influência do seu pensamento na Europa ainda hoje rende homenagens e ações sociais. Em Nantes, também na França, há um colégio chamado Dom Helder Camara. Em Paris, desde 2006, pessoas carentes têm direito a um abrigo temporário na Casa Helder Camara. Na Holanda, estudantes frequentam o Departamento Helder Camara na Universidade Livre de Amsterdã, na qual ele é doutor *Honoris Causa* em Sociologia desde 1975. Na Itália, existe o Centro Internacional Dom Helder Camara, em Milão, que difunde ideias do religioso. O ano de seu centenário, 2009, trouxe à tona, sobretudo na imprensa pernambucana, a influência de Dom Helder no cenário religioso brasileiro e também em outras áreas do social. Foram publicadas diversas matérias sobre projetos iniciados pelo então arcebispo de Olinda e Recife que ainda hoje estão sendo executados. A Operação Esperança é uma das iniciativas que ainda existem atualmente. O caderno especial editado pelo Jornal do Commercio, de Pernambuco, no dia 07 de fevereiro de 2009, fala sobre o centenário de nascimento do sacerdote a partir do que foi chamado na reportagem especial de “sementes”.

Diz trecho da reportagem especial:

Com orgulho, o agricultor José Manoel Torres, 54 anos, relata a produção do ano passado do Engenho Ipiranga, no Cabo de Santo Agostinho, Grande Recife. Dezesseis mil toneladas de cana-de-açúcar vendidas para as usinas. Outros milhares de toneladas de coco, banana, batata, macaxeira e inhame. Ele e outras 39 famílias ganharam, na primeira metade da década de 70, terras da propriedade. Hoje, são cerca de cem, que sobrevivem do que plantam. A propriedade de 457 hectares foi comprada por Dom Helder com o dinheiro obtido em dois prêmios concedidos a ele pela Noruega e pela Alemanha, ambos em 1974, pela sua atuação em defesa da paz. O então arcebispo de Olinda e Recife, que havia chegado à capital pernambucana uma década antes, mais uma vez mostrou-se revolucionário: realizou a primeira

experiência de reforma agrária em Pernambuco.<sup>1</sup>

A cobertura da imprensa ao centenário do sacerdote reforça uma especificidade de trajetória pastoral um tanto diferenciada de outros líderes religiosos nordestinos: a tentativa de uma ação claramente religiosa articulada com atuação em diversas esferas do social. Uma de suas mais célebres frases exemplifica essa especificidade de sua trajetória “quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista.”

A atuação de Dom Helder não passa indiferente para aqueles que querem entender como se deu a resistência democrática e o combate à ditadura no Brasil. Enquanto setores da igreja apoiavam ou silenciavam em relação os militares, o arcebispo juntamente com outros sacerdotes de seu tempo, como Dom Paulo Evaristo Arns, padre José Comblin, Dom José Maria Pires, entre outros, não se furtava a falar e defender os direitos humanos. É interessante pontuar que Helder Camara não era um revolucionário, nunca quis abandonar suas crenças nem sair da Igreja, queria agir para modificá-la, deixá-la mais perto dos pobres, tendo sido inclusive um dos nomes que mais defenderam a Teologia da Libertação.

Em cartas escritas aos leigos do Brasil dizia que “Aperta-me o coração ver o povo (inclusive peregrinos que vieram de longe) colocado fora da Praça de São Pedro”. Em outro ponto, criticava o “aparato renascentista”, representado pela tiara e o trono do papa, e fez reparos às caudas dos trajes dos cardeais, arrastando-se “pela laje da Basílica”. Suas angústias e esperanças foram relatadas em quase 300 cartas enviadas para leigos do Rio de Janeiro e do Recife, que no ano de seu centenário, começaram a ser publicadas. Outras cartas, chamadas Interconciliares, redigidas no Recife durante o período do Concílio, nas vigílias da madrugada, também revelavam em detalhes o posicionamento progressista do sacerdote.<sup>2</sup>

As cartas revelam de forma mais privada o que os discursos não revelavam por completo. Mas, tanto em uma situação quanto em outra, o que se vê é um pastor de seu tempo, um homem público atento às questões sociais, agindo como um articulador, dentro e fora da igreja. Das cartas, atualmente, sobretudo após a publicação de uma parte delas cujo lançamento em livro marcou um dos destaques da programação de seu centenário, muito se fala. O acesso a elas agora é bem mais fácil. Os textos dos discursos, no entanto, ainda estão restritos a pesquisadores que procuram o Instituto Dom Helder Camara, no Recife. Alguns poucos diante dos cerca de 700 catalogados, ainda têm apenas alguns trechos lembrados,

---

<sup>1</sup> AZEVEDO, Margarida e SCARPA, Paulo Sérgio. Especial Sementes do Dom. Jornal do Commercio, caderno especial, 09-02-2009

<sup>2</sup> Cartas de Dom Helder Camara. Arquivo do Idhec

como o de Paris, já citado nesta introdução.

Do ponto de vista sociológico, o interesse inicial por Dom Helder Camara surgiu a partir de sua atuação durante a ditadura militar, em que ele se constituiu, sem dúvida, num dos célebres críticos do regime, sobretudo durante seu arcebispado em Olinda e Recife. Contudo, a partir da leitura dos discursos de Dom Helder Camara, o corpus escolhido inicialmente foi ampliado. A partir da análise de diversos posicionamentos do sacerdote em variados momentos políticos entre os anos 60 e 90, constata-se a presença de um pensamento sobre o social e uma constante tentativa de “diálogo” com outros campos.

Há textos, ainda no início dos anos 90, onde Dom Helder Camara defendia o Ano 2000 Sem Miséria, bem antes da movimentação nacional em torno do tema no fim do milênio. Em outros, propõe uma revolução pela igualdade e cita a fome como um flagelo social brasileiro. Há textos com sérias críticas à Igreja Católica por sua omissão em relação às questões sociais. Na década de 60, a preocupação com o subdesenvolvimento do Brasil, com a relação entre países do primeiro e do terceiro mundo. Ainda nestes anos e durante toda a ditadura militar, discursos contundentes sobre as garantias individuais, os direitos humanos, a democracia. Neste aspecto, sobretudo no período em que é acusado de Bispo Comunista e em eventos voltados para a Academia, Dom Helder dialoga e se contrapõe a Marx, propondo o que ele chama de Marxismo Cristão. Nas décadas seguintes, a preocupação com a fome, miséria, com as injustiças sociais, com a violência, com o futuro da igreja, dos seus leigos.

Os discursos das primeiras décadas são recheados de números, estatísticas comparativas, de declarações especializadas sobre cada tema abordado. O enfoque especificamente religioso é nítido em citações de documentos da igreja e de opiniões dos Papas da época. Há um forte viés ecumênico, com citações de Gandhi, só para citar um exemplo. Há, sobretudo, um posicionamento intelectual. Nos anos seguintes, com a própria mudança do contexto nacional e global, um novo viés torna-se nítido na fala do Dom, o fim da dicotomia comunismo e capitalismo e uma preocupação mais evidente com questões sociais agora também com foco mais local, cobrando soluções para a miséria e a fome, sempre perpassadas pela religião.

Em seus últimos pronunciamentos públicos, nota-se que a questão de ação no social, tão presente ao longo de sua fala pública, é apenas um dos pontos de sua fala com forte temática religiosa, que agora se reveste de um foco bem mais litúrgico. Há trechos de orações e diálogos com Deus e muitas reflexões sobre a morte e o tempo. Os textos eram mais curtos e questões relacionadas à sua idade eram pontuadas. Para analisar este percurso

de Dom Helder Camara a partir de sua fala pública, é interessante pontuar que o contexto é um fator prioritário para explicar a especificidade de sua trajetória.

Assim, como aponta Pierre Bourdieu:

Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações e deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições, num espaço orientado.<sup>3</sup>

Em busca destas colocações e deslocamentos, os 742 discursos foram inicialmente separados por décadas. Numa segunda fase, já com 375, foi realizado um novo recorte, pois se tornou possível perceber diversos enfoques recorrentes, bem como o “esvaziamento” de outros nos discursos do sacerdote. Diante deste corpus tão diversificado, a escolha do recorte foi se consolidando a partir destas temáticas. Em um terceiro momento, foram selecionados 210 discursos. A grande maioria destes pronunciamentos do religioso no Brasil e no exterior se deu em eventos não religiosos. Entre a minoria estão homilias proferidas na Europa com sérias críticas à Igreja e o discurso de posse de Dom Helder Camara como arcebispo de Olinda e Recife, em 1964. Esse texto foi incluído no campo devido ao seu contexto e seu teor estritamente político, que revelou o posicionamento da igreja em Pernambuco nos anos de Dom Helder.

Em paralelo à seleção do corpus, que abrange discursos proferidos no Brasil e no exterior, entre as décadas de 1960 e 1990, foi se consolidando também a conceituação teórica da dissertação. Inicialmente surgiu o interesse em analisar Dom Helder a partir do conceito de carisma de Weber. Contudo, não havia um séquito de seguidores, fato tão destacado na análise weberiana do poder carismático.

Não existe em Helder Camara, como Weber aborda ao falar do carisma, um pressuposto primordial, a certificação pelo milagre, nem pela prosperidade de seus seguidores, em que o portador do poder carismático deve ser comprovado pela “graça de Deus”. Como conceitua Weber (2004), o carisma pode ser e, naturalmente é, em regra, qualitativamente singular, e por isto determina-se o limite qualitativo da missão e do poder de seu portador por fatores internos e não por ordens externas.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In:-----.(Org). *Usos e Abusos da História Oral*. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas,2005.p.190.

<sup>4</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*.Brasília:UNB, 2004, 2 ed, p 328.

Logo, diante da constatação cada vez mais nítida de que Dom Helder não se posicionou como um portador do carisma, segundo a conceituação de Weber, e tinha uma trajetória semelhante a outros líderes católicos de sua geração, foi feita uma opção de análise a partir da teoria de Pierre Bourdieu para analisar a trajetória de Helder Camara.

Neste aspecto, é pertinente ressaltar que:

(...) as estratégias discursivas dos diferentes atores, e em especial os efeitos retóricos que têm em vista produzir uma fachada de objetividade, dependerão das relações de força simbólicas entre os campos e dos trunfos que a pertença a esses campos confere aos diferentes participantes ou, por outras palavras, dependerão dos interesses específicos e dos trunfos diferenciais que, nessa situação particular de luta simbólica pelo veredito neutro, lhes são garantidos pela sua posição nos sistemas de relação invisíveis que se estabelecem entre os diferentes campos em que eles participam. (BOURDIEU, 1999, p.56)

Para este teórico, campos são essencialmente espaços de relações com lógica própria, um “espaço de forças”, estrutura em que agentes atuam mantendo ou modificando seu posicionamento e a própria estrutura do campo que não é fixa nem definitiva. A partir da análise de discursos selecionados ao longo de quatro décadas, constata-se que há uma busca constante em Helder Camara de defender interesses do seu campo e também de se fazer ouvir em outros setores da sociedade. Essa prática também foi marcante em outros sacerdotes do seu tempo, mas em Camara, no nosso entendimento, é bem mais explícita, polêmica e profundamente engajada com a política, sem nunca abandonar a religião. Contudo, para aprofundar esta análise seria fundamental a abordagem de um “princípio conceitual” que enfoca essa interface entre ações individuais e o social. O conceito de *habitus* estará, neste sentido, sendo também focado nessa dissertação como instrumento de análise teórica para abordar o processo de “ajustamento” e “deslocamento” do sacerdote às diversas fases de sua trajetória. A nosso ver, o conceito de *habitus* é um importante mediador para pensar a relação entre Dom Helder e a sociedade, na medida que, como aponta o próprio Bourdieu:

A sociologia deve incluir uma sociologia da percepção do mundo social, isto é, uma sociologia da construção das visões de mundo, que também contribuem para a construção desse mundo. Porém, dado que nós construímos o espaço social, sabemos que esses pontos de vista são, como a própria palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social. E sabemos também que haverá pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, já que os pontos de vista dependem do ponto a partir do qual são tomados, já que a visão que cada agente tem do espaço depende de sua

posição nesse espaço.

Neste aspecto é pertinente a abordagem de Giovanni Levi:

No fundo, a relação entre *habitus* de grupo e *habitus* individual estabelecida por Pierre Bourdieu remete a seleção entre o que é comum e mensurável, “o estilo próprio de uma época ou de uma classe” e o que diz respeito “a singularidade das trajetórias sociais: “na verdade é uma relação de homologia, isto é, de diversidade na homogeneidade, que reflete a diversidade na homogeneidade característica de suas condições sociais de produção e que une os *habitus* singulares dos diferentes membros de uma mesma classe. Cada sistema de disposições individuais é uma variante estrutural dos demais (...), o estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou classe.<sup>5</sup>

Logo, a presente dissertação pretende enfatizar, a partir de um estudo sobre trajetória em Dom Helder Camara, questões norteadoras sobre as ações deste ator em diferentes situações sociais, abordando sua atuação em diversos contextos, no seu campo e na articulação com outras esferas do social e seus diversos *habitus*, neste contexto de interdependência entre indivíduo e sociedade, bem como o percurso que marca a construção de seus discursos.

Neste sentido, para tratar sobre a trajetória deste sacerdote serão analisados trechos de trinta discursos realizados em diversos contextos. O estudo vai enfatizar, em seu capítulo 01, Dom Helder Camara e o campo religioso, abordando desde a conceituação teórica de campo e *habitus* a elementos do campo religioso e traços biográficos. Já no capítulo 02, será detalhado como a Teologia da Libertação e a opção por um posicionamento mais progressivo da igreja teve reflexos no discurso e na práxis do sacerdote. O capítulo III revela como o esvaziamento do campo da Teologia da Libertação e um olhar mais voltado para questões litúrgicas e pontuais da igreja trouxeram intensificação de uma temática religiosa essencialmente católica para seus pronunciamentos públicos.

A hipótese em questão é que entre os líderes católicos de seu tempo, mesmo tendo uma trajetória semelhante a muitos deles, Helder Camara tenha assumido uma singularidade: a tentativa constante de, a partir da religião, articular ação pastoral com atuação em outras áreas do social.

---

<sup>5</sup> LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In:-----.(Org). Usos e Abusos da História Oral. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas,2005.p.174

## 1. DOM HELDER E O CAMPO RELIGIOSO

“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas a graça das graças é não desistir nunca.”

Dom Helder Camara

Para analisar a trajetória de Dom Helder Camara será enfocada, como base teórica, uma das abordagens desenvolvidas na segunda metade do século XX: a sociologia de Pierre Bourdieu que tem como tônica da sua produção intelectual a busca de uma síntese entre abordagens estruturais e agenciais.

Distante de qualquer análise estritamente fenomenológica, que prioriza a descrição de experiências dos agentes, a presente dissertação pretende abordar, a partir de elementos da teoria bourdesiana, o estudo de trajetória em Helder Camara a partir do chamado conhecimento praxiológico, assim definido por Bourdieu:

(...) o conhecimento que podemos chamar de praxiológico tem como objeto não somente o sistema de relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exteriorização e de exteriorização da interioridade (...) <sup>6</sup>

Neste sentido é importante pontuar que, utilizando como fonte teórica de análise do objeto de estudo em questão – a trajetória de Helder Camara – a partir de elementos da teoria bourdesiana, entende-se o espaço social como espaço que abrange práticas e representações de agentes e de grupos de agentes. Existe uma concordância de que este conceito de espaço social também engloba um expressivo viés relacional.

Conforme ressalta Bourdieu:

Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos quer de grupos, existem e subsistem na e pela *diferença*, isto é, enquanto ocupam *posições relativas* em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade muito real (*ens realissimum*, como dizia a escolástica) e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos. <sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática In: Pierre Bourdieu..Renato Ortiz (org). São Paulo: Ática, 1983, p.19

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. Razões práticas sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996, os 48 e 49.

Para vincular as práticas e representações de Helder Camara a partir de suas sucessivas posições ao longo de sua vida, enquanto agente particular relacionando suas práticas a determinadas situações sociais, a pesquisa também vai abordar especificidades de campos, espaços sociais que se impõem ao indivíduo e também são influenciados por ele.

Essa interface é bem nítida nesta pesquisa que trata da trajetória de um representante religioso, campo que de forma mais específica tem a crença como um elemento essencial. É necessário, então, ressaltar como o ambiente social, foi absolvido por Helder Camara de forma a reforçar sua crença e criar modos de agir e pensar que estruturarão suas ações sociais.

A religião foi sempre muito presente na vida do sacerdote e vivenciada desde sua infância. Helder Pessoa Camara nasceu na capital do Ceará, Fortaleza, em 07 de fevereiro de 1909. Seu pai, João Eduardo Torres Camara Filho, era jornalista, maçom, funcionário de carreira de uma firma comercial e sua mãe Adelaide Pessoa Camara era professora primária. Helder foi o décimo - primeiro dos treze filhos do casal. Oito deles sobreviveram, os outros morreram ainda jovens.

Os pais desde cedo notaram o interesse de Helder porque que vivia dizendo em casa: “Quero ser padre! Quero ser padre!” Outras vezes dizia que queria ser lazarista<sup>8</sup>. Helder também demonstrava seus interesses na vocação eclesial celebrando missas de brincadeira: ajoelhava-se em frente a um altar improvisado com caixas de papelão e, de costas para os fieis<sup>9</sup> imaginários, fazia o sinal da cruz e baixava a cabeça em reverência.

Sobre este período relatam Praxedes e Piletti:

A personalidade e as atitudes cotidianas do pai também tiveram lá sua contribuição para que não fosse a vocação de Helder mais uma entre as tantas despertadas e que logo definham por falta de incentivos e exemplos. As vigílias dedicadas à Virgem durante todo o mês de maio, comandadas e rezadas em latim em casa pelo próprio João, apesar da convicção maçônica que o fazia usar regularmente o famoso anel com um triângulo e um compasso simbolizando o Grande Arquiteto da Humanidade, além de sua irrepreensível conduta como esposo, pai e profissional também marcaram profundamente a formação de Helder.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Na época grande número de padres lazaristas franceses e holandeses atuava no Ceará. Eram conhecidos por sua atuação no meio educacional desenvolvendo trabalhos em escolas regulares confessionais ou nos seminários, na formação dos futuros sacerdotes

<sup>9</sup> Celebrar de costas para os fieis fazia parte do rito litúrgico até então usado no ofício da missa, que era rezada em latim. Após o Concílio Vaticano II, tal prática foi desencorajada e com o tempo caiu em desuso.

<sup>10</sup> PILETI, Nelson e PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Camara: entre o poder e a profecia, Editora Contexto,

Sem dúvida, no nosso entendimento, o ambiente familiar teve um papel importante na trajetória de Helder Camara despertando seu interesse e incentivando a busca por valores como devoção, generosidade e solidariedade, que marcaram, inclusive, muitos trechos de textos escritos pelo sacerdote, em diversas fases de sua vida.

De acordo com Bourdieu, há um sistema de disposições para uma prática determinada que possibilita a atuação do sujeito em circunstâncias específicas. É um princípio gerador que também integra e dá um novo significado a características intrínsecas e relacionais de uma determinada posição em uma trajetória. Esse sistema, esse princípio gerador, Bourdieu chamou de *habitus*.

Como ele observa:

Assim como as posições com que são produto, os *habitus* são diferenciados, mas também são diferenciadores. Distintos e distinguidos, eles também são operadores de distinção; põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns.<sup>11</sup>

De acordo com ele, o *habitus* também possibilita práticas que são diferentes e também diferenciam os agentes. Como Dom Helder Camara teve contato com a religião, sua passagem no Seminário da Prainha, suas declarações políticas e como as expressavam se diferenciam de outros líderes do catolicismo brasileiro. Na verdade, os variados *habitus* deste sacerdote também carregam em si esquemas classificatórios que os distingue de outros religiosos de seu tempo.

O *habitus* como uma conduta de vida é destacada por Passeron:

(...) o *habitus* só se deixa discernir utilmente do ethos, do costume ou dos hábitos sociais, contraídos paulatinamente – estes também se encontram na origem de ações recorrentes – quando o definimos, seguindo Weber, como uma “conduta de vida”, precocemente organizada numa socialização específica, exigível em cada ato e em cada instante da vida, sistematizada por uma propaganda ou pastoral, mantida e justificada segundo as normas e regras de “uma ordem legítima”. Em outras palavras, o *habitus* é o motor de uma dinâmica de racionalização e de unificação da Ação Social.<sup>12</sup>

Para a construção deste princípio de diferenciação e também de unificação da ação social, como orienta Passeron, torna-se fundamental analisar as diversas relações entre os

---

São Paulo, 2009. p 42

<sup>11</sup>BOURDIEU, Pierre. Razões práticas sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996, p. 21.

<sup>12</sup>PASSERON, Jean-Claude. Morte de um amigo, fim de um pensador. In:...(Org). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, os 42 e 43

agentes singulares, como denomina Bourdieu, seus diversos *habitus* e as forças do campo.

Assim, como revela Bourdieu, o *habitus* se configura como:

(...) sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto das ações organizadoras de um regente.<sup>13</sup>

Neste aspecto, em Dom Helder Camara outros fatos de sua infância podem ilustrar o debate sobre seus diversos *habitus*. Sua mãe, Dona Adelaide, foi sua primeira professora e incentivadora da sua vocação. Com uma vida essencialmente urbana, o pai como funcionário de carreira e colaborador de jornal, com tios bacharéis, jornalistas e políticos com alguma projeção, e o irmão mais velho, Gilberto, já circulando nas rodas literárias e jornalísticas de Fortaleza, Dom Helder contou com um ambiente estimulador para um contato com a cultura europeia tão incentivada pelos padres lazaristas franceses e holandeses do seminário.

O seu *habitus* primário e a sua atuação no início da vida religiosa também contribuíram para uma conduta um tanto diferenciada em relação à grande maioria dos sacerdotes de sua época que começavam sua atuação religiosa já no trabalho pastoral junto à comunidade. Dom Helder, por exemplo, nunca foi vigário, nunca teve uma paróquia. Logo após exercer as primeiras atividades como padre, aderiu à Ação Integralista Brasileira. Suas primeiras ações como sacerdote se deram entre intelectuais e operários.

Em trecho de entrevista ao Jornal do Brasil, em 24 de abril de 1977, ele fala publicamente sobre sua participação no integralismo, que considerava seu pecado de juventude:

Ordenei-me com 22 anos, em 1931. Pouco tempo depois, Plínio Salgado começava a escrever num jornal de São Paulo, chamado Ação. No Ceará, líamos aqueles artigos com certa avidez. Devo muito, mas por isso mesmo me sinto à vontade para dizer que, do ponto de vista social, saí pouco aparelhado. O aspecto social não era o forte dos meus mestres. Tanto assim que nossa visão era a de que o mundo se dividira, cada vez mais, entre direita e esquerda, entre capitalismo e comunismo. Então quando surgiu a Ação Integralista Brasileira, eu estava tão convicto de que o mundo realmente partiria para este embate, para esta divisão que consultei meu bispo, ao ser convidado para ingressar no movimento. O arcebispo de Fortaleza

<sup>13</sup> BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática In: Pierre Bourdieu...(org). São Paulo: Ática, 1983, p 61

julgou que seria interessante e oportuno que entrasse, porque - dizia ele - ao menos você estará com os jovens, com os trabalhadores e, se aquilo tomar um rumo errado demais, você pula fora, com o pessoal.<sup>14</sup>

Se na juventude foi integralista, na vida adulta foi um dos defensores da democracia e da liberdade e no fim da vida um dos articuladores de uma campanha nacional para o ano 2000 sem miséria e pela paz. Elementos de sua trajetória reforçam as diversas e sucessivas posições deste sacerdote, bem como encaixes e deslocamentos nas diferentes etapas que levam de uma posição a outra.

Neste aspecto há uma concordância com Setton (2002, p.61) na medida em que ele (...) embora seja visto como um sistema gerado no passado e orientado para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. Logo, para pensar o campo enquanto tal é necessário também pensar a posição que o agente ocupa nele. A ligação entre *habitus* individuais e a estrutura do campo, determinada socialmente, é, no nosso ponto de vista, um caminho para o entendimento do social. Isso se reflete na análise da trajetória de Helder Camara a partir dos sucessivos posicionamentos deste sujeito social ao longo de sua vida como resultado de condutas consolidadas ao longo do tempo, mas modificadas de acordo com a dinâmica da sua posição no campo bem como em suas lutas internas.

Assim, uma análise das noções de *illusio* e estratégia é interessante para entender essa relação. Também compreendido como interesse, o primeiro conceito é visto na teoria bourdesiana como um estímulo ou motivação do agente a partir de determinados *habitus* em campos específicos. Já a noção de estratégia abrange práticas que resultam como produtos dos diversos *habitus*, motivadas por uma situação histórica determinada. Na visão de Bourdieu, são ações inconscientes e se adaptam às necessidades impostas pelo contexto.

No trecho a seguir o teórico aborda esta temática:

A existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesses específicos: através dos investimentos indissoluvelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus*, o campo e aquilo que está em jogo nele (...) em outros termos o interesse é simultaneamente condição de funcionamento de um campo (campo científico, campo da alta-costura etc) na medida que isso é o que estimula as pessoas, o que as faz concorrer, revitalizar, lutar e produto do funcionamento do campo.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> CARVALHO, Divane. Quanto mais negra é a noite mais carrega em si a madrugada. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 12, 24-04-1972.

<sup>15</sup> <sup>17</sup> BOURDIEU, Pierre. O interesse do sociólogo. In Coisas Ditas. São Paulo: Braziliense, 2009, p. 127

Em relação ao conceito de estratégia Bourdieu ressalta:

Em termos mais precisos, ela predispõe a uma concepção ingenuamente finalista da prática (a que sustenta o emprego coerente de noções como interesse, cálculo racional etc.). Na verdade, todo o meu esforço visa, ao contrário – com a noção de *habitus*, por exemplo –, explicar o fato de as condutas (econômicas e outras) adquirirem a forma de sequências objetivamente orientadas em referência a um fim, sem serem necessariamente orientadas em referência a este fim, sem serem necessariamente produto de uma estratégia consciente, nem de uma determinação mecânica. Os agentes de algum modo caem na sua própria prática, mais do que a escolhem de acordo com um livre projeto, ou do que são empurrados para ela por uma coerção mecânica. Se isso acontece dessa maneira, é porque o *habitus*, sistema de disposições adquiridas na relação com um determinado campo, torna-se eficiente, operante, quando encontra as condições de sua eficácia, isto é, condições idênticas ou análogas aquelas de que ele é produto.<sup>16</sup>

É importante frisar que em muitos momentos de sua trajetória constata-se, como será descrito nos capítulos seguintes, que muitas das ações deste sacerdote são práticas incorporadas ao longo do tempo de sua ação enquanto padre como o uso da batina, só para citar um exemplo. O religioso em questão usou a vestimenta mesmo após ser opcional sua utilização, o que pode ser visto como uma incorporação eficiente do *habitus* de um sacerdote tradicional.

Analisar a trajetória em Helder Camara é também verificar a constituição do campo religioso no Brasil a partir da década de 1930. O imbricamento entre a igreja e a política, na Teologia da Libertação, por exemplo, remete a uma forma específica de interesse em Dom Helder e nos outros integrantes da chamada igreja progressista, que gerou interesses contrários e conflitos dentro do campo religioso. O posicionamento mais voltado para ação social da igreja, uma das linhas mestras da Teologia da Libertação, temática detalhada posteriormente nesta dissertação, só se consolidou como linha de pensamento e de atuação de determinados setores da igreja numa determinada época porque havia uma crença no valor que esse posicionamento poderia trazer em termos de interesse para o campo.

A busca por esta ação ao mesmo tempo além e a partir da religião é sempre vista ao longo da atuação de Helder Camara. Neste aspecto, é pertinente apontar que os sucessivos momentos da vida deste sacerdote foram enfocados a partir do conceito de trajetória em Bourdieu que afirma que:

---

<sup>16</sup> BOURDIEU, Pierre. O interesse do sociólogo. In Coisas Ditas. São Paulo: Braziliense, 2004, ps 129 e 130

Diferentemente das biografias comuns, a trajetória descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário, tendo ficado claro que é apenas na estrutura do campo, isto é, repetindo relacionalmente, que se define o sentido dessas posições sucessivas, publicação em tal ou qual revista, ou por tal ou qual editor, participação tal ou qual grupo, etc. (BOURDIEU, 1996, os 71 e 72)<sup>17</sup>

O que foi definido por Bourdieu em relação ao escritor pode ser focado também em relação a outros atores sociais como o agente religioso em questão, sem que o sentido da definição sofra alterações. Abordar as diversas sucessões de acontecimentos a partir da vida de Helder Camara é também verificar que a partir dos textos analisados percebe-se que em muitos momentos *habitus* e campo estão afinados, situação em que ao falar de estratégia Bourdieu especifica como sendo o *habitus*, encontrando condições, como na citação anterior, de sua eficácia a partir da mesma especificidade com o seu campo. No fim de sua vida essa relação é bem mais nítida, como apontam os textos onde o então bispo emérito de Olinda e Recife fala dos Anos 2000 como o aniversário de Cristo.

Neste sentido, ao falar de campos utilizaremos o conceito como noção que reflete a concepção social em Bourdieu, como sendo essencialmente espaço de relações entre agentes e grupos de agentes. É a partir destas relações, por exemplo, que por meio da trajetória de Helder Camara é possível também focar através da trajetória de um sujeito individual uma história coletiva.

Na teoria de Bourdieu as posições sociais são fundamentais na constituição dessa relação. Essas posições se relacionam com as estruturas sociais que impõem aos indivíduos formas de convivência e condições objetivas que estarão por trás da constituição do *habitus*, que formará gostos, maneiras de pensar, capacidades e desenvoltura para certas atividades, formas de falar e andar. Desse modo, o campo toma contornos muito importantes na obra de Bourdieu.

O campo é um espaço de disputa que dispõe de regras próprias. Os pólos de opostos que se dividem em dominantes e dominados estruturam o campo de modo que os “combates” se darão em torno da conquista das posições de dominação pelos dominados e manutenção dessas posições pelos dominantes. A arma desses embates é o capital particular de campo. Cada campo é um microcosmo com regras, valores e procedimentos particulares e intransferíveis.

---

<sup>17</sup> BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996, ps 71 e 72)

Logo,

Compreender a gênese social de um campo, e aprender aquilo que se faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo da linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas que em jogo que nele se geram é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e dos não motivado os atos dos produtores e as obras por ele produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.<sup>18</sup>

A abordagem da trajetória em Helder Camara também, no nosso entendimento, é a busca da compreensão dos diversos *habitus* característicos do sacerdote, de um grupo de sacerdotes e a lógica do campo em que atuam.

Para compreender como Bourdieu se posiciona em relação à religião, é preciso entender como ele configura o campo religioso. Em “Gênese e Estrutura do Campo Religioso”, publicado originalmente, em 1971, Bourdieu inicia sua análise dialogando e se contraponto aos três clássicos da sociologia: Marx, Weber e Durkheim. Segundo ele, é preciso englobar num sistema coerente as contribuições das diferentes teorias parciais e excludentes mutuamente, localizando-se no ponto em que pode ser percebido cada ponto de vista.

Assim:

(...) a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos. (BOURDIEU, 2004, p.34)

Neste texto, ele afirma que as mudanças tecnológicas, econômicas e sociais, o desenvolvimento das cidades e a divisão do trabalho foram fatores que contribuíram para a formação de um campo religioso relativamente autônomo e consolidação da moralização e normatização de crenças e práticas religiosas.

Assim, no campo religioso, o corpo de sacerdotes, na visão de Bourdieu, tem a ver diretamente com a racionalização da religião. Logo, de acordo com ele:

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação *por um corpo de especialistas religiosos*, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um “*corpus*” *deliberadamente organizado de conhecimentos secretos* (e

---

<sup>18</sup>BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 12 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009, p. 69

*portanto raros*), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em *leigos* (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal.<sup>19</sup>

Como agente deste campo, Helder Camara contribuiu como autor para a reprodução deste “corpus” descrito por Bourdieu, na medida que também escreveu diversos livros como *Indagações de uma vida melhor*, *Um olhar sobre a cidade*, *Mil Razões para Viver*, entre outros, inclusive muitos deles foram traduzidos para diversos idiomas. Helder Camara também comandou um programa de rádio por vários anos. Para se ter uma idéia da produção intelectual deste agente, o Idhec preserva em sua sede no Recife 45 livros de sua autoria (traduzidos em 16 idiomas), 27 prefácios em livros no Brasil e no exterior, 7.547 *Meditações*, 297 cartas chamadas de *circulares conciliares*, 2.122 cartas *circulares inter e pós – conciliares*, 2.735 programas de rádio – “Um Olhar sobre a Cidade” (1974 – 1983); 1.810 programas de rádio – “Pausa para uma Prece” (1976-1983) e 44 volumes encadernados com recorte de jornais nacionais e internacionais.

Neste aspecto, é pertinente acrescentar que a religião, para Bourdieu funciona como princípio de estruturação:

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.<sup>20</sup>

Para Bourdieu, tanto do ponto de vista da relação com o sagrado, quanto na abordagem com o social, são criadas relações diferenciadas entre o *corpus de especialistas*, os sacerdotes, e os leigos, que revelam a dinâmica do campo religioso. Essa dinâmica também pode ser caracterizada por relações de concorrência entre especialistas no interior do campo religioso.

Em Helder Camara essa relação é bem nítida, tanto em relação a momentos de consonância com seu campo quanto em fases marcadas pela concorrência entre

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In *A Economia das Trocas Simbólicas*: São Paulo: Perspectiva, 2009, p39.

<sup>20</sup> BOURDIEU, Pierre. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In *A Economia das Trocas Simbólicas*: São Paulo: Perspectiva, 2009, p 48.

especialistas no seu interior, como nas décadas de 1960 e 1970, nos tempos da Teologia da Libertação. A relação diferenciada com os leigos tem uma dinâmica própria na medida em que desde o início de sua ação religiosa Camara construiu uma relação de muita proximidade com o laicato, que vai marcar toda a sua vida enquanto padre e bispo.

Para Bourdieu, numa sociedade de classes – como a brasileira – as representações e práticas religiosas e sua estruturação favorecem a manutenção da ordem social, que se organiza em duas vertentes. De um lado porque a religiosidade dominante tende a justificar a hegemonia da classe dominante e de outro porque os sistemas de representação e práticas religiosas tendem a impor para os dominados um reconhecimento da legitimidade da dominação, a partir do desconhecimento do arbitrário, o que favorece o viés simbólico da representação dominada do mundo político, por meio, por exemplo, da transfiguração simbólica (promessa da salvação), só para citar uma circunstância.

Nota-se que nos seus últimos pronunciamentos públicos, Helder Camara perpassa os seus textos, explicitamente, tendo como argumentos dívidas e promessas de salvação, na medida em que dialoga com seu Deus para pedir consolo e renovar esperanças, em críticas à falta de soluções, o que reforça mais uma vez, agora de forma um pouco mais tradicional e utilizando, em muitos momentos, inclusive um tom mais litúrgico, um forte e explícito posicionamento religioso sobre o social.

Nesse sentido, é pertinente o que Bourdieu caracteriza como função do campo religioso:

O campo religioso tem por função específica satisfazer a um tipo particular de interesse, isto é, o interesse religioso que leva os leigos a esperar de certas categorias de agentes que realizem “ações mágicas ou religiosas”, ações fundamentalmente “mundanas” e práticas, realizadas “a fim de que tudo corra bem para ti e para que vivas muito tempo na terra”, como diz Weber.<sup>21</sup>

Bourdieu definia interesses religiosos quando além de demandas mágicas, no mínimo em classes específicas, existia uma demanda ideológica, a busca por uma visão que fosse capaz de promover um sentido para a vida, que ateste o porquê da existência numa específica posição social. Para ele, o interesse religioso era determinado pela situação social.

Neste aspecto, o discurso de Helder Camara no início da sua vida sacerdotal era fortemente marcado pelo viés da propagação religiosa para manutenção da ordem - sua

---

<sup>21</sup> BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In A Economia das Trocas Simbólicas: São Paulo: Perspectiva, 2009, p 82.

passagem por órgãos públicos como defensor do ensino católico na rede oficial -, respondendo a uma demanda ideológica chamada por Bourdieu como a demanda da legitimação da ordem estabelecida. Já no fim da sua vida, com seu discurso que mesclava ação em defesa do fim da miséria e pela paz com esperança de salvação, o sacerdote utiliza em seus textos, sob um novo estilo, num novo contexto, a mesma necessidade de uma ação religiosa que possibilitasse alterações no social, o que atesta, no nosso entendimento, como aponta Bourdieu, que os diversos *habitus* deste sacerdote geraram respostas que podem ser adaptadas em menor ou maior intensidade às exigências do campo.

Em muitos momentos de sua vida, a visão de mundo do arcebispo e de outros sacerdotes no Brasil e no exterior, apontados como progressistas, fato a ser detalhado posteriormente nesta dissertação, não era unânime em seu campo de origem. Havia muitas restrições a seu posicionamento dentro da igreja, sobretudo em sua ala mais conservadora, quando a Teologia da Libertação passou a ser vivenciada na América Latina e, particularmente, no Brasil.

Logo, é importante reforçar que, na teoria bourdesiana, a estrutura destas relações do campo religioso cumpre no social uma função externa de legitimação da ordem estabelecida, na medida em que a manutenção da ordem simbólica corrobora para a manutenção da ordem política. Neste sentido, é importante enfatizar que Dom Helder também não foi um profeta. Nunca propôs ruptura com a igreja católica. Bourdieu, neste sentido, faz uma crítica aos “protagonistas” da ação religiosa para Weber: profeta, feiticeiro e sacerdote. Neste aspecto, é pertinente apontar que segundo Bourdieu, o posicionamento weberiano de definições e limites de cada agente ficou comprometido pela metodologia de estabelecimento do “tipo ideal”. Ele critica o método weberiano que em sua opinião não volta o seu olhar para o jogo dinâmico que existe no campo religioso.

Para Bourdieu, o profeta é um opositor ao corpo sacerdotal, da mesma forma que o extraordinário ao ordinário.

A ação carismática do profeta exerce-se fundamentalmente por força da palavra profética, extraordinária e descontínua, ao passo que a ação do sacerdócio exerce-se por força de um “método religioso do tipo racional” que deve suas características mais importantes ao fato de que se exerce contínua e cotidianamente.<sup>22</sup>

Bourdieu (2009, p. 120) afirma que “o campo religioso é um espaço no qual o

---

<sup>22</sup> BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In *A Economia das Trocas Simbólicas*: São Paulo: Perspectiva, 2009, p 89.

agente que é preciso definir (profeta, padre, feiticeiro etc) luta pela imposição de definição legítima não só do religioso, mas também das diferentes maneiras de desempenhar o papel religioso”. Em mais uma crítica a Weber, que, segundo ele, faz uma representação ingênua do carisma como um aspecto misterioso ou dom natural e extraordinário, Bourdieu diz que é preciso ultrapassar a visão específica sobre a relação entre o profeta e o público, passando a levar também em consideração o grupo e seus símbolos religiosos.

O profeta deve sempre ser visto a partir de sua relação com os leigos e, para Bourdieu, seu poder carismático não é uma propriedade específica de um indivíduo em particular. Assim, o profeta é um agente que acumula poder simbólico que remete a algo que já existe, portador de uma mensagem de grupo. Não havia multidões seguindo Helder Camara, romeiros o reverenciando. Ao analisar seus textos percebe-se que ele sempre se pronunciou enquanto sacerdote e mesmo diante das críticas a sua igreja que fez publicamente em vários momentos nunca se opôs a ela, nem cogitou sair dela.

Neste aspecto, é também pertinente apontar não só as mudanças sociais e econômicas que marcaram a atuação do padre ao longo de diversas décadas, como também as transformações nas relações dentro do próprio campo e entre campos.

Apesar de não ser o foco desta pesquisa um relato histórico detalhado da constituição do campo religioso brasileiro, torna-se importante enfatizar alguns momentos de história e de seu estágio atual para contextualizar a sociedade brasileira e a atuação de Dom Helder Camara em diversos momentos de sua trajetória.

De acordo com Teixeira:

Com base nos dados do Censo de 2000, realizado pelo IBGE, o catolicismo continua sendo a religião majoritária do Brasil, envolvendo cerca de 125 milhões de membros, ou seja  $\frac{3}{4}$  da população brasileira (73,8%). Mas se os números absolutos mostram essa presença massiva, o olhar atento sobre os censos brasileiros, sobretudo a partir da segunda metade do século passado, já revela uma progressiva redução de membros. Em sua clássica análise dos censos de 1940, 1950 e 1960, Candido Procópio Camargo já havia pontuado uma tendência geral para um declínio moderado, mas constante, de adeptos da Igreja Católica. Mas foi, sobretudo a partir dos anos 1980, que a porcentagem de católicos foi declinando cada vez mais: 90% em 1980, 83,3% em 1991 e 73,8% em 2000.<sup>23</sup>

O censo de 2000 também revela outras mudanças no campo religioso brasileiro como o crescimento dos evangélicos, 15,4%, e das pessoas que se declaram sem religião,

---

<sup>23</sup> TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo brasileiro contemporâneo. In: Catolicismo Plural. Dinâmicas Contemporâneas.—(org). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009 p. 17.

7,3%. As estatísticas comprovam que a igreja católica no Brasil não tem mais de fato o papel definidor de forma hegemônica da identidade religiosa brasileira.

O catolicismo no Brasil abrange uma diversidade bastante complexa, como aponta Teixeira:

Na verdade, existem muitos “estilos culturais de ‘ser católico’”, como vêm mostrando os estudiosos que se debruçam sobre esse fenômeno. São malhas diversificadas de um catolicismo, ou se poderia mesmo falar em catolicismos. Há um catolicismo “santorial”, um catolicismo “erudito ou oficial”, um catolicismo dos “reafiliados”, marcado pela inserção num “‘regime forte’ de intensidade religiosa” (CEBs, RCC) e um emergencial catolicismo midiático. Não se trata de realidades estanques e cristalizadas, mas inserem-se num quadro geral marcado por relações de comunicação, de proximidades, tensões e distanciamentos.<sup>24</sup>

Logo, a trajetória de Dom Helder Camara se dá em diversos contextos da sociedade brasileira. Ao ser ordenado padre, em 15 de agosto de 1931, aos 22 anos, por exemplo, Helder Camara começou sua ação pastoral num novo contexto da igreja no Brasil. Logo após a Proclamação da República, havia por parte da igreja brasileira uma constante tentativa de universalização como prioridade pastoral. Com o surgimento na república no país, ocorreu a separação entre a igreja e Estado, sendo mantida a liberdade religiosa. As mudanças do mundo moderno finalmente atingem o Brasil no início do século XX, e a década de 20, por exemplo, assiste à crescente urbanização e o começo da secularização da religião. Tais mudanças são um duro golpe na capacidade de influência da Igreja Católica sobre os rumos do país.

Na tentativa de reverter esse quadro, uma intelectualidade católica se forma naquele momento com o intuito de resgatar os valores católicos que começavam a não ter tanta primazia na esfera política. E alguns homens foram fundamentais na constituição desse espaço de debates que procurava levar os valores do campo religioso para o campo político. Notadamente Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima foram alguns atores deste movimento.

De acordo com Bruneau (1974, p.73)<sup>25</sup> esse cenário foi construído porque o catolicismo brasileiro queria implantar uma igreja nos moldes europeus, desconsiderando a realidade brasileira. Porém, no tempo em que Padre Helder foi ordenado o contexto da igreja no Brasil estava assumindo novos contornos. O presidente Getúlio Vargas via o

---

<sup>24</sup> TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo brasileiro contemporâneo. In: Catolicismo Plural. Dinâmicas Contemporâneas.—(org). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p.20.

<sup>25</sup> BRUNEAU, Thomas C. O catolicismo brasileiro em época de transição. São Paulo: Loyola, 1974, p. 73.

campo religioso como um importante elemento de aproximação com o povo. Um exemplo deste contexto foi, sem dúvida, a Constituição de 1934, que estabelecia o ensino religioso facultativo na escola pública e a presença do nome de Deus na Carta Magna.

Em 1935, a igreja no Brasil oficialmente lançou seu primeiro programa pastoral de caráter nacional que marcou uma fase no catolicismo brasileiro até os anos de 1960, a Ação Católica, um movimento internacional que teve sua versão no Brasil e priorizava a formação do apostolado, mas também incentivava a participação de leigos e uma maior proximidade com as questões sociais. Nas décadas seguintes, a partir da aceleração do processo de industrialização e urbanização no país e outros fatores, entre eles, o êxodo rural, o comunismo e o crescimento do protestantismo fizeram com que Helder Camara fosse um dos principais nomes do catolicismo a defender uma participação maior do laicado como na vida política do país. Surgiriam então diversos movimentos formados por leigos como a Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC)..

Como ressalta Thomás Bruneau:

Antes da ação da Igreja na promoção da mudança social, houve a elaboração, por um grupo de bispos, de uma ideologia que justificava e urgia tal atividade. A formulação dessa ideologia resultou de um trabalho consciente de Dom Hélder, a força propulsora que anima o setor progressista da Igreja. Ele estava consciente de que qualquer instituição, incluindo a Igreja, deve ter líderes que esbocem as linhas mestras e estabeleçam objetivos. Era ele um desses líderes, cercado de um grupo de uns dez outros bispos, duas ou três vintenas de padres, e mais ou menos o mesmo número de leigos jovens e ativos.<sup>26</sup>

Já como apontam Machado e Mariz (1998, p. 5), a partir das décadas de 60 e 70, consolidando-se nos anos 80 e 90, um novo fenômeno constitui-se no cenário das religiões no Brasil, instaurando o que chamam de um *pluralismo institucional*.<sup>27</sup> Neste sentido, como enfatiza Bourdieu, a sociedade brasileira passa a ter, de forma cada vez mais intensa e crescente, diversas instâncias compondo o campo religioso brasileiro.

Neste sentido é pertinente o posicionamento de Steil(2001)<sup>28</sup> que afirma que pluralidade de crenças e visões religiosas do mundo altera de maneira significativa o papel da religião na sociedade, passando da condição de "fundante do social" para se restringir à esfera da cultura e da produção de significados e símbolos que fornecem um sentido para a subjetividade do indivíduo moderno.

<sup>26</sup> BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974, p. 147.

<sup>27</sup> MACHADO, Maria das Dores Campos & MARIZ Cecília. "Sincretismo e Trânsito Religioso: Comparando Carismáticos e Pentecostais", in *Comunicações do Iser*, nº 45, ano 13, 1994, pp. 24-34.

<sup>28</sup> STEIL, Carlos Alberto. "Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso", in *Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, nº 3, 2001, p.115-29.

Esse novo contexto exigia uma tomada de decisão da igreja católica. Helder Camara percebeu este e outros momentos que marcaram a trajetória do catolicismo no Brasil e sempre procurou defender a religião e através dela agir no social.

## 1.1 PADRE HELDER – DO CEARÁ AO RIO DE JANEIRO

Assim para analisar essa interface entre religião e sociedade na trajetória de Helder Pessoa Camara<sup>29</sup> torna-se pertinente pontuar alguns fatos e acontecimentos vividos pelo sacerdote desde o início de sua vivência pastoral, sem ter o objetivo, nem a pretensão de fazer um relato biográfico detalhado de sua vida como um fato isolado do social, ocorrendo na chamada “ilusão biográfica”, como observa Bourdieu.

O nome Helder foi dado por seu pai. Era de um porto pequeno na Holanda. Já sua mãe queria que ele fosse chamado José e desde sua ordenação o chamou de Padre José. Como relata Cirano (1983), já crescido, Dom Helder, que acredita em anjos, estendeu esse nome, em homenagem à mãe, ao seu anjo de guarda. As vigílias de Helder durante a madrugada também foram chamadas por ele de Meditações de Padre José.<sup>30</sup>

Com o *habitus* primário, o familiar, marcado fortemente pela religião, Helder Camara chegou ao Seminário da Prainha, comandado por padres lazaristas europeus, em Fortaleza, em 1923, ainda de “calças curtas”. Como não tinha a idade mínima, 24 anos pelo direito canônico, recebeu uma autorização especial do Vaticano para ser ordenado.

Como apontam Praxedes e Piletti (2009) já próximo de ordenar-se sacerdote, Helder passou por uma forte crise vocacional, angustiado pelo fato de se encontrar prestes a assumir um compromisso com a igreja, e ao mesmo tempo, pensando em canalizar sua inquietude intelectual para a ação política, chegando até a pensar em renúncia.<sup>31</sup> Ao que revela sua trajetória, no nosso entendimento, o que foi motivo de dúvidas neste período acabou se transformando numa atuação pastoral bem singular que sempre procurou a partir da religião não só tratar de assuntos políticos, a partir da ótica católica, mas interferir no social. As “sugestões fraternas” tão comuns em seus textos das décadas de 1960 e 1970 são

<sup>29</sup> Quanto à grafia do nome e sobrenome de Dom Helder (1909-1999) foi utilizada nesta dissertação a grafia conforme registro de nascimento do sujeito em questão, não usando os acentos que seriam normalmente exigidos pela língua portuguesa, sobre o “e” de Hélder e o “a” de Câmara. In Vaticano II: Correspondência Conciliar. Circulares à Família do São Joaquim (Recife: Ed. UFPE, 2004).

<sup>30</sup> CIRANO, Marcos. Os Caminhos de Dom Hélder - Perseguições e Censura, Editora Guararapes, Recife, 1983, p. 57.

<sup>31</sup> PILETI, Nelson e Praxedes, Walter. Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia, Editora Contexto, São Paulo, 2009, p. 69.

um exemplo desta relação tão próxima entre política e religião para Camara.

Outro fato que aponta para uma particularidade na trajetória deste sacerdote é sua visão sobre a necessidade de se comunicar e divulgar suas idéias, mesmo sob pseudônimos. Já nos anos finais do seminário, Helder, passou a publicar artigos em jornais locais, onde polemizava contra o materialismo, o sub-homem e o marxismo. Admirado pelos colegas seminaristas, visto com preocupação pelos superiores, é levado a interromper a carreira de articulista pelas mãos de Monsenhor Tabosa Braga, então vigário-geral de Fortaleza.

Neste período um fato vai ser razão de críticas ao longo de sua trajetória como um dos nomes do catolicismo que mais defenderam a liberdade: a participação do padre Helder no integralismo. Em 7 de outubro de 1932, nascia a Ação Integralista Brasileira (AIB), partido político brasileiro fundado por Plínio Salgado, escritor modernista, jornalista e político. Tão logo o partido iniciou suas atividades, começaram a haver conflitos com grupos rivais, assim como com a polícia, devido às conjunturas de cada localidade do País. Conhecidos como os camisas-verdes, por conta dos uniformes que usavam, o integralismo brasileiro foi, sem dúvida, um movimento de massa na história do país e despertou interesse em diversas classes sociais.

Esse modelo inspirado no fascismo europeu ganhou força no Brasil pregando o nacionalismo, o anticomunismo e o antiliberalismo. Após ser autorizado pelo então arcebispo Dom Manoel da Silva Gomes, o padre Helder aderiu ao Integralismo, passando à militar intensamente como secretário de estudos da AIB no Ceará. Foram cinco anos até o afastamento. Sobre este período ressalta Helder Camara:

Achava-me em plena liça quando surgiu a Ação Integralista Brasileira. Friso este fato porque há uma diferença enorme entre se achar no meio da massa ou entre as quatro paredes de um gabinete. (...) Estivesse no gabinete e teria olhado dessa maneira [como passar de um exagero a outro] a reação nacional-corporativa em face dos excessos a que tinha chegado à ideia, um dia generosa e pura, do liberalismo. Estivesse longe da necessidade de pronunciar-me e teria visto a que exageros, em breve, os estados intervencionistas haveriam de chegar. Ombro a ombro com o homem do povo, eu me tinha de pronunciar. Vi tudo que eu veria no gabinete. Mas tive de escolher o que, no momento, me pareceu um mal menor.<sup>32</sup>

Apesar de reconhecer sua participação como erro, o período em que esteve

---

<sup>32</sup> Arquivo de Helder Camara consultado no Instituto Dom Helder Camara.( ano 1943)

intimamente ligado ao Integralismo ficou marcado na biografia de Camara e, como será visto *a posteriori*, será usado com bastante força pelos seus críticos, principalmente durante a ditadura militar, quando a censura imposta proibia até mesmo de citar seu nome. A AIB, assim como todos os outros partidos políticos, foi extinta após a instauração do Estado Novo, efetivado em 10 de novembro de 1937 pelo então presidente Getúlio Vargas.

Como já citado anteriormente, após sua ordenação, Helder Camara não assumiu nenhuma paróquia ou ação estritamente pastoral. Por determinação da igreja e também por interesse pessoal, Helder passou a atuar em defesa das reformas educacionais, com forte viés religioso, como apontam Praxedes e Pileti( 2009):

Havia muito a Igreja Católica no Brasil elegera a área educacional como prioritária em seu apostolado, pois sua estratégia principal, após a Proclamação da República em 1889, era empreender a educação das elites do país por meio da vasta rede particular de escolas católicas, espalhadas por quase todos os estados. Uma vez cristianizada nos colégios confessionais, essas elites poderiam desempenhar a tarefa de cristianizar o povo, o estado e a legislação. Sem contar ainda que, pelo domínio do mercado de ensino, a igreja conseguia uma rentabilidade que alavancava seus empreendimentos e ajudava na sua reorganização nacional.<sup>33</sup>

Neste contexto, é pertinente ressaltar que, neste período, mais precisamente em 1934, o único cardeal brasileiro de então, Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, fundou a Liga Eleitoral Católica (LEC), que defendia nomes de candidatos comprometidos com a causa da igreja para a Constituinte de 1934. Entre essas causas de interesse do catolicismo estavam o ensino de religião na escola e a assistência religiosa nas forças armadas. Dom Helder foi uma das principais vozes da LEC no Ceará e percorreu diversos municípios cearenses, divulgando os nomes dos candidatos da igreja.

Ainda nos anos 30, mais precisamente em 1935, o padre Helder assume a Diretoria de Instrução Pública do Estado do Ceará, função que corresponderia atualmente à secretaria de educação estadual, pedindo exoneração cinco meses depois. Vale pontuar que nesta época, como enfatizam Praxedes e Piletti( 2009):

O tratamento dispensado a Helder pela Arquidiocese em algumas oportunidades chegava a ser exagerado, despertando certo ciúme no clero cearense. O jovem padre adquirira uma notoriedade suplantada apenas pelo arcebispo, Dom Manoel. Mesmo tendo sido ordenado com mais oito colegas de seminário, os quais no dia-a-dia, amassavam o barro e comiam a poeira das paróquias do sertão

---

<sup>33</sup> PILETI, Nelson e Praxedes, Walter. Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia, Editora Contexto, São Paulo, 2009, p. 79

cearense, apenas Helder, que atuava na capital, e nem sequer era responsável por uma paróquia, tinha o seu aniversário de ordenação sacerdotal comemorado em todos os anos, com direito a missa de ação de graças, ato público e nota de felicitações publicada no jornal mais lido do estado, o diário católico O Nordeste, como ocorreu em 1934, em seu terceiro aniversário de ordenação.<sup>34</sup>

O padre Helder já era visto dentro do seu próprio campo e por outros campos do social como um religioso diferenciado, o que caracteriza, no nosso entendimento, uma trajetória marcada pela presença em diversas esferas, propondo, agindo, conciliando e criticando, a partir da religião o social.

A transferência de padre Helder para o Rio de Janeiro não se deu a partir de uma decisão de seu campo, o religioso, e sim por meio da iniciativa do próprio sacerdote e foi autorizada pelo arcebispado do Ceará. Contudo, Camara, segundo Praxedes e Piletti (2009, p 102) obediente à hierarquia, não toleraria ser considerado desertor nem um empecilho para a realização traçada por Dom Manoel para ampliar a influência política da arquidiocese no estado.<sup>35</sup>

Helder Camara chegou ao Rio de Janeiro em 1936, onde assumiu a assessoria do Instituto de Educação do Distrito Federal e, em 1939, após concurso público, o cargo no Ministério da Educação e Saúde, sempre após aprovação da igreja, neste caso específico do Cardeal Leme. Com um cargo no Ministério de Educação e Saúde, Helder garantia uma posição estratégica da Igreja Católica em um órgão governamental, que controlava desde 1934, na pessoa do ministro Gustavo Capanema, que assumira a pasta na condição de homem de confiança de Alceu de Amoroso Lima para implementar o projeto educacional católico<sup>38</sup>. Nos anos seguintes, Helder Camara trabalharia em várias repartições do Ministério, como as diretorias de ensinos primário, secundário e superior, preenchendo sua rotina como burocrata.

Paralelo ao cargo no Ministério de Educação, o religioso mantinha intensa vida intelectual e apostólica como redator-chefe da *Revista Brasileira de Pedagogia* (de existência efêmera, por motivos financeiros), dirigida por Everardo Backheuser, como membro do Conselho Arquidiocesano do Ensino Religioso e assistente eclesiástico do Secretariado de Educação da recém-criada Ação Católica Brasileira (AC). Ainda escrevia artigos para as revistas *A Ordem e Formação*, e, a partir de 1942, acrescentou a sua agenda

---

<sup>34</sup> PILETI, Nelson e Praxedes, Walter. Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia, Editora Contexto, São Paulo, 2009, s 91 e 92.

<sup>35</sup> Por discordância da constante interferência política na gestão da educação no Ceará, na administração do então governador Menezes Pimentel, Helder Camara pede demissão do cargo em 23 de novembro de 1935 (Praxedes e Piletti, 2009, p. 100).

algumas aulas de Didática Geral nas Faculdades Católicas, transformadas na PUC do Rio e na Faculdade de Filosofia do Instituto Santa Úrsula.

Helder Camara deixaria o Ministério da Educação em 1946. Sobre este período Cirano (1983) aponta que tempos antes o então padre já havia pedido autorização do arcebispo para deixar o cargo público a Dom Leme, que não concordou. Com a morte do arcebispo do Rio, em 1942, Camara fez novamente o pedido a seu substituto, Dom Jaime de Barros.

De acordo com Cirano:

(...) só em 1946, Dom Jaime autorizou Padre Helder a se demitir do Ministério da Educação, não apenas para satisfazer a vontade dele de dedicar-se a trabalhos sacerdotais específicos, mas precisamente porque desejava fazer de padre Helder seu bispo auxiliar. (Cirano, 1983, 78)

Helder Camara foi nomeado bispo auxiliar do Rio de Janeiro em 1952. Essa década foi marcada na trajetória do sacerdote com diversas ações sociais. Em 1950, numa articulação coordenada por Camara acontece no Rio de Janeiro a 4ª Semana Nacional da Ação Católica Brasileira. Nesta oportunidade aconteceu o reconhecimento oficial de diversos movimentos do catolicismo da época, como a Juventude Estudantil Católica (JEC), entre os secundaristas; Juventude Universitária Católica (JUC); Juventude Agrária Católica (JAC); Juventude Independente Católica (JIC); além da JOC, que passou também a ser subordinada a ACB.

Outra singularidade neste período por parte de um sacerdote com destaque na hierarquia da igreja se revela em Helder Camara, nesta fase da sua vida e nas décadas seguintes, em diversos momentos, por meio do constante e polêmico contato com os meios de comunicação para divulgação de sua ação pastoral. Em 1958, por exemplo, comandava um programa (Nas trilhas de Deus), semanalmente, aos sábados na extinta TV Tupi, e, na Rádio Globo, um programa diário chamado O Pão Nosso de Cada Dia. Neste mesmo ano, 1958, organizou uma Tarde Sagrada no Maracanã, com mais de 150 mil pessoas, realizada com apoio da TV Tupi. Sua participação na mídia também se dava em programas de variedades como O Mundo de Tônia e Papai Sabe Tudo. Um ano depois, na sexta-feira santa, uma “Demonstração de Fé” lotou o Maracanã e foi transmitida pela televisão e por uma cadeia nacional de rádio, com mais de 300 emissoras.

De certa forma, a trajetória de Helder Camara nos meios de comunicação antecipa, respeitando sua singularidade e o contexto de cada época, em vários anos, uma tendência que veio marcar o campo religioso brasileiro, o chamado catolicismo midiático. Neste

sentido aponta Teixeira (2009):

Essa nova malha católica envolve “diversas práticas e grupos religiosos que podem ser aglutinados sob o imenso guarda-chuva chamado Renovação Carismática Católica que, junto a outros setores eclesiais, implementaram um outro jeito de ser Igreja”. É sobretudo em razão de sua presença nos meios de comunicação de massa que a RCC marcou uma nova atuação pública na sociedade brasileira. Esses meios de comunicação foram também os instrumentos privilegiados que ela encontrou para fazer frente ao progressivo processo de “destraditionalização” em curso na sociedade brasileira e apostar na reinstitucionalização católica. (Teixeira, 2009, p. 21)

Longe de traçar qualquer comparação entre atores sociais em contextos sociais distintos, o que nos chama atenção em Camara, sem deixar de levar também em comparação que a cultura midiática é um processo bastante complexo e que envolve produção de conteúdo, interpretação e recepção, é que ao usar a mídia em sua ação pastoral, este sacerdote não se adequou totalmente à lógica e ao imediatismo da mensagem midiática, sem abrir mão de um posicionamento mais crítico do social e suas relações. Isso é bem nítido, sobretudo, no período militar, quando as respostas do então Arcebispo de Olinda e Recife por diversos anos, não eram publicadas nos meios de comunicação, antes da censura definitiva, que chegou ao fim em 1977. Vale salientar que os meios de comunicação no contexto social em Helder Camara não eram utilizados apenas como instrumentos em defesa da tradição do catolicismo, mas também como meios de divulgação pastoral e social.

A capacidade articuladora em Camara já era bem evidente neste período. O sacerdote, nomeado Monsenhor, em 1948, por Dom Jaime, organizou a presença brasileira no Ano Santo de 1950, em Roma, várias semanas sociais da Ação Católica e encontros regionais de bispos, nas áreas mais problemáticas do país.

Junto com Dom Jaime Camara, arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Helder Camara articulou o apoio do então presidente Getúlio Vargas ao projeto da realização no Rio de Janeiro do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, que reuniu cardeais, arcebispos e bispos de todo o mundo.

O congresso foi muito importante para a igreja no Brasil e também mostra o papel desempenhado por Helder Camara para sua realização:

Todos, brasileiros e estrangeiros, foram unânimes em reconhecer o extraordinário sucesso obtido pelo Congresso, também em termos de organização. Por trás do monumental desempenho estava a figura de Dom Helder, a quem o cardeal Jaime confiara, com plena delegação de poderes, a coordenação dos trabalhos. Dom Helder fora capaz de mobilizar todos os

segmentos da população carioca, mesmo aqueles que não compartilhavam da fé católica para aproveitando com extrema habilidade a competência profissional e os dotes pessoais de inúmeros grupos sociais: profissionais liberais, operários, militares, empresários etc. Esta capacidade, sobejamente demonstrada na coordenação do Congresso, consagrou-o definitivamente como líder de estatura nacional, além de proporcionar-lhe uma penetração fora do comum na Arquidiocese do Rio de Janeiro.<sup>36</sup>

É interessante ressaltar que durante seus 28 anos de ação religiosa no Rio de Janeiro, Helder Camara foi colaborador de diversas publicações católicas, criou a Cruzada São Sebastião, um plano de reurbanização do Rio de Janeiro a partir da transferência de moradores de áreas populares da cidade, e o Banco da Providência para apoiar as famílias com liberação de crédito para pessoas que não tinham acesso aos bancos.

Como relatam Praxedes e Piletti (2008, p 212) diante da quantidade de pedidos no Palácio de São Joaquim, no Rio de Janeiro, nasceu a ideia da criação de uma instituição que centralizasse a obtenção de recursos e donativos da sociedade, organismos internacionais e Estado para distribuição planejada para os mais necessitados. Assim surgiu o Banco da Providência.

Os autores citados acima acrescentam:

Uma espécie de superentidade filantrópica para manter as entidades menores e socorrer pessoas em situação de risco. Dom Helder encampou a idéia e conseguiu de imediato que vários empresários e políticos de prestígio também se engajassem nesse novo projeto, batizado do Banco da Providência. (Praxedes e Piletti, 2008, p 213)

O banco existe até hoje e atende cerca de 10 mil pessoas anualmente, segundo balanço de 2009 que está disponível no site que aborda também informações sobre os propósitos de Helder Camara na criação da entidade.

Afirma o texto sobre o Banco da Providência disponível em seu site:

Dom Hélder inventou um novo padrão para a filantropia. Implementou, em 1959, três conceitos que só muitos anos depois vieram a ser exigência de qualificação em projetos sociais: auto-sustentação. Para isto criou a Feira da Providência, principal fonte de arrecadação de recursos, a sociedade civil organizada, assim, imprimiu aos seguidores de suas ideias o compromisso da esfera religiosa atuar como importante articuladora da sociedade civil e o voluntariado como o principal eixo de sustentação destes valores compartilhados.<sup>37</sup>

<sup>36</sup> BARROS, Raimundo Caramuru de. Para entender a igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II(1930,1968). Petrópolis: Vozes, 1994, p. 19.

<sup>37</sup> [http://www.providencia.org.br/apresentacao\\_fundador.aspx](http://www.providencia.org.br/apresentacao_fundador.aspx), capturado em 02 de fevereiro de 2010. Ver modelo de referência

Já a Cruzada de São Sebastião foi outra iniciativa realizada a partir de uma articulação de Helder Camara que possibilitou mais uma grande divulgação das ações da Arquidiocese do Rio de Janeiro, inclusive recebendo a visita de diversos cardeais e bispos internacionais, como o então arcebispo de Milão, Giovanni Battista Montini, o futuro Papa Paulo VI. Como abordam Praxedes e Piletti (2008, p 200) o próprio Dom Helder reconhecia que as obras da Cruzada “por necessárias que sejam, não são mais que paliativos”. A verdadeira causa das favelas não está aqui, mas sim no campo. É a miséria que empurra os trabalhadores rurais para as grandes cidades.

## **1.2A CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, A CNBB**

Essas ações sociais passaram a credenciar Helder Camara cada vez mais como um representante da igreja, com presença em diversos campos do social. Com *habitus* e campo em consonância, Helder Camara passou a ser designado, cada vez mais, para tratar de assuntos da igreja e do campo religioso com outras esferas do social, como legítimo porta-voz dos interesses do seu campo que passou, cada vez mais, a representar.

Neste período, apoiou, inclusive, só para citar um exemplo de seu nível de articulação entre campos, a posse de Juscelino Kubitschek, tendo com o então presidente uma relação de muita proximidade, inclusive, neste período o governo brasileiro cedeu terrenos da Marinha, em áreas alagadas na Avenida Brasil, no Rio de Janeiro, para a Cruzada de São Sebastião, movimento comandado por Dom Helder Camara para construção de moradias.

De acordo com Márcio Moreira Alves:

D. Hélder tinha-se tornado um dos seus principais conselheiros. Kubitschek ofereceu até nomeá-lo Ministro da Educação e, posteriormente, prefeito do Rio de Janeiro. As recusas não azedaram as relações entre ambos. Kubitschek e D. Hélder tinham entre si uma curiosa semelhança na misteriosa mistura de conservadorismo e audácia que forma os seus caracteres. Eram tradicionalistas e modernos. Os seus sonhos eram a escala gigantesca do Brasil e os seus preconceitos não impediram que se abrissem às ideias novas. No entanto, Kubitschek era fiel apenas a si mesmo; só acreditava na sua estrela e na sua ambição pessoal. Hélder, pelo contrário, é um homem que vive a sua fé e a sua generosidade, e que, além do mais, tem sobre os outros homens a vantagem de não temer a morte. Isto liberta a sua ambição das peias do possível. Torna-o o

---

não pragmático por excelência. É, portanto, único. (ALVES, 1979, P. 179)<sup>38</sup>

O mundo pós-guerra fervilhava, pairava uma onda de insatisfação às formas totalitárias de poder. Os debates acerca de democracia acorriam país afora, criando-se uma atmosfera reformista e progressista. Monsenhor Helder não estava alheio ao panorama histórico social da época e há tempos defendia reformas para a própria Igreja Católica. Após assumir o cargo de conselheiro do núncio apostólico, Dom Carlo Chiarlo, passou a convencê-lo de que já estava na hora de ter uma assembleia de bispos do Brasil como as que existiam nos EUA e na França.

Tendo obtido sinal verde por parte dos cardeais do Rio de Janeiro e São Paulo e do próprio núncio, foi encorajado a ir pessoalmente apresentar a ideia da criação da futura CNBB ao Vaticano, ao subsecretário de Estado do Papa Pio XII, monsenhor Giovanni Batista Montini – futuro papa Paulo VI. Como afirmam Praxedes e Piletti (2009), desse primeiro encontro entre os dois sacerdotes nasceria uma grande amizade que jamais seria encerrada, mas que passaria por serias turbulências depois de 1963, ano em que Montini foi eleito sucessor de João XXIII e tornou-se o Papa Paulo VI. (Praxedes de Piletti, 2009, p. 158).

No dia 14 de outubro de 1952, no Palácio de São Joaquim, no Rio de Janeiro, foi instalada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tendo Helder Camara como seu primeiro secretário-geral.

Como enfatiza Serbin (2002), com o respaldo do Vaticano, Dom Hélder fundou a CNBB, uma das primeiras organizações do gênero dentro do catolicismo mundial. A Conferência revitalizou a Igreja brasileira e estimulou o interesse dos bispos para com problemas sociais e econômicos.<sup>39</sup>

Eleito e consagrado bispo, em 1952, como auxiliar do cardeal-arcebispo do Rio, é promovido a arcebispo em 1955, ano em que ajuda a organizar a primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, no Rio de Janeiro, durante o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, ocasião em que é fundado o CELAM (Conselho Episcopal Latino- Americano)<sup>43</sup>. A reunião eclesial fora convocada por iniciativa direta da Santa Sé. O organismo responsável por auxiliar o Vaticano na preparação do evento foi a CNBB, que havia sido criada três anos antes.

Participaram das sessões de trabalho no Colégio Sacré Coeur os cardeais latino-americanos, exceto os dois da Argentina, devido a impedimentos causados pelo regime

---

<sup>38</sup> ALVES, MÁRCIO MOREIRA. *A Igreja e a Política no Brasil*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1979, p. 179.

<sup>39</sup> SERBIN, Kenneth P. Dom Helder Camara: o pai do catolicismo progressista brasileiro. IN *Perfis Cruzados: trajetórias e militância política no Brasil do século XX*. Rio de Janeiro: Imago, 2002 .

peronista. Congregaram-se 37 arcebispos e 58 bispos, que representavam 66 arquidioceses, 218 dioceses, 33 prelazias, 43 vicariatos e 15 prefeituras apostólicas. No total, a Assembleia seria composta de representantes diretos de 23 países, 60 províncias, 350 circunscrições eclesiais e 150 milhões de católicos.

No final da Conferência, os bispos pediram a Pio XII a criação de um organismo que congregasse os episcopados de cada nação e unisse forças da Igreja na América Latina. Esse pedido recebeu aprovação pontifícia no dia 2 de novembro de 1955, quando se erigia oficialmente o *Consejo Episcopal Latinoamerica*<sup>40</sup>, que teria sua sede em Bogotá (Colômbia). Com o apoio e decidida animação do CELAM, entre os anos de 1956 a 1959 foi criada a maioria das Conferências Episcopais de cada país latino-americano.

Dom Helder Camara integrou todas as conferências gerais do CELAM como delegado do episcopado brasileiro, até 1992: além da conferência de lançamento, no Rio de Janeiro, o sacerdote participou da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968), da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Puebla, 1979) e da Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Santo Domingo, 1992).

Longe de apontar que Dom Helder teria sido o único articulador deste novo momento da igreja na América Latina, há outros especialistas do campo religioso que tiveram uma participação fundamental nesta nova etapa da religião católica como o chileno dom Manuel Larraín e Dom Aloísio Lorscheider, só para citar dois entre tantos nomes.

É verdade que a circulação da mensagem religiosa remete a reinterpretações que podem ser feitas de foram consciente por especialistas do campo religioso. Uma destas reinterpretações e de reordenamento da mensagem religiosa também foi um momento marcante na vida de Helder Camara e da igreja, sobretudo de sua corrente mais progressista, o Concílio Vaticano II, que será detalhado no início do capítulo seguinte.

---

<sup>40</sup> Como todas as nações latino-americanas, com exceção do Brasil, adotam o espanhol ou castelhano como língua oficial, o CELAM adotou esta língua como sendo a mais utilizada tanto em seus documentos como em seu site na Internet: <http://www.celam.org>

## 2. O DOM DA PASTORAL

"Só as grandes humilhações nos levam ao recesso  
último de nós mesmos, lá onde as fontes interiores  
nos banham de luz, de alegria e de paz."

Dom Helder Camara

Em 8 de outubro de 1958, é eleito novo pontífice, Angelo Giuseppe Roncalli, tendo tomado o nome papal de João XXIII. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, para surpresa de muitos, convocou a 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "*Humanae salutis*", o Concílio Vaticano II, que visava à renovação da Igreja e a formulação de uma nova forma de elucidar pastoralmente os dogmas ao mundo moderno. João XXIII idealizou o Concílio Vaticano II como:

(...) um "novo Pentecostes" (...) uma grande experiência espiritual que reconstituiria a Igreja Católica" não apenas como instituição, mas sim "como um movimento evangélico dinâmico (...) e uma conversa aberta entre os bispos de todo o mundo sobre como renovar o Catolicismo como estilo de vida inevitável e vital.<sup>41</sup>

O Concílio marcou um novo posicionamento da igreja como abordam Gonçalves e Bombonato (2004):

O desejo de João XXIII de levar a cabo as atitudes de atualização e de diálogo contagiou todos os quatro períodos do Concílio, embora esse papa tivesse participado apenas do primeiro período. As sessões conciliares foram marcadas pela vontade de realizar a perspectiva pastoral que identificou o Concílio. O caráter pastoral do Concílio implicava pensar a melhor maneira de a Igreja renovar suas estruturas internas e de servir ao mundo, promovendo a unidade cristã, das religiões e de todo o gênero humano. Devido a esse clima que permeou os aproximadamente 2600 bispos presentes durante as sessões conciliares, formulou-se uma teologia em diálogo com as ciências, com a história, com as religiões não cristãs, proporcionando à Igreja vislumbrar a dialética entre as necessidades de renovação interna e de renovação de sua postura diante do mundo.<sup>42</sup>

Esse processo de direcionamento para uma visão voltada para o pobre e sua

<sup>41</sup> WEIGEL, George. A Verdade do Catolicismo: Resposta a Dez Temas Controversos (em português). Lisboa: Bertrand Editora, 2002. ps. 45 - 46

<sup>42</sup> GONÇALVES, Paulo Sérgio e BOMBONATO, Vera Ivanise. Concílio Vaticano II; análise e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 2

libertação foi anterior à Teologia da Libertação em Helder Camara.

Ao aderir ao integralismo, o então padre reforçava a visão tradicional da formação de seminaristas, como uma forma de através deste movimento defender a sociedade contra o comunismo, o que não demonstrava incompatibilidade entre o integralismo e sua igreja. Essa visão do social no Padre Helder assumiu novos contornos a partir da leitura das obras do filósofo francês convertido ao catolicismo Jacques Maritain, que propunha um humanismo integral, marcado pela defesa do pluralismo religioso e da democracia. Sobre esta temática afirmou Maritain (1945):

O humanismo tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano, e a manifestar sua grandeza original, fazendo-o participar de tudo o que, na natureza e na história [...] o possa enriquecer; suas exigências são exaustivas, levando o homem a desenvolver suas virtualidades intrínsecas, suas forças criativas e a vida da razão, se esforçando também a transformar as forças do mundo físico em instrumentos de sua liberdade. (MARITAIN, p. 298).<sup>43</sup>

Aliado a reflexões sobre o pensamento de Maritain, o próprio Helder Camara apontou que um momento singular de sua “conversão” teria sido uma conversa em que o Cardeal de Lyon, França, Pierre Gerlier, após o Congresso Eucarístico, no Rio de Janeiro.

Permita-me falar-lhe como um irmão no batismo, um irmão no sacerdócio, um irmão no episcopado, um irmão em Cristo. Você não acha que é irritante todo este fausto religioso em uma cidade rodeada de favela? (...) Quero que faça uma reflexão; por que querido irmão Dom Helder, não coloca todo esse seu talento de organizador que o Senhor lhe deu a serviço dos pobres? (...) todas essas favelas, neste quadro de beleza, são um insulto ao criador... (PRAXEDES e PILETTI, p. 200).<sup>44</sup>

Contudo, a partir do Concílio, que só terminou em 1965, houve uma grande reforma litúrgica (revisão e simplificação da missa de rito romano); uma nova perspectiva sobre a liberdade religiosa, a natureza e constituição da Igreja, a colegialidade dos bispos, o apostolado dos leigos, a relação entre a revelação divina e a tradição; novos rumos para o ecumenismo e a pastoral católica; e uma nova abordagem aos problemas do mundo moderno. Após pouco mais de 90 anos de ocorrido o Vaticano I, então vigésimo e último Concílio.

Como reforçam Praxedes e Piletti (2009), João XXIII convoca o Concílio Ecumênico na época da Guerra Fria e da corrida espacial, preocupado com num mundo

<sup>43</sup> MARITAIN, Jacques. Humanismo Integral. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945, p. 298.

<sup>44</sup> <sup>48</sup> PRAXEDES, Walter e PILETTI, Nelson. Dom Helder Camara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008, p. 200.

dividido entre o poder nuclear e econômico das duas superpotências – Estados Unidos e União Soviética – e com a perda crescente de fiéis católicos praticantes na maior parte dos países onde a igreja estava implantada. (2009, p. 233)

Havia muita apreensão em Dom Helder Camara, como se percebe numa carta enviada a Dom Manuel Larrain, em agosto de 1962:

Vejo o Concílio aproximar-se. Até hoje, nem sequer o Temário nos chegou. Humanamente, não há muito como esperar [...] Mesmo assim, irei ao Concílio. Será a suprema oportunidade, porque o Santo Padre nos mandou falar como Bispos. Na medida em que o pudermos fazer, faremos. De julho para cá, a situação só tem piorado. O Temário do Concílio, até hoje não chegou ao Brasil.<sup>45</sup>

Do Concílio, o bispo Helder Camara reuniu diversas informações em uma espécie de diário íntimo, constituído de 297 cartas escritas, quase diariamente, durante as quatro sessões do Concílio e durante a interseção de 1963/64. Destas, sete que foram escritas durante a primeira sessão conciliar em 1962, encontram-se perdidas. Os originais das demais estão depositados atualmente no Centro de Documentação Helder Camara (CEDOHC), no Recife. Estas cartas, chamadas por Dom Helder de circulares, foram dirigidas a um pequeno grupo de colaboradores e principalmente colaboradoras do Rio de Janeiro e depois – a partir de 1964 – do Recife, que ele chama de "família do São Joaquim", "família Mecejanaense"<sup>46</sup>. O Concílio Vaticano II foi, para Dom Helder, a ocasião para ingressar numa série de articulações internacionais e grupos de trabalho, muitos das quais por ele sugeridos, ganhando a partir daí uma plataforma de ação e visibilidade no Brasil e no exterior.

Da sua formação no Seminário da Prainha, em Fortaleza, havia herdado o domínio da língua francesa transmitida pelos padres lazaristas, além do conhecimento do latim, instrumentos que, durante o Concílio, lhe foram essenciais, junto com o inglês básico, para seus contatos com os outros padres conciliares, mas também com jornalistas e a televisão. A imediata cooperação nascida entre Dom Helder e o Pe. Miguel<sup>47</sup>, assim como com o secretário do Episcopado francês, Roger Etchegaray, permitiram a Dom Helder fazer parte do grupo seletivo dos que podiam exercer alguma influência sobre a imensa e heterogênea massa dos padres conciliares.

No Conselho Vaticano II, com o Pacto das Catacumbas, sua ação de articulador foi

<sup>45</sup> Carta de D. Helder Câmara a D. Manuel Larrain, agosto 1962, Arquivo da CNBB - Secretaria Geral.

<sup>46</sup> Messejana, ou Mecejana, era o bairro em que Dom Helder Camara nasceu em Fortaleza.

<sup>47</sup> Pseudônimo em suas cartas conciliares, para Leo Joseph Suenens, o cardeal arcebispo de Malinas-Bruxelas

decisiva para a criação de um organismo que reunisse o bispado da América Latina, o Celam, e a definição da “opção preferencial” pelos pobres. Dom Helder Camara foi um dos nomes mais importantes deste momento da igreja, sem falar em nome do Vaticano em nenhum momento.

O Pacto das Catacumbas foi firmado no dia 16 de novembro de 1965, por cerca de 40 sacerdotes que participavam do Concílio, após uma celebração eucarística na Catacumba de Domitila, em Roma, em que fizeram um pacto comprometendo-se a viver na pobreza, priorizar o pobre na evangelização pastoral e não utilizar nenhum símbolo ou privilégio de poder. Após este pacto, Helder Camara passou a usar uma cruz de madeira em substituição a de prata utilizada por bispos e ao retornar ao Recife decidiu pela saída do Palácio dos Mangueiros, sede do arcebispado, para morar no fundo da Igreja das Fronteiras, no bairro do Paissandu, no Recife.

Essas ações mostram que a religião nunca foi abandonada por este agente, mas nunca foi um fator limitador de sua atuação no social, o que ampliou, no nosso entendimento, aliada a reflexões sobre temas da atualidade de então, a receptividade de suas palavras, além dos que, prioritariamente, tinham a mesma crença.

Um exemplo é a grande quantidade de convites recebidos pelo religioso para ser paraninfo de várias turmas, de faculdades públicas e particulares em todo o Brasil. Nestes momentos, ao falar para alunos de tão diversas graduações, a maioria de seus discursos é sempre finalizada com “sugestões fraternas”, como ele mesmo denominava, para que os futuros profissionais pudessem atuar no social. Um padre falando para concluintes em engenharia, economia, enfermagem, ciências sociais, e ainda propondo formas de ação em suas profissões é, no mínimo, singular, sobretudo quando a maioria das lideranças da igreja católica neste período estava preocupada com questões puramente religiosas.

## **2.1 DOM HELDER E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO**

Outro fator marcante de sua ação pastoral se deu, sem dúvida, a partir da Teologia da Libertação, na década de 1960, período marcado pela ampliação da miséria e do autoritarismo político na América Latina, inclusive com ditaduras militares em vários países, como o Brasil. Neste contexto, como ressaltava Santos (2001), desde quando surgiu oficialmente em novembro de 1969, com a conferência proferida pelo teólogo peruano Gustavo Gutierrez, intitulada Notas para uma Teologia da Libertação, a Teologia da Libertação (TL) é um constante campo de disputas filosóficas, teológicas e pastorais.

Nestes quarenta anos de atuação ela foi - e continua sendo- o centro de grandes e acalorados debates dentro e fora da igreja.<sup>48</sup>

Em 1971, Leonardo Boff publica no Brasil o livro *Jesus Cristo Libertador*. Na introdução da décima-nona edição, em 2008, o autor aborda as especificidades deste período:

Os anos de 1960-1970 se caracterizaram pela mobilização popular e pela emergência de uma poderosa vontade de mudança social. Não bastavam as reformas. Queria-se uma libertação das opressões históricas que as grandes maiorias secularmente sofreram. Muitos cristãos, inspirados pelo evangelho, comprometeram-se em meios pobres num processo de conscientização e de prática que criava os primeiros acenos de uma sociedade alternativa possível. Sobre todos os que se empenhavam por sacudir as antigas amarras, abateu-se feroz repressão por parte do Estado de Segurança Nacional e de seus aliados. A palavra libertação fora oficialmente banida dos meios de comunicação social por efeito de um decreto do Ministério da Justiça. Num contexto de vigilância policial, de seqüestros, torturas e assassinatos políticos, foi escrito *Jesus Cristo Libertador*. (BOFF, 2008, p. 13)<sup>49</sup>

A Teologia da Libertação representa um novo momento na igreja da América Latina, priorizando questões da realidade latino-americana, a partir do contexto histórico e social de sua população e da reflexão sobre o papel da igreja junto a esta sociedade.

Neste sentido aborda Galilea (1978):

(...) Assim sendo, seu enfoque quase sempre será diferente daquela da teologia que hoje se elabora na Europa, Estados Unidos e Canadá. Essas teologias são elaboradas em contextos cristãos de opulência, de expansão cultural a partir de mundos desenvolvidos e protagonistas da história. A partir do centro, sua preocupação básica é a secularização, a perda da fé e a aguda diferença religiosa num mundo científico e ilustrado, rico e materialista. A teologia latino-americana é elaborada num contexto cristão de miséria, de dependência e de exploração múltiplas. Sua preocupação básica é a justiça, a libertação dos oprimidos como parte do anúncio e da vivência da fé. É uma teologia que parte do mundo dos pobres, da periferia e procura ser “ a voz teológica” deles, a perspectiva cristã dos católicos pobres se eles pudessem fazer teologia.<sup>50</sup>

A partir da Conferência de Medellín, em 1968, as linhas gerais do que seria

<sup>48</sup> SANTOS, Ivaldo (org). *Teologia da Libertação: ensaios e reflexões*. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2010, p. 17.

<sup>49</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 13.

<sup>50</sup> GALILEA, Segundo. *Teologia da Libertação. Ensaio de síntese*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1978, p.21)

caracterizada como Teologia da Libertação passam a ser cada vez mais discutidas dentro da igreja na América Latina. Já a Conferência de Puebla, em 1978, aprofunda ainda mais essa temática. Para os seguidores desta linha teológica, a libertação é a salvação de Jesus que se realiza na história.

A década de 1970 consolidou a existência da nova maneira de se produzir teologia na América Latina. Também consolidou as ditaduras, aumentando a violência institucionalizada. A dependência econômica do Brasil tornou-se mais forte, com o aumento dos empréstimos feitos pelos governos militares no exterior, criando um falso “milagre brasileiro”. O custo de vida era insustentável nas grandes cidades. Neste período aumentaram as publicações a respeito da Teologia da Libertação e as CEBs fortaleceram-se. A exegese bíblica começou a ser feita de maneira a valorizar as lutas populares. O método utilizado nas reuniões das CEBs para o conhecimento da realidade e planejamento de suas ações envolvia três momentos: ver – a realidade, levantar dados sobre a situação do bairro, ou sociedade como um todo; julgar – a partir dos dados levantados, fazer uma crítica com ajuda da Bíblia, e das ciências sociais; e, por último, agir – planejar e executar ações coletivas que poderiam alterar a realidade (LIBÂNIO, 2007, ps. 48-49).<sup>51</sup>

A religião associada à problemática social e à busca por soluções políticas “libertadoras” da opressão vai marcar a análise de diversos discursos proferidos por Helder Camara no Brasil e no exterior, entre os anos de 1964 e 1970, em que se evidencia o forte posicionamento pastoral influenciado pela Teologia da Libertação, da qual foi um de seus mais importantes representantes no Brasil.

A análise deste período revela que ao integrar valores religiosos como a paz e a fraternidade com a política e, particularmente, com pontos essenciais do socialismo, Dom Helder propõe um marxismo cristão, unindo dois campos, em que a religião era voltada para o social e a política permeada pelo cristianismo no que ele teria de mais humano, a relação justa e fraterna entre os homens.

Esse recorte temporal justifica-se porque em 1970 o governo militar determinou, em 09 de novembro, que todos os veículos de comunicação no Brasil estavam proibidos de sequer mencionar o nome de Dom Helder Camara. Antes disso, no entanto, Dom Helder já tinha sido impedido de responder a diversas críticas feitas a ele na imprensa. O silêncio nos meios de comunicação no Brasil só terminou sete anos depois, quando, o Jornal do Brasil

---

<sup>51</sup> LIBÂNIO, Kenneth. Uma Teologia a partir da Prática Libertadora dos Pobres. In: Revista História Viva, Edição Especial Temática nº. 2. A Igreja Católica no Brasil: Fé e Transformações. Setembro de 2007, pp. 44-49.

publicou uma longa entrevista, assinada pela jornalista Divane Carvalho, sob o título “Quanto mais negra é a noite mais carrega em si a madrugada”.

Esse fato histórico – a censura - também marcou uma internacionalização de temáticas no discurso de Helder Camara. Ao invés de falar sobre a política e propor ações para o Brasil, o então arcebispo de Olinda e Recife denuncia, no exterior, as práticas de tortura no regime militar e assume um discurso mundial da defesa da liberdade, da paz e de justiça social, não só para o Brasil, mas para a humanidade. Neste momento o tom político permeia o discurso religioso.

## **2.2 HELDER CAMARA NA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE**

Helder Camara assumiu a Arquidiocese de Olinda e Recife, em abril de 1964, depois de uma longa ação pastoral no Rio de Janeiro, iniciada em 1936. O novo arcebispo chegava a Pernambuco poucos dias após o Golpe Militar, que depôs o governo do presidente João Goulart, sabendo há muito que a tomada do país pelos militares era inevitável.

Alguns dias antes do golpe, Dom Helder Camara procurou o cardeal Carlos Camelo Mota, em São Paulo. Conversaram reservadamente e decidiram procurar o presidente João Goulart para alertá-lo sobre as ameaças a seu governo. Helder Camara então ligou para o telefone reservado do presidente e solicitou uma audiência privada. O presidente sugeriu um almoço. Dom Helder foi contra, mas o cardeal - primeiro presidente da CNBB e um dos seus líderes mais respeitados - disse que não haveria problemas desde que fosse estritamente reservado.

Neste encontro, o sacerdote destacou que ao contrário do que pensava o presidente, seu governo não tinha o apoio dos militares. Diante da recusa de João Goulart, Dom Helder foi bem claro e afirmou:

Presidente, vamos partir para uma ditadura militar. Os militares não vão aceitar isso. Os Estados Unidos estarão por trás, dando cobertura. Os Estados Unidos não podem permitir uma vitória da esquerda nesse país. O Brasil é a chave para a América Latina inteira. Vamos ter uma ditadura militar no duro. E o senhor será responsável em grande parte<sup>56</sup>. (PILLETI e PRAXEDES, 2009, p 75)<sup>52</sup>

Esse episódio ilustra o nível de proximidade do sacerdote com a alta esfera política brasileira e mostra que a presença deste religioso como líder da igreja em Pernambuco, um

---

<sup>52</sup> Esse encontro com o presidente João Goulart acabou tendo repercussão na mídia, expondo duas das principais lideranças da CNBB – Dom Carlos foi seu primeiro presidente e Dom Helder secretário-geral- como apoiadores do agonizante governo de João Goulart. Vale salientar que a matéria do Jornal do Brasil foi ilustrada com foto tirada no almoço. O próprio presidente tinha dado sua palavra de honra de que era apenas para arquivo pessoal

dos grandes centros políticos do país, não passaria despercebida nem para a esquerda, nem para os militares. Dom Helder Camara assumia a Arquidiocese como um pastor conhecido em seu campo de origem e em outros campos do social.

A sua chegada foi pra lá de destacada. Chovia no Recife quando Dom Helder desembarcou no aeroporto do Recife, que estava lotado para recebê-lo. Foi cumprimentado por autoridades do Estado e seguiu em carro aberto pelas ruas da cidade até a Matriz de Santo Antônio, no centro do Recife, onde falou para o povo e depois se dirigiu para o Palácio dos Manguinhos, residência oficial dos bispos, no bairro das Graças. A sua presença foi destaque na imprensa nacional e, claro, na local, que repercutiu sua mensagem aos pernambucanos.

Nas suas primeiras palavras em Pernambuco, o arcebispo afirmou que era:

(...) um nordestino falando a nordestinos com os olhos postos no Brasil, na América Latina e no mundo. Um cristão dirigindo-se a cristãos, mas de coração aberto, ecumenicamente, para os homens de todos os credos e de todas as ideologias. Um bispo da Igreja Católica que, à imitação de Cristo, não vem ser servido, mas servir.<sup>53</sup>

Antes de iniciar sua saudação, Dom Helder Camara pediu que não isolassem frases de seu discurso diante da situação política do momento.

Dias antes, o então vigário geral da Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Lamartine Soares, depois seu bispo auxiliar e um de seus mais próximos colaboradores, tinha se recusado a falar em nome do clero, na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, passeata de apoio ao golpe militar.

Segundo Pilletti e Praxedes, “embora intepretada por estudiosos como um dos marcos iniciais da resistência da igreja popular ao regime ditatorial, a mensagem lida pelo novo arcebispo de Recife para a multidão em frente à Matriz de Santo Antônio, no dia 11 de abril, mesmo defendendo as chamadas “reformas de base, claramente demonstrava sua aceitação ao novo regime, em um apelo para que os governantes assumissem para si as propostas reformistas”. (PRAXEDES e PILETTI, 2009, p 253)

Dizia o sacerdote em outro trecho deste discurso:

Em nosso país todos entendem e proclamam a inadiabilidade das reformas de base. Havia, da parte de muitos, desconfiança em relação aos executantes das reformas e, sobretudo, medo da infiltração comunista. Agora que a situação mudou não temos tempo a perder. Que venham sem demora as esperadas

---

<sup>53</sup> Trecho de discurso de Tomada de Posse de Dom Helder Camara na Arquidiocese de Olinda e Recife, catalogado no Instituto Dom Helder Camara, Idhec, datado de 12 de abril de 1964.

reformas.<sup>54</sup>

No nosso entendimento, o fato deste religioso ter saído do Rio e chegado a Recife, capital de um estado em que o governador Miguel Arraes tinha sido deposto pelos militares, e, sobretudo, após o episódio da divulgação do encontro com o presidente João Goulart, pode ter contribuído para que seu primeiro discurso fosse marcado pelo caráter coletivo de sua missão como pastor de “todos”. Não se tratava de um apoio sem restrições ao regime militar, não teria sido essa sua intenção, mas neste momento ele tinha consciência da polêmica de suas palavras e não intencionava entrar em choque com os militares, nem tampouco ser alvo da atuante esquerda pernambucana.

Neste sentido, disse o arcebispo na ocasião:

Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boa ou de má fé. Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades. Minha porta e meu coração estarão abertos a todos, absolutamente a todos. Cristo morreu por todos os homens: a ninguém devo excluir do diálogo fraterno.<sup>55</sup>

Ao pregar o diálogo fraterno, o arcebispo assume um discurso religioso fortemente marcado pela política. Essa sua primeira fala pública foi permeada pelo desejo de independência para realização de ações pastorais, nas quais Dom Helder Camara reafirmava as diretrizes do Concílio Vaticano II, que estava sendo realizado e direcionava a igreja para uma linha mais progressista. Mas, como afirma Bourdieu, os campos podem se tocar e, neste aspecto, em vários momentos da vida de Dom Helder, houve uma interface entre os campos político e religioso, a partir de suas palavras e ação.

Um exemplo disso se deu poucos dias depois de seu primeiro discurso em Pernambuco. Após uma reunião com 17 bispos que vieram para sua posse, foi divulgado um documento numa visão religiosa voltada para a ação política que sempre marcou a trajetória religiosa de Dom Helder Camara. O documento reforça a constatação de que este grupo, no primeiro momento, não foi contrário à chamada revolução, mas tinha algumas restrições.

De acordo com Thomas Bruneau, no livro “O catolicismo brasileiro em época de

---

<sup>54</sup> Trecho de discurso de Tomada de Posse de Dom Helder Camara na Arquidiocese de Olinda e Recife, catalogado no Instituto Dom Helder Camara, Idhec, datado de 12 de abril de 1964

<sup>55</sup> Trecho de discurso de Tomada de Posse de Dom Helder Camara na Arquidiocese de Olinda e Recife, catalogado no Instituto Dom Helder Camara, Idhec, datado de 12 de abril de 1964

transição”, publicado originalmente em 1974:

O papel da Igreja no golpe, como fenômeno político, foi limitado. [...] havia algo menos do que completa unanimidade dentro da Igreja a respeito do seu papel na mudança social, e isto levou à crise que se tornou séria depois do golpe. Um testemunho dramático dessa falta de unidade foi a série de “Marchas do Rosário” [...] ao que me parece as “Marchas do Rosário foram um importante estímulo para a intervenção militar, pois eram uma prova de que as senhoras católicas do Brasil estavam saturadas do governo de João Goulart. (BRUNEAU, 1974, p. 213).<sup>56</sup>

Em maio de 1964, um mês após a posse de Helder Camara, em uma reunião da CNBB, bispos, cardeais e arcebispos, pouco mais de 20 líderes do catolicismo divulgaram nota que, como revela Bruneau:

A declaração de maio foi uma tentativa de demonstrar que existia unidade dentro da Igreja. [...] Assim, por um lado os bispos saudaram a intervenção militar de maneira clara. [...] e por outro, tentando defender os militantes da Igreja que sofriam por causa do seu engajamento em projetos de mudança social. (BRUNEAU, 1974, ps. 214 - 215).<sup>57</sup>

Como apontam Piletti e Praxedes,

O tom da declaração dos bispos não difere do posicionamento de Dom Helder em sua mensagem de posse: ao mesmo tempo que consideram “indispensáveis e oportunas medidas de segurança nacional”, pedem que “inocentes, eventualmente detidos em um primeiro momento de inevitável confusão, sejam, o quanto antes, restituídos à liberdade, e que mesmo os culpados sejam livres dos vexames e tratados com respeito que merecem toda a criatura humana. (PRAXEDES e PILETTI, 2009, p 254).

Fica nítido em seu primeiro discurso como arcebispo em Pernambuco que o Deus de Helder Camara não residia apenas nos limites da sacristia das suas igrejas, posicionamento também de outros líderes de seu campo, que ficou marcante na trajetória do chamado catolicismo progressista brasileiro, que defendia um maior engajamento e posicionamento da igreja nas questões sociais. O Deus de Camara e da Teologia da Libertação também exigia respostas no social, temática que marcou seus discursos ao longo de quatro décadas e que nas décadas de 60 e 70 foi caracterizado, sobretudo, pelo evidente posicionamento político.

---

<sup>56</sup> BRUNEAU, Thomas. O catolicismo brasileiro em época de transição, trad. Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 1974, p. 213.

<sup>57</sup> BRUNEAU, Thomas. O catolicismo brasileiro em época de transição, trad. Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 1974, ps 214 e 215.

O *habitus* individual em Helder Camara e o *habitus* de grupo se constituem em condições de análise para focar o cenário social de produção destes discursos. Assim, constata-se que havia por parte de outros representantes da igreja progressista uma defesa pública de temas como liberdade. Contudo, falando cada vez mais publicamente sobre estas questões para os mais diversos públicos, os discursos de Helder Camara também expõem um *habitus* individual explícito nos textos enfocando a necessidade de reformas, mas incluindo propostas de ação no social, as chamadas “sugestões fraternas”, presentes em diversos textos encontrados, como visto anteriormente nesta dissertação.

Na análise dos discursos destas primeiras décadas constata-se claramente que as questões levantadas, sempre repletas de dados estatísticos e de sugestões, poderiam ter sido feitas por qualquer especialista no assunto e não necessariamente por um padre. Neste sentido, é interessante destacar trecho do discurso do arcebispo, no Encerramento da Segunda Conferência Européia de Jovens Dirigentes Cristãos de Empresas, em Amsterdam, na Holanda, em 27 de novembro de 1965:

Nenhum de nós ignora, dados essenciais sobre a fome no mundo. Todos sabemos, p. ex, que, de 1959 a 1964, a população mundial cresceu 11,5 por cento, ao passo que a produção alimentar cresceu apenas 6,5 por cento. Todos sabemos que dos 500 milhões de pessoas que morrem por ano, 35 milhões, aproximadamente, têm morte causada diretamente pela fome ou indiretamente por enfermidades que encontram terreno propício em organismos enfraquecidos pela insuficiência ou má qualidade da alimentação.<sup>58</sup>

Ao falar para lideranças de outro campo do social, Dom Helder tenta se apropriar da linguagem do campo em questão, a do empresariado do chamado Primeiro Mundo, repleta de dados estatísticos e de proposição de ações, para se referendar no campo em questão e traçar questionamentos a este próprio campo e sua participação no chamado “diálogo dos continentes”, como era chamado por este sacerdote.

Vale ressaltar que a década de 60, sobretudo depois da participação de Dom Helder Camara no Concílio Vaticano II, marcou o início da presença do sacerdote como importante conferencista internacional. Como o arcebispo de Olinda e Recife, desde sua chegada, era um homem aberto ao diálogo e a participação em outras esferas não religiosas, desde 1964, Dom Helder passou a ser chamado para ser paraninfo de inúmeras turmas em várias cidades do Nordeste e do Brasil, bem como dar palestras em instituições públicas e privadas.

---

<sup>58</sup> Discurso de Dom Helder Camara no Encerramento da Segunda Conferência Européia de Jovens Dirigentes Cristãos de Empresas, em Amsterdam, na Holanda, em 27 de novembro de 1965. Arquivo do Idhec.

No discurso já citado, na Holanda, Dom Helder afirmou que “só a sede do diálogo justifica minha presença aqui”. Neste e outros discursos, nota-se o viés argumentativo muito utilizado pelo sacerdote, sobretudo diante de temas áridos e polêmicos. Inicialmente o discurso abordava fatos concretos, a maioria deles vivenciada em seu cotidiano pastoral, que depois eram analisados dentro da temática proposta. O discurso era finalizado, em diversos momentos, por “sugestões fraternas” de ação.

Discursando para jovens empresários do Primeiro Mundo, usando a linguagem enfocada na década em questão, um sacerdote do interior do Brasil, país do então terceiro mundo, questionava que:

Sem desejar ser ingrato, sem pretender descobrir intenções menos nobres nas ajudas enviadas, deixemos claro:

A) Que o grave não é que, até agora, as ajudas mais generosas de qualquer país ao Terceiro Mundo, não ultrapassem 1% sobre o respectivo Produto Bruto Nacional,

B) Que o grave não é sequer a impossibilidade prática de aumentar, de modo significativo, as ajudas, inclusive em conseqüência da corrida armamentista;

C) O grave - e não há na afirmação a mais leve intenção de ofender a qualquer governo, a qualquer povo, a qualquer empresa, mas apenas o desejo de convidar para um exame de consciência- o grave é que os doadores precisam perguntar a si mesmos se dentro do dinheiro oferecido não há suor e sangue do mundo subdesenvolvido?<sup>59</sup>

Apresentando e analisando dados oficiais, Dom Helder abordava e condenava o cinturão da miséria que abrangia 2/3 da humanidade, englobando países da América Latina, África, Ásia e Oceania. Nesta fase, constata-se que a preocupação com a fome, que marcou os seus últimos discursos, já era nítida, só que fortemente marcada por sua ligação com o subdesenvolvimento. Neste momento de sua trajetória, o sacerdote inicia a defesa de um dos temas que o acompanharam por toda a vida: a certeza de que a fome não era só de alimentos, mas de dignidade, justiça e liberdade.

É interessante pontuar que ao focar esta questão, Helder Camara defendia a organização de grupos de militantes que passariam a conscientizar sobre a importância da justiça social e do desenvolvimento e posteriormente propor ações. Chamados depois pelo sacerdote de “minorias abrahâmicas”, o movimento iria anunciar e pedir o engajamento da opinião pública para o desenvolvimento solidário. Esse sentido de convocação é bem nítido

---

<sup>59</sup> Discurso de Dom Helder Camara no Encerramento da Segunda Conferência Européia de Jovens Dirigentes Cristãos de Empresas, em Amsterdam, na Holanda, em 27 de novembro de 1965. Arquivo do Idhec.

nos textos deste período, sobretudo, nos discursos feitos em universidades, como paraninfo de diversas turmas em vários estados brasileiros.

O social, para o arcebispo, precisava de agentes de mudança. Por isto, nos textos deste período em particular, em diversos momentos encontra-se uma convocação para a ação pública. Se falava para jovens empresários, ou para mulheres, futuros profissionais, políticos sempre havia um “apelo fraterno”, como o próprio arcebispo gostava de destacar. Para ele, o colonialismo só teria acabado oficialmente. Estava de nova face, quase sempre nos países subdesenvolvidos, através do enriquecimento fácil e da situação de miséria da maioria da população.

O debate entre o capitalismo e o comunismo era um dos mais fortes e polêmicos da atualidade de então. De um lado, os Estados Unidos, símbolo maior do capitalismo, de outro, a antiga União Soviética e Cuba, ícones do comunismo e vistos por muitos no ocidente, como ameaças à humanidade. Ainda havia a corrida armamentista e a bomba nuclear. Longe da abordagem simplista sobre estas questões, Helder Camara sempre se posicionou sobre assuntos de seu tempo que iam além dos temas estritamente religiosos.

Neste aspecto, há no nosso entendimento outra singularidade na trajetória de Helder Camara: ao defender um diálogo com o marxismo, questionando formas de combate ao comunismo e ao mesmo tempo uma ação mais social da igreja, o sacerdote foi chamado de “bispo vermelho”, o que revela que o expressivo posicionamento político encobriu em certos aspectos o viés religioso de suas declarações, já que Camara sempre falou como padre e enquanto padre, mesmo quando se referia a questões políticas.

Como ressalta Assis Claudino, no livro *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista - Gilberto Freyre, Dom Helder e a Revolução de 64*:

Incluído entre “os adversários da Revolução de 1964”, Dom Helder foi cognominado “o arcebispo vermelho”, apelidado de “pombo correio das esquerdas internacionais” e, como tal, “difamador do Brasil no exterior”. Pichado como “mentiroso”, “infiel”, “ignorante”, “falsificador”, “antipatriota”, e “mau caráter”, foi tratado como “falso profeta”, “político demagogo” e vedete. Descrito como “inquieto politiquero travestido de Arcebispo de Olinda e Recife”, chamaram-no de “pároco da desordem” ou “garanhão da desordem social”. Apresentado como “astuto e leviano” e responsável pela desagregação da família cristã e pela desordem dentro da igreja, foi considerado até como “a reencarnação do satanás”. Em artigos anônimos divulgados pelos jornais de Pernambuco, é tratado desrespeitosamente como “ordinário de Recife e Olinda.

(ASSIS, 1985, p. 18) <sup>60</sup>

Essas e outras denominações refletiam a repercussão dos discursos e das atitudes de Camara que, ao abordar as mazelas do chamado “desenvolvimento”, não se furtava de tecer críticas ao capitalismo, ao afirmar que este sistema não se preocupava com a superação da fome e da miséria, nem tampouco o colonialismo interno de países subdesenvolvidos como o Brasil, onde a riqueza produzida está na mão de poucos e sua divisão mais equânime entre toda a sociedade, bem longe de acontecer. Para Dom Helder o combate ao comunismo exigia também o enfrentamento decisivo para o que ele chamava problema social número 01, a presença, sempre maior de 2/3 da humanidade no subdesenvolvimento e na fome.

O sacerdote, neste período, defendia a “mística do desenvolvimento”, como consequência do cristianismo autêntico, em que cristãos não eram vistos como fracos e medíocres, mas como sujeitos que através da ação no social passariam a dar testemunho de sua fé. Ao falar como responsável pelo Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB, na abertura do Encontro da Amazônia, em Manaus, no dia 04 de outubro de 1967, Dom Helder fez um apelo para as universidades pedindo a criação de um trabalho sobre a realidade do norte brasileiro e destaca o que esperava da mística do desenvolvimento. <sup>61</sup>

A Mística do Desenvolvimento nos fará caminhar para a solidariedade universal, através de etapas: fraternidade norte/nordeste, integração nacional, terceiro mundo, humanidade.

Antecipando-se a críticas que afirmavam que a Mística do Desenvolvimento, o marxismo cristão proposto por Camara, era fantasioso, o arcebispo afirmava, como destacou no Encontro da Amazônia:

Ninguém se iluda com o Cristo. Ele veio sem dúvida trazer a paz aos homens. Mas não a paz dos pântanos, a paz baseada na injustiça, a paz que seria o inverso do desenvolvimento. Em casos assim, o próprio Cristo proclamou que veio trazer a luta e a espada.

Esse trecho põe em evidência, inclusive, o tom revolucionário do cristianismo, na visão helderiana, na medida em que o próprio Jesus também poderia utilizar da espada para agir no social. O tom conciliador esperado em um sacerdote era substituído por uma convocação política para defesa da paz com justiça social, como caminho para o desenvolvimento.

Esse novo humanismo, pregado por Camara, com embasamento fortemente

<sup>60</sup> CLAUDINO, Assis. *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista*, Editora Opção, Rio de Janeiro, 1985, p. 18.

<sup>61</sup> Discurso de Dom Helder Camara convidado como responsável pelo Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB, na abertura do Encontro da Amazônia, em Manaus, no dia 04 de outubro de 1967.

religioso, como pauta da espiritualidade engajada na práxis, propõe uma abertura ao ecumenismo e a temas polêmicos da igreja, como no trecho do discurso a seguir, proferido em Campina Grande, na formatura da Escola Politécnica, em 17 de dezembro de 1966. Ao falar sobre linhas gerais do novo humanismo. Destaca Dom Helder:

Começa por acolher o que há de verdade em todos os humanismos, inclusive os ateus, por mais unilaterais e agressivos que se tornem. Não é porque alguns praticamente reduziram o homem à infra-estrutura econômica que iremos desconhecer o espaço que é preciso abrir, na vida humana, para o econômico. Não é porque outros no homem só vêem o sexo, que vamos esquecer a realidade enorme que o sexo representa. E o mesmo ocorre com a sede de saber, o desejo de mando, a tendência social e tantas outras verdades parciais, que é preciso libertar, por vezes, de sistemas que, talvez, se julguem muito avessos ao pensamento cristão.<sup>62</sup>

Ao destacar entre suas linhas gerais aspectos do marxismo, Camara articula uma possibilidade de diálogo efetivo com as ciências sociais, a partir da análise de Marx, considerando não só a pertinência destas questões, como tentando fazer com que seu campo de origem absorvesse esta teoria, mas ao mesmo tempo adaptando-a aos valores cristãos.

Como destaca Gonçalves (2000):

O uso do marxismo na Teologia da Libertação possui fundamentação histórica e epistemológica. A primeira refere-se à ligação existente entre marxistas e cristãos na América Latina no bojo das lutas populares no confronto com os regimes totalitários que cometeram violência e opressão. A segunda diz respeito a necessidade de toda teologia de utilizar um determinada mediação filosófica ou científica. A Teologia da Libertação não se apropriou do marxismo materialista dialético que absolutiza a matéria e nega a misericórdia de Deus. A influência de Marx no complexo teológico libertador é a de um Marx humanista, não dogmático, enquanto crítico social que ajuda a analisar com profundidade a sociedade para poder transformá-la e, no caso da interpretação cristã, de acordo com valores da fé." (GONÇALVES, 2000, ps 153-154).<sup>63</sup>

É pertinente apontar que, no nosso entendimento, como Camara expressa em muitos de seus textos neste período, as ciências sociais e especificamente o marxismo foram utilizados pela Teologia da Libertação para analisar as razões da pobreza na América Latina e da estrutura de dominação vigente desde o colonialismo até as relações entre países ricos, do primeiro mundo, e países pobres, do terceiro mundo, debate tão presente ao longo dos

---

<sup>62</sup> Discurso proferido por Dom Helder Camara em Campina Grande, na formatura da Escola Politécnica, em 17 de dezembro de 1966.

<sup>63</sup> GONÇALVES, Pe. Dr. Paulo Sérgio Lopes. Epistemologia e Método do Projeto Sistemático da teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 2000.

anos de 1960 e 1970.

Helder Camara, assim como outros sacerdotes que desde o início vivenciaram a Teologia da Libertação, como Leonardo Boff, que com o livro *Igreja, Carisma e Poder* foi condenado, em 1984, ao silêncio por um ano pelo então cardeal Joseph Ratzinger, o atual papa Bento XVI, foi bastante criticado pela proposta de ação política da igreja e por defender uma teologia baseada no marxismo. Como aponta Rose Marie Muraro (2003) ao abordar a gênese da Teologia da Libertação no Brasil “D. Hélder foi na frente fazendo e o Leonardo Boff foi atrás, só escrevendo o que ia acontecendo, por que o movimento não é o teólogo que faz, ele só sistematiza”.<sup>64</sup> (MURARO, 2003).

Essa busca por uma articulação e uma aproximação entre diversas esferas do social, a partir de um diálogo entre o mundo cristão e o socialista, o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido, entre todas as religiões, constituem uma característica da ação pastoral de Camara, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação.

É notório, no nosso entendimento, que o religioso se preocupava e se opunha a pontos ideológicos importantes do socialismo, como o ateísmo e o materialismo, mas suas restrições não impediam que ele pensasse sobre a possibilidade de conciliar fé e justiça social. A revolução para Camara se concretizaria a partir de um socialismo humanista e cristão.

Dizia o então arcebispo em conferência promovida pela Pontifícia Universidade Católica e pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 19 de junho de 1967, na cidade de São Paulo:

Para a *Populorum Progressio* já soou a hora de agir (número 80). A sobrevivência de tantas crianças inocentes, o acesso a uma condição humana de tantas famílias infelizes, a paz no mundo, o futuro das civilizações estão em perigo.<sup>65</sup>

Para que a solidariedade universal fosse atingida alguns mitos na visão de Camara deveriam ser esclarecidos, para evitar um maior fosso entre o mundo socialista e o ocidente, impedindo as conseqüências imprevisíveis da terceira guerra mundial. O arcebispo alertava para os erros dos dois “mundos”, na mesma palestra realizada em São Paulo, no dia 19 de junho de 1967:

Ressaltava Dom Helder:

---

<sup>64</sup> MURARO, Rose Marie; Palestra realizada na UNIVAP, em São José dos Campos em 25 de junho de 2003, no auditório do Campus Aquários. Capturado em 01 de abril de 2010: [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=8303](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8303)

<sup>65</sup> Conferência realizada em São Paulo por Dom Helder Camara, por iniciativa da Pontifícia Universidade Católica e do jornal *Folha de São Paulo*, em 19 de junho de 1967, na cidade de São Paulo.

Tenhamos coragem e objetividade de reconhecer que erros existem dos dois lados:

O liberal capitalismo, como assinala a *Popularum Progressio*, tem também ele raízes materialistas e é o responsável direto do surgimento da ditadura internacional do poderio econômico;

Por que não haveremos de estimular os esforços de pensadores comunistas, que, a pretexto de não considerar o marxismo como filosofia, como sistema intangível, rebelam-se contra catecismos como o de Stalin, rebelam-se contra o marxismo dogmático, monolítico e condenam todas as atrocidades cometidas contra povos que pretendiam ter fisionomia própria e ver respeitada a própria auto-determinação?...

Por que não reconhecer que não há mais um tipo único de socialismo e pleitear, para os cristãos, a liberação do termo socialismo desde que ele não está ligado, necessariamente, a materialismo e longe de significar, necessariamente, regime que esmague a pessoa humana ou a comunidade, pode significar regime a serviço da comunidade e do homem?<sup>66</sup>

Esse é mais um exemplo da tentativa de Dom Helder ao longo dos anos de 1960 e 1970 de importar para seu campo idéias e valores do campo político e ideológico. Para ele, como se observa no trecho acima, o socialismo não seria totalmente algo oposto a valores da igreja, mas o materialismo sim, ou seja, um socialismo cristão poderia ser assimilado pela igreja.

É pertinente frisar que o sacerdote em questão foi um homem do seu tempo e de seu campo, mesmo sendo um agente articulador de outras esferas do social.

O então arcebispo não se propunha a uma nova hermenêutica da palavra de Deus, ele propunha que a igreja não poderia se furtar à discussão política e, mais do que isso, a ação pastoral não poderia desconhecer as enormes tensões sociais, a luta de classes, a exploração do homem pelo homem e as injustiças sociais do capitalismo, premissas da Teologia da Libertação da qual foi um de seus principais representantes no Brasil e na América Latina.

Aceitando que o questionamento a esses problemas encontra-se mais bem definido no socialismo, Camara propunha então que a igreja, o seu campo, assimilasse as questões como parte da ação evangelizadora, apropriando-se de alguns pontos do socialismo, e tomasse em definitivo a opção preferencial pelos pobres, não mais para consolá-los, mas

---

<sup>66</sup> Discurso realizado em debate promovido pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e pelo jornal Folha de São Paulo, em 19 de junho de 1967, na cidade de São Paulo

para provocar uma mudança que, carregada de humanismo cristão, promovesse a paz, a justiça social e a igualdade entre os homens.

Dessa forma não caberia mais à igreja apenas a missão evangelizadora de promover o *religare* divino, mas de, através da ação social, espalhar pelo mundo os valores cristãos que se relacionam mais diretamente ao social. Vale ressaltar, no entanto, que Camara, no nosso entendimento, sempre foi um padre, apesar de ser denominado neste momento como comunista e perseguido por conta disso durante vários anos, reconhecendo que havia pontos interessantes no marxismo como a discussão sobre a justiça social e igualdade entre os homens, temas que não eram estranhos aos valores do cristianismo.

Para Camara, tanto no socialismo como no capitalismo havia uma certa insensibilidade em relação à situação do terceiro mundo e que tanto na então União Soviética quanto nos Estados Unidos registravam-se atrocidades, ocupação militar e desrespeito “à auto-determinação” dos povos.

No já citado discurso em São Paulo, em 1967, o sacerdote abordou a necessidade de diálogo, uma das premissas da solidariedade universal.

Dir-se-á que dialogar com Cuba é expor a América Latina ao perigo terrível de cubanizar-se. Até quando a democracia será incapaz de enfrentar diálogos? Até quando seremos tão ingênuos a ponto de desconhecer que isolar Cuba, castigá-la pelo crime de querer exercer sua auto-determinação que, em tese, alardeamos respeitar, é deixá-la sempre mais na órbita do imperialismo soviético e, é criar, aí sim, sobretudo na juventude, o mito Cuba, como modelo de revolução e de arrancada do desenvolvimento.<sup>67</sup>

Um religioso brasileiro tecendo declarações sobre Cuba desta forma publicamente revela o quanto a religião perpassada pela política marcou seu posicionamento neste período e quanto esses campos se tocavam em seus textos. De acordo com o pensamento helderiano, uma aproximação entre mundo ocidental e a antiga União Soviética iria acarretar um reagrupamento dos povos. Segundo ele, ao contrário do que podem afirmar se tratar de uma divagação religiosa, sem os mitos criados contra o lado socialista e contra o ocidente haveria o fim da corrida armamentista, a proscricção geral da utilização bélica do átomo e o efetivo respeito à vontade dos países.

Neste sentido, o arcebispo defendia que se a política dos dois lados não fosse míope e de curto prazo, mas sim longa e inteligente, interessaria uma América Latina com poder de aquisição e de intercâmbio, com desenvolvimento, não se tratando apenas de evitar a

---

<sup>67</sup> Discurso realizado em debate promovido pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e pelo jornal Folha de São Paulo, em 19 de junho de 1967, na cidade de São Paulo

explosão da miséria.

Até então utilizando também argumentos não religiosos, mesmo tendo como ponto de partida a encíclica de Paulo VI, Dom Helder evidencia como último item para efetivação da solidariedade universal, a necessidade das religiões se abrirem ao ecumenismo, com programa conjunto e ações articuladas a serviço do desenvolvimento. O sacerdote propõe até espaço para agnósticos e ateus, que também se articulem em busca da justiça e da paz. Neste aspecto evidencia o padre Comblin, “Dom Helder era tudo, era a unidade dos contrários. Era profundamente místico e profundamente político. Unia perfeitamente contemplação e ação” (COMBLIN, 2006, p. 9)<sup>68</sup>

A religião vivenciada na prática social sempre foi tema de textos assinados por Camara. Neste aspecto havia uma preocupação no então arcebispo com diversas questões como as relacionadas ao direito à terra e à moradia. No dia do centenário de seu nascimento, 07 de fevereiro de 2009, o jornal Diário de Pernambuco trouxe uma série de reportagens especiais sobre projetos sociais desenvolvidos pelo ex arcebispo de Olinda e Recife, como destacado a seguir: No centenário de dom Helder Camara, o Diário revive uma das suas mais simbólicas lutas. Uma cruzada ideológica, social e religiosa para garantir um lar digno aos mais pobres. Ele desafiou a Igreja. Encarou os poderosos. Pressionou os políticos. Enfrentou a polícia. Incansável, fez uma reforma agrária e uma revolução urbana com as próprias mãos. Mais do que uma luta, esta é a história de um sonho. De um dom divino. De um simples Dom.<sup>69</sup>

Mas em plena década de 60, a imagem de Dom Helder passava bem longe da divulgada pela mídia em 2009. Um exemplo disso foram as conseqüências de uma palestra feita no I Encontro das Federações dos Trabalhadores Rurais do Nordeste, em Carpina, Pernambuco, em 26 de janeiro de 1968.

Neste encontro, o arcebispo afirma que trabalhadores rurais, “estão pagando com a vida a audácia de defender direitos fundamentais do homem” e que “se os trabalhadores abrirem os olhos acabarão descobrindo que, ao lado de advogados honestos e dignos, há rábulas se enriquecendo a custa de lágrimas, suor e sangue dos trabalhadores”.<sup>70</sup>

Em outro momento neste encontro com agricultores, Dom Helder afirmou:

O Governo exige folha corrida para que o operário possa participar de eleições sindicais. O Governo sabe que, sobretudo no interior, a polícia não tem meios de resistir ao ricoço local, manda-chuva, todo poderoso que controla, direta ou

<sup>68</sup> COMBLIN, José – In Dom Helder Câmara – Profeta para os nossos dias, Ed. Rede da 2 Paz, 2006, p. 9.

<sup>69</sup> PAZ, Jailson da (org). O Dom da Moradia. Diário de Pernambuco, Pernambuco, caderno especial. 07 fev 2009

<sup>70</sup> Palestra feita por Dom Helder no Encontro das Federações dos Trabalhadores Rurais do Nordeste, em Carpina, Pernambuco, em 26 de janeiro de 1968.

indiretamente, a política, a polícia, o juiz de direito e os jurados.

Outra declaração que gerou polêmica:

Permiti que vos alerte para um segundo cancro que nos rói por dentro. Os trabalhadores precisam de advogados. Mas, devem repelir, como traidores, advogados de sindicatos trabalhadores que recebem dinheiro dos patrões para fazer os trabalhadores aceitarem acordos injustos e imorais.<sup>71</sup>

Essas declarações acabaram sendo motivo de um pedido de interpelação judicial contra o arcebispo, único processo no judiciário em toda a sua vida, solicitado pelo advogado Adige Maranhão à 24ª Vara Civil do Recife. Sabendo dos riscos deste processo e de possíveis ruídos na publicação do ocorrido por parte da imprensa, Dom Helder utiliza o Boletim Diocesano, órgão de divulgação oficial da Arquidiocese de Olinda e Recife para publicar uma carta ao Juiz Carlos Alberto Pedrosa Marinho, que deferiu a petição de interpelação judicial.

No dia 13 de fevereiro de 1968 o jornal Estado de São Paulo publica notícia em que o presidente do TJPE, José Ribeiro do Vale, afirmou que a imprensa errara ao falar em “interpelação judicial”, pois o que houve “foi um ofício pedindo que Dom Hélder ajudasse o Tribunal, no interesse da disciplina da classe, citando juízes faltosos”.

O presidente afirmou ainda, segundo o jornal, que o tribunal deu o caso como encerrado, já que o arcebispo não citou nomes em seu depoimento.<sup>72</sup>

Outro discurso ilustra bem como Dom Helder via a ação pastoral. Trata-se de seu pronunciamento na instalação de um dos mais importantes instrumentos de ação social de seu episcopado em Pernambuco, a Comissão de Justiça e Paz, que pretendia se consolidar como um instrumento de defesa dos direitos fundamentais do homem. Só na questão do direito à terra, segundo o ex deputado estadual por Pernambuco Pedro Eurico, que começou sua vida pública a partir da atuação como advogado na Comissão de Justiça e Paz, a ação deste grupo, guiado pelo então arcebispo, beneficiou mais de 150 mil famílias em bairros carentes do Recife, como Casa Amarela e Ibura, e cidades do interior pernambucano. O dinheiro recebido pelo sacerdote em prêmios internacionais e ajuda do exterior foram utilizados para reassentamentos. A reforma agrária nos moldes helderianos teve início no município do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, em 40 lotes do Engenho Ipiranga. A segunda área negociada foi Taquari, no município de Sirinhaém, e a última, a Guaretama, localizada no município de Bonito. A reforma agrária pensada por Camara não se resumia

<sup>71</sup> Palestra feita por Dom Helder no I Encontro das Federações dos Trabalhadores Rurais do Nordeste, em Carpina, Pernambuco, em 26 de janeiro de 1968

<sup>72</sup> Dom Helder Camara confirma denúncia. O Estado de São Paulo, São Paulo, 13 de fev de 1968.

apenas à posse da terra, mas em ações executadas por leigos para que os novos proprietários não deixassem os lotes, evitando assim um dos problemas que mais o afligiam desde os tempos da Cruzada de São Sebastião, no Rio de Janeiro: o êxodo rural.

Segundo o caderno especial do Diário de Pernambuco sobre Helder Camara:

O número de favelas na capital pernambucana crescia na mesma proporção do deslocamento de moradores do campo para a cidade. De 55,3% em 1960, a população rural brasileira despencou para 44,1% em 1970. A tendência era a mesma no território da Arquidiocese de Olinda e Recife. Nos anos 80, a Cohab estimava que o déficit habitacional no estado era de 400 mil casas. Diante do quadro, dom Helder não precisou criar doutrina ou teoria para defender o direito à moradia. Guiou-se nos princípios da Igreja. Ele costumava citar mensagens e encíclicas de Pio XII, João XXIII, Paulo VI e textos do Concílio Vaticano II. Esses escritos defendem que a destinação dos bens terrenos deve ser comunitária e que o direito à propriedade jamais poderia sobrepor-se à vida. "Dom Helder simplesmente disse o que tinha a obrigação de dizer, mas que outros tiveram medo", afirma o teólogo e escritor belga, padre José Comblin.<sup>73</sup>

Essa experiência dos reassentamentos integrava a chamada Operação Esperança, como detalham Praxedes e Pileti:

Lançada em julho de 1965, já no mês seguinte, a Operação Esperança estava em funcionamento com diretoria empossada e estatutos registrados em cartório. Conforme idealizara Dom Helder, depois do atendimento às necessidades básicas de moradia e saúde, a operação partiria para a realização de projetos de formação de mão-de-obra, visando o atendimento do direito fundamental ao trabalho. Para que fosse superado o mero assistencialismo, seria incentivada a auto-organização das comunidades em associações de moradores, por sua vez, engajadas na direção da Operação Esperança por intermédio de um Conselho de Moradores. (2009, p. 206)

A Operação Esperança Urbana, que teve início para atender vítimas das enchentes no Recife, em 1965, e a Operação Esperança Rural, com a experiência da Reforma Agrária, foram algumas das experiências sociais desenvolvidas durante o arcebispado de Camara em Pernambuco. Também foram implantadas durante este período outras ações sociais como o Banco da Providência, em julho de 1964, Seminário Regional do Nordeste – SERENE II, o Instituto de Teologia do Recife, em 1968, centro de orientação para formação de futuros sacerdotes, que também aceitava leigos, e o Encontro de Irmãos, em 1969, em que moradores de bairros populares evangelizam “seus irmãos” no próprio bairro, experiência fundamental para a criação e manutenção das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs,

<sup>73</sup> PAZ, Jailson da (org). O Dom da Moradia. Diário de Pernambuco, Pernambuco, caderno especial. 07 fev 2009

durante o arcebispado de Camara em Pernambuco.

Como aponta Ivo Lebauspín:

A idéia era formar comunidades pequenas em que as pessoas pudessem se conhecer pessoalmente, o que implicava que fossem de 20 a 30 até 100, 200 pessoas. Desde o início está presente a idéia de responsabilizar os leigos, reduzindo a centralidade do padre. As comunidades vão se reunir para rezar, para celebrar e a Bíblia vai passar a ter um papel fundamental. Não há dúvida que foi a possibilidade de a comunidade ler e interpretar a Bíblia para a sua própria vida sem a presença de um especialista (o padre) que foi o fator crucial para a autonomia (relativa) e o dinamismo das comunidades. (...) e as comunidades vão tomar consciência da importância de sua atividade para transformar as condições de vida: este papel socialmente ativo será uma característica essencial das CEBs, pelo qual elas se distinguirão de outras formas de organização da Igreja. (2009, P.58)<sup>74</sup>

A partir das comunidades de base ocorre, no nosso entendimento, uma descentralização da paróquia, que antes era bastante centrada no padre, no especialista do campo religioso, nas palavras de Bourdieu. Através da criação das CEBs, a Igreja, seguindo as premissas da Teologia da Libertação, procurava se aproximar da linguagem e do cotidiano das classes populares num tempo já marcado por um início da expansão do protestantismo, sobretudo o pentecostalismo, nesta faixa social. Na comunidade o leigo tinha um papel de destaque que se relacionava, inclusive, com um “clamor” para um engajamento social. Durante o arcebispado de Helder Camara constata-se que surgiram diversas comunidades de base em Pernambuco.

A participação dos leigos do cotidiano da igreja e a defesa da liberdade foram algumas das características, no nosso entendimento, do arcebispado de Camara em Pernambuco, que teve início no dia 12 de abril de 1964. Inicialmente designado para a Arquidiocese de São Luís do Maranhão, Helder Camara foi designado para Pernambuco, após a morte súbita do então arcebispo Dom Carlos Coelho.

Neste sentido, como aponta Pinheiro (2000) dois fatores significativos acentuaram a importância primordial da nomeação inesperada de Dom Helder para o Recife, o recente golpe militar de 31 de março de 1964 e o Concílio Vaticano II. Sobre este contexto histórico acrescenta Pinheiro:

Nos dois acontecimentos, Dom Helder era símbolo, respeitado ou temido, querido ou indesejado, dependendo da sintonia diante de valores ou do projeto da

<sup>74</sup> LEBAUSPIN, Ivo. Comunidades de base no Brasil de hoje. In *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. FASTINO, Teixeira e MENEZES, Renata (orgs). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.p. 58

sociedade/modelo da igreja. Diante do regime militar, eram conhecidas suas posições, tanto na cidade do Rio de Janeiro como a nível nacional, em defesa dos direitos dos pobres, da democracia e da liberdade de expressão, sua presença, mesmo pacata, já significava um divisor de águas.<sup>75</sup>

Neste sentido, Francisco de Oliveira observa com muita propriedade o que representou a presença de Camara na Arquidiocese de Olinda e Recife, durante a ditadura:

O golpe de 1964 abateu-se com especial fúria sobre Pernambuco. Dizimaram a esquerda, o movimento de trabalhadores, o movimento católico político-intelectual, o movimento estudantil; exilaram parte importante das lideranças, foram-se o clima de debate e as iniciativas inovadoras, o Movimento de Cultura Popular e Paulo Freire, a reforma transformadora da Sudene. Ficou apenas a voz solitária de Dom Hélder Câmara, que, aliás, empossou-se na arquidiocese nos primeiros dias pós- golpe [na verdade um pouco antes] com um discurso cuja coragem e dignidade deveriam fazê-lo figurar numa antologia dos grandes discursos cívico-políticos brasileiros. Nascia ali a Igreja da Resistência, que teve nele e em Dom Paulo Evaristo Arns seus momentos e expressões mais altos.<sup>76</sup>

O relacionamento do então novo arcebispo com o IV Exército no Recife foi marcado, desde seu início, pela tensão entre igreja e comando militar. Ao falar em 29 de novembro de 1964 numa emissora de televisão no Recife, Camara foi tachado como subversivo pelos militares, como relatam Praxedes e Piletti:

Logo na segunda-feira, o general Muricy, chefe da Sétima Região Militar, em nome também do IV Exército, foi manifestar ao arcebispo a “estranheza” que ele e vários de seus companheiros de armas sentiram em relação ao pronunciamento na TV. (...) Falar daquela forma sobre o custo de vida foi visto como um “perigoso insuflamento anti-revolucionário e de indiscutível tom demagógico-esquerdista. As palavras sobre desenvolvimento foram interpretadas como típicas de um vermelho. ( Praxedes e Piletti, 2009, ps 271 e 272).<sup>77</sup>

Esse estremecimento se consolidou de forma mais contundente a partir de 1966, quando pela segunda vez o então arcebispo não celebrou a missa comemorativa pelo aniversário da revolução, em 31 de março. No ano anterior, alegando uma viagem a convite de uma entidade francesa, a Associação de Amigos de Teilhard de Chardin, para uma palestra, o arcebispo já não tinha celebrado a missa. Ao chegar de viagem encontrou muros

<sup>75</sup> PINHEIRO, Ernani. Dom Helder Camara como arcebispo de Olinda e Recife( 1964-1985). In Helder, o Dom uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Rocha, Zildo( org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 77.

<sup>76</sup> OLIVEIRA, Francisco de. Noiva da revolução: elegia para uma re(li)gião. São Paulo: editora Boitempo, 2009, p.85

<sup>77</sup> Nesta entrevista o então arcebispo falou que o bispo deveria entrar nas filas e escutar o povo e também abordou custo de vida e problemas dos países em desenvolvimento( Praxedes e Piletti, p 271)

pichados no Recife, assinados pelo Partido Comunista com frases como “Dom Helder é nosso líder” e “Viva Dom Helder”, sempre próximas a muros dos quartéis da cidade.

Em 1966, mesmo sem a confirmação do arcebispo, o Comando do IV Exército começou a anunciar, no rádio e na televisão, a presença de Helder Camara na missa do segundo aniversário do golpe militar. No dia anterior ao que seria a celebração, Dom Helder enviou através do capelão militar uma carta ao General Antônio Carlos Muricy, comandante do IV Exército que a solenidade era estritamente cívico-militar e não religiosa e “há sérias razões para nela descobrir uma indiscutível nota política”. A missa seria celebrada pelo capelão militar.

A reação foi quase imediata. Em abril, no mesmo dia em que o IV Exército divulgou nota oficial lamentando a explosão de várias bombas e sugestionando uma possível relação com a negativa do arcebispo. Vários militantes do movimento estudantil, Juventude Operária Católica, foram presos. Os militares chegaram a pedir sua transferência, mas o reconhecimento do Vaticano e a decisão do governo brasileiro de manter um bom relacionamento com a igreja mantiveram o arcebispo em Pernambuco.

A partir deste episódio, o relacionamento entre os militares e a cúpula da arquidiocese passou a se deteriorar cada vez mais. Dois anos depois, no discurso de instalação da comissão, em 3 de março de 1968, intitulado “Nova Inquisição ou tentativa de justiça para milhões”, o arcebispo de Olinda e Recife ressaltava que:

Rigorosamente dentro de lei e dentro da não-violência, procuraremos enfrentar injustiças venham de onde vierem, mesmo de todo-poderosos, capazes de fazer a terra desaparecer debaixo dos pés e o ar rarefazer-se, e os amigos sumirem, e testemunhas se intimidarem, e fecharem-se, perigosamente, veículos de comunicação social.<sup>78</sup>

A comissão foi criada durante o Concílio Vaticano II e segundo o próprio arcebispo, neste discurso “desejada pelos bispos do mundo inteiro e criada, corajosa e alegremente, por Paulo VI, o Peregrino da Paz”.

Dizia Helder Camara no já citado discurso, em 03 de março de 1968:

Vamos ter que assumir graves riscos, embora conservando-se rigorosamente dentro da lei. Vamos ter que ser seguidos. Talvez seja melhor não usar o nome de Comissão de Justiça e Paz. Talvez seja preferível chamar nossa comissão de desenvolvimento e justiça. Desenvolvimento é o nome da paz. As duas comissões serão irmãs. E Vossa Eminência, com sua presença, é o melhor dos

---

<sup>78</sup> Discurso de Dom Helder Camara, na instalação da Comissão de Justiça e Paz, no Recife, no dia 3 de março de 1968.

augúrios divinos para as nossas lutas pela promoção da Justiça e da Paz.<sup>79</sup>

Sobre as diversas ações deste instrumento pastoral durante o arcebispado de Helder Camara em Pernambuco revela Pinheiro (2000):

Dom Helder chamava a comissão “o braço político da igreja” (...). A Comissão de Justiça e Paz do Recife vinha a lume no momento em que o desafio maior era a defesa dos presos políticos nos porões dos cárceres. E não temeu exercer essa missão, em que pesem as incompreensões e desagradados. Tornou-se conhecida no meio da população.<sup>80</sup>

Outro fato que merece ser enfatizado na trajetória de Helder Camara na Arquidiocese de Olinda e Recife foi a morte de um de seus mais próximos colaboradores, o padre Antônio Henrique Pereira da Silva, que integrava a Pastoral da Juventude da Arquidiocese. O padre foi seqüestrado no dia 26 de maio de 1969 e seu corpo foi encontrado no dia seguinte com marcas de tortura.

Em 1969, o governo ainda não havia declarado formalmente a censura ao bispo, mas mesmo assim, os jornais não noticiaram o assassinato. A notícia só foi publicada no informativo da Arquidiocese, o Boletim Arquidiocesano, e lida pelos padres de todas as paróquias do Recife. Não houve discurso do arcebispo diante do clima de profunda instabilidade, mas trechos da nota oficial da arquidiocese ilustram o posicionamento da igreja diante da morte de padre Henrique:

O que há de particularmente grave no presente crime, além dos requintes de perversidade de que se revestiu (a vítima, entre outras sevícias, foi amarrada, enforcada, arrastada e recebeu 3 tiros na cabeça) é a certeza prática de que o atentado brutal se prende a uma série pré-estabelecida e objeto de ameaças e avisos. Houve, primeiro, ameaças escritas em edifícios, acompanhadas, por vezes, de disparos de armas de fogo. O Palácio de Manguinhos recebeu numerosas inscrições. O Giriquiti foi alvejado. A residência do Arcebispo, a Igreja das Fronteiras, alvejada e pichada. Vieram, depois, ameaças telefônicas, com o anúncio de que já estavam escolhidas as próximas vítimas. (...) Mas julgamo-nos no direito e no dever de erguer um clamor para que, ao menos, não prossiga o trabalho sinistro deste novo Esquadrão da Morte.<sup>81</sup>

A nota foi assinada por Dom Helder Camara, Dom Lamartine Soares, Monsenhores Arnaldo Cabral e Ernani Pinheiro, vigários episcopais e mostra o forte posicionamento político da Arquidiocese diante do assassinato do padre Henrique. Com exceção desta nota

<sup>79</sup> A comissão deixou de funcionar com a posse de dom José Cardoso Sobrinho, em 1985. Foi mais uma das ações pastorais criadas por Dom Helder que foi desmontada pelo novo arcebispo.

<sup>80</sup> PINHEIRO, Ernani. Dom Helder Camara como arcebispo de Olinda e Recife( 1964-1985). In Helder, o Dom uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Rocha, Zildo( org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 84.

<sup>81</sup> Nota oficial da Arquidiocese de Olinda e Recife divulgada no dia 27 de maio de 1969. Arquivo do Idhec.

oficial, as despedidas ao sacerdote foram marcadas pelo silêncio. Dom Helder foi quem deu a notícia aos pais de seu colaborador. O corpo foi velado na Igreja do Espinheiro no Recife. Uma primeira missa foi realizada às nove da noite. Segue relato do arcebispo sobre esta missa, numa carta enviada à família Mecejanense, a 525ª circular, no dia 28 de maio de 1969:

Na primeira concelebração, às 21hs, tínhamos mais de 40 sacerdotes e a igreja, enorme, estava transbordante de jovens.

Dei uma tríplice palavra:

- Palavra de fé, aos velhos Pais, esmagados de dor;
- Palavra de esperança, aos jovens com quem ele trabalhava, assumi o compromisso de que eles não ficariam órfãos;
- Aos fieis que enchiam o templo – mais uma vez que a imprensa escrita e falada tinha ordem para recusar até o aviso pago de falecimento – pedi que ajudassem a espalhar que às 9hs, haverá nova concelebração, saindo o enterro, às 10hs, para o cemitério da Várzea, que é o cemitério da família.<sup>82</sup>

O cortejo seguiu a pé no dia seguinte até o Cemitério da Várzea, no Recife acompanhado por uma multidão. No cemitério e na volta para casa, atendendo a um pedido do arcebispo, pessoas acenavam com lenços brancos. Sobre a morte de Padre Henrique, até hoje não esclarecida, ressalta Castro (2002), ao perguntar ao arcebispo como ele analisava o crime, respondeu Camara:

“Sem nenhuma dúvida”, explica Dom Helder, “há certas classes consideradas mais perigosas. Lidar com camponeses, lidar com trabalhadores, lidar com os jovens é sempre mais perigoso. São terrenos mais explosivos” (...). (CASTRO, 2002, p. 152)

Desde a instalação da ditadura no país, as declarações do então arcebispo de Olinda e Recife, foram marcadas por intensa polêmica e críticas no Brasil. De 1964 a 1967, Dom Helder Camara entrara em conflito com o governo militar por diversas vezes, mas, de modo geral, o regime não havia atuado de forma explícita para censurar publicamente a palavra do arcebispo.

Contudo, a partir de 1967, os registros da imprensa sobre a atuação de Dom Helder Camara no Brasil e no exterior revelam que, mesmo sem uma determinação oficial por parte do regime militar, a relação entre o então arcebispo e os veículos de comunicação social no país assumiria fortemente novos contornos. Nesta época, jornais de circulação nacional como o Estado de São Paulo e O Globo traziam diversos artigos com sérias críticas

<sup>82</sup> Carta enviada a colaboradores leigos, chamados pelo então arcebispo Helder Camara de família mecejanense, no dia 28 de maio de 1969. Arquivo do Idhec.

ao arcebispo e, segundo afirmou o religioso em suas respostas, geralmente dadas no boletim da Arquidiocese, deturpam suas declarações. Um exemplo desta situação foi o editorial de O Globo, em 03 de maio de 1968. Intitulado “O Padre Helder”, no texto, o próprio Roberto Marinho, proprietário do grupo de comunicação, afirma que o então arcebispo é “um atuante social de quem divirjo com respeito” e a quem tem carecido “nesses últimos dias, de senso de medida que só engrandeceria sua nobre missão”.<sup>83</sup>

De acordo com Castro (2002):

O único dos grandes jornais brasileiros que, a partir de 1967, não se empenhou em acusar o arcebispo ou distorcer os fatos foi o Jornal do Brasil. Esse comportamento do Jornal do Brasil tem uma justificativa puramente de ordem pessoal. É que Dom Basílio Penido, abade do Mosteiro de São Bento, em Olinda- PE, desde a década de sessenta, é confessor dos proprietários do jornal e sempre interferiu junto a eles em favor de Dom Helder. (Castro, 2002, p 146)

Entre os seus mais severos críticos na imprensa nacional estava David Nasser, um dos jornalistas mais influentes do Brasil a partir de 1950 e um dos célebres nomes da revista O Cruzeiro, por muitos anos, o carro-chefe do grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand.

Como aponta Luiz Maklouf Carvalho, no livro “Cobras Criadas”, Dom Helder Câmara foi “um saco de pancadas” do jornalista, que sempre apoiou o golpe militar e, inclusive, o aumento da repressão. Foram diversos artigos que em muitos momentos ganharam repercussão também localmente no Diário de Pernambuco, que pertence até hoje aos Associados.

Revela Carvalho:

Entre muitos cruzados, Nasser acertou-lhe um que repercutiu. Foi ao ar no Diário do Repórter de 08 de julho de 1970, com o título “Cara de santo - por que Dom Helder não é um bom caráter”. Enquanto Curi lia o texto, aparecia a imagem do bispo discursando durante um comício integralista nos tempos que simpatizava com os camisas verdes. Dom Helder, então arcebispo de Olinda, era uma voz forte contra a ditadura militar. Reproduzido na Rádio Tupi e em O Jornal, como de resto o eram todos os programas, o texto deu o que falar. Mereceu, por exemplo, matéria de dois terços de página na Veja - com a reprodução da foto de Dom Helder e um 3x4 do jornalista, com muitas declarações entre aspas reforçando o ataque. Dom Helder não foi ouvido. (CARVALHO, 2001, p 519)<sup>84</sup>

Em termos locais, o Jornal do Commercio e o Diário de Pernambuco, em

<sup>83</sup> Jornal O Globo. 03 de maio de 1968. Editorial assinado por Roberto Marinho. Arquivo do Idhec.

<sup>84</sup> CARVALHO, Luiz Maklouf. Cobras Criadas. São Paulo, *Editora: Senac Editora*; 2001, p. 519

Pernambuco, também repercutiram diversas críticas ao arcebispo, como também noticiavam, não em todos os momentos, as respostas do sacerdote, fato que cada vez ficou menos freqüente até o silêncio total em 1970. Deste período, o sociólogo Gilberto Freyre foi um de seus freqüentes e mordazes críticos.

Por vários anos o autor de “Casa Grande e Senzala” publicou artigos na imprensa sobre os mais variados temas, que têm em comum críticas contundentes à atuação do bispo. Ao se referir ao arcebispo, por diversas vezes, considerou o sacerdote como discípulo de Goebbels, o ministro da propaganda de Hitler. Afirmou que o bispo era mais líder político do que pastor de almas, padre tornado ateu e antigo fascista. Freyre chegou inclusive a responsabilizar Dom Helder Camara, só para citar um exemplo, do aumento de assaltos no bairro de Apipucos, onde sempre morou, porque o arcebispo tinha colocado um padre estrangeiro na paróquia.

Ao tentar justificar suas críticas contundentes, Gilberto Freyre afirmava que Dom Helder é mais político do que sacerdote. Matéria do jornal O Globo no dia 13 de agosto de 1969, só para citar um exemplo, relata críticas de Freyre divulgadas no jornal La Stampa, de Turim, Itália, que afirmam que Dom Hélder “não passa de um demagogo que se assemelha muito a Goebbles”, e Dom Hélder destaca que Freyre é um “reacionário que tem a profundidade e a vastidão dos intelectuais de raça”.<sup>85</sup>

É importante ressaltar que, em inúmeras ocasiões, Helder Camara não teve espaço na imprensa para responder às diversas críticas e acusações contra seu nome e suas ações. A censura ao seu nome foi se consolidando primeiramente em casos específicos. Para impedir a publicação de seu nome, por exemplo, várias mensagens foram enviadas aos jornais, como a que estabeleceu a proibição de resposta do arcebispo ao governador de São Paulo, Abreu Sodré, que tinha declarado que o arcebispo fazia “propaganda comunista”.

O silêncio total, no entanto, deu-se a partir de 1970, como relata Castro:

Dom Helder passou a não existir. Foi-lhe decretada a morte civil. Não se podia dizer que ele foi viajar, que ele chegou, que falou aqui ou ali, nada. (...) a situação, em rigor, só começou a melhorar da metade do período Geisel em diante, embora seja de justiça dizer que esse general-presidente desde o início de seu mandato (1974) cuidasse de abrandar a censura junto à Grande Imprensa. Mas Dom Helder ainda ficou congelado por algum tempo. (CASTRO, 2002, p. 183).

O período de silêncio total chegou ao fim no dia 24 de abril de 1977, quando o

---

<sup>85</sup> Jornal O Globo. D.H e Gilberto Freyre trocam acusações em jornal. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1969. Arquivo do Idhec

Jornal do Brasil publicou uma longa entrevista com o arcebispo. Foram anos de censura em seu país e anos de uma intensa movimentação no exterior.

Na década de 1970, antes mesmo da censura a seu nome, a relação entre a arquidiocese, certos setores da igreja, o governo militar e a imprensa estavam marcadas por forte tensionamento. Tiros atingiram a Igreja das Fronteiras, onde o então bispo morava. A sede do secretariado diocesano e da Cúria Metropolitana também foram metralhadas. Padre Henrique foi assassinado. Boatos apontavam que Dom Helder Camara teria sido ameaçado de morte. A forma com que este agente reagia a estes episódios ampliava no exterior a imagem de um homem corajoso que era perseguido em seu próprio país.

Neste ano, por sua defesa da paz, o arcebispo já era apontado por membros do comitê que concedia o prêmio Nobel como um dos favoritos. De acordo com Pilleti e Praxedes:

O próprio consultor do Comitê Nobel, Jakob Sverdrup, argumentara em seu relatório “que a sua mensagem de não-violência, na América Latina de hoje, pode ser considerada como tendo importância para a conservação da paz, porque representa uma alternativa realística ao aumento do terrorismo e dos movimentos guerrilheiros. Ele possui prestígio e importância, o que faz com que sua mensagem seja ouvida, tanto no Brasil, como fora do território nacional. (PRAXEDES E PILLETI, 2008, p. 9)

Sobre a possibilidade do Nobel da Paz ressalta Dom Marcelo Carvalheira:

Pela metade da década de 70, no tempo ainda da ditadura militar, quando notícias a seu respeito não podiam ser publicadas pela mídia, dizia-se de fontes certas que o nome de Dom Helder tinha sido lançado para receber o Prêmio Nobel da Paz. Era o candidato de maior prestígio internacional e de um apoio inédito proveniente de toda a parte. Mas a ditadura do país se opôs. O governo militar barrou, por via diplomática, a sua escolha e impediu que um filho do Brasil, um verdadeiro patriota, recebesse essa honorificência reservada a poucos - aos que, no mundo, lutam denotadamente pela justiça e pela paz. (CARVALHEIRA, 2000, p. 45)<sup>86</sup>

Para se ter uma ideia desta possível campanha, nunca confirmada oficialmente pelo governo brasileiro, o jornalista David Nasser, um dos mais severos críticos do então arcebispo e autor de diversos artigos entre setembro e novembro de 1970 relembra:

Todo mundo pensava que o arcebispo de Olinda seria o Prêmio Nobel da Paz. Boilesen empacotou 30 exemplares de meu artigo, ilustrado pela foto de Dom Helder no meio de integralistas e, partiu ao encontro do rei, lá na Escandinávia.

<sup>86</sup> CARVALHEIRA, Marcelo. “Fioretti” do Irmão Francisco. In Helder, o Dom uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Rocha, Zildo (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 45.

Mostrou-lhe a ilustração, traduziu-lhe o texto. E fez o mesmo com um editorial do O Estado de São Paulo, onde a frase de Helder era manchete, na sua definição de nossos terroristas, a seu ver, “admiráveis guerreiros urbanos. Eu os amo, eu os amo!”. O rei ficou horrorizado. Fez publicar no mais importante jornal a fotografia e a tradução. Os homens que iam escolher Dom Helder leram, bestificados, o título: “Um fascista para o Prêmio Nobel?” e viram, no meio dos camisas-verdes, o candidato Helder entre anauês, glorificando o Hitler da América.<sup>87</sup> (CARVALHO, 2001 p. os 519 e 520)<sup>88</sup>

Sobre essa possível ação articulada do governo brasileiro contra a premiação de Camara é também abordada por Praxedes e Piletti. Os referidos autores chegam a afirmar que havia uma campanha de bastidores comandada pela embaixada brasileira em Oslo, em nome do governo Médici, para neutralizar a candidatura do arcebispo, como revelam:

Uma hipótese que justificaria tamanha rejeição dos militares, além das suas denúncias contra o regime, era a possibilidade de que eles não tivessem gostado nem um pouco de saber que o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, em 1969, chegara a defender a tese de que o arcebispo seria o candidato de sua preferência para ocupar a presidência do Brasil, como “uma alternativa civil” ao regime militar, a ser articulada pelos Estados Unidos. (PRAXEDES e PILETTI, 2008, p. 323)

Dom Helder Camara foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz nos anos de 1970, 1971, 1972 e 1973. A análise deste período constata um novo viés nos discursos de Camara, no nosso entendimento. Valores religiosos como o da fraternidade e da luta contra a miséria continuam presentes, mas os pronunciamentos públicos internacionais começam a configurar o arcebispo como um dos líderes pacifistas mundiais. A luta contra a ditadura e a defesa dos direitos humanos é fortemente abordada e o Brasil passa a ser visto como exemplo da necessidade de um esforço internacional para a defesa do desenvolvimento com justiça social e liberdade. Indicado diversas vezes ao Nobel da Paz e censurado em seu país, o sacerdote passa a ser visto no exterior como uma das mais importantes personalidades mundiais em defesa da paz e da igualdade.

O discurso que dá início a análise desta nova fase dos pronunciamentos públicos de Dom Helder Camara foi a primeira denúncia pública realizada no exterior revelando a prática da tortura no Brasil. Promovido pelo Centro Católico de Intelectuais Franceses, o Movimento Pax Christi, a Confederação do Protestantismo Francês e o Comitê Católico

<sup>87</sup> Albert Boilesen era um empresário dinamarquês, naturalizado brasileiro, do Grupo Ultra, um dos que financiavam as máquinas de tortura. Boilesen foi assassinado em 15 de abril de 1971 por um comando guerrilheiro.

<sup>88</sup> CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas*. São Paulo, Editora: Senac Editora; 2001, ps 519 e 520.

contra a Fome, o encontro deveria ser realizado num auditório para 2.500 pessoas em Paris, mas diante da grande procura acabou sendo transferido para o Palácio de Esportes, com capacidade para 10 mil pessoas.

A palestra inicial, que já tinha sido preparada no Brasil, abordava a atualidade e a responsabilidade da França frente aos ideais da Revolução: liberdade, igualdade e fraternidade. Mas Dom Helder Camara não a leu. Falou de improviso diante do espaço lotado, denunciando práticas de tortura existentes no Brasil. Foi convencido horas antes por leigos franceses próximos que perderia a força moral de denunciar erros da França se não apontasse para os do Brasil. O então arcebispo de Olinda e Recife concordou. “Quaisquer que sejam as conseqüências” foi o título da palestra realizada no dia 26 de maio. O Instituto Dom Helder Camara- Idhec guarda as três versões da palestra que seriam feitas inicialmente, a última delas, em francês, mas não há registro, nem em áudio nem em texto, da palestra que acabou sendo feita pelo então arcebispo e que marcou em definitivo sua presença no Brasil e no exterior, como um dos mais célebres nomes do pacifismo e da defesa da liberdade na década de 70. As informações sobre este discurso que serão descritas abaixo foram retiradas a partir de referências indicadas pelo Idhec.

Utilizando um esquema argumentativo que começava com fatos vividos por ele, o arcebispo citou dois exemplos de tortura: um envolvendo o estudante Luis Medeiros de Oliveira, que preferiu se jogar da janela a ter reiniciada a sessão de tortura. O outro caso narrado em Paris foi o do padre Tito de Alencar, que atuava em São Paulo. O bispo chegou a ler trechos da carta do padre, como estes:

“Pendurado, nu, as mãos e os pés amarrados, eu recebi choques elétricos, provenientes de pilhas secas, na sola dos pés e na cabeça”. Mais além, ele descreve uma outra tortura: a cadeira do dragão. É uma cadeira com fios e placas metálicas “ligados numa corrente elétrica, esses fios e placas metálicas enviavam-me choques nas mãos, nos pés, nas orelhas e na cabeça”. Ele fala ainda de uma tortura que eu não direi habitual, mas que também não é rara: ele foi convidado a abrir a boca, “para receber a santa hóstia”. Colocaram, então, dentro de sua boca um fio elétrico. (Praxedes e Pilleti, 319)

Dom Helder Camara enfocou os dois exemplos e afirmou que não eram casos isolados, eram tratamentos frequentemente dispensados a presos políticos no Brasil. O discurso prosseguiu com o arcebispo abordando a questão da luta armada no país contra o regime militar e fatos da conjuntura nacional e defendendo a necessidade da luta pacífica por mais justiça social e pela democracia.

Logo, no Brasil, as conseqüências surgiram. Vários artigos e editoriais foram

publicados em jornais de circulação nacional. Notícias que começaram a circular insinuavam que comunistas, movimentos guerrilheiros e até Fidel Castro custeavam suas viagens internacionais. As críticas no Brasil referendavam cada vez mais, no exterior, a imagem de perseguido em nome da democracia.

Em discurso realizado em Wurzburg, na então República Federal da Alemanha, em 23 de maio de 1971, no momento em que se unificam os três sindicatos católicos de trabalhadores da Baviera, de Bade-Wurtemberg e da Prússia, o religioso defendia que a ordem social vigente deveria ser revista profundamente.

Dizia arcebispo:

O capitalismo e mesmo o neo-capitalismo não se cura. Para ele, o lucro é o grande motor do progresso econômico e concorrência é a lei suprema da economia. Então, apesar de muitos cristãos, por medo do comunismo, acharem que a salvação do próprio cristianismo está ligada à salvação do capitalismo, o regime capitalista, ontem, hoje e sempre, não sabe viver sem escravos.<sup>89</sup>

Em outro trecho deste mesmo texto, o então arcebispo destaca:

O regime capitalista não pode passar sem colônias. Como nos nossos tempos há repugnância pela dependência política, surge o neo-capitalismo: independência política de nome, dependência econômica de fato. Metrôpoles e satélites. Não esqueço, é evidente, o que se passa do lado socialista. As superpotências socialistas de nossos dias, a URSS e a China Vermelha, estão aumentando a confusão do Mundo. Quando se podia esperar que o socialismo ajudasse a libertar das escravidões sobre as quais o neo-capitalismo baseia a própria prosperidade, as superpotências socialistas, forçadas pela concorrência capitalista, desmoralizam o socialismo, criando também, países satélites, montando impérios, revelando egoísmo e frieza idênticos aos das superpotências capitalistas em face dos países desenvolvidos.<sup>90</sup>

Os trechos acima apontam para um dos posicionamentos mais marcantes do bispo no exterior durante os anos de censura no Brasil: as críticas ao capitalismo e às experiências do socialismo, sobretudo no que se referem à política das grandes potências em relação aos países do chamado terceiro mundo, em que “países ricos pagam cada vez menos pelo que compram aos países pobres e cobram cada vez mais pelos produtos que lhes vendem”. Através da exposição das ideias e até dos termos utilizados neste e em outros discursos percebe-se um interesse pelo pensamento marxista, contudo, com forte condenação ao materialismo dialético. Para Camara, o capitalismo e o socialismo, no cenário em que os

---

<sup>89</sup> Discurso realizado em Wurzburg, na então República Federal da Alemanha, em 23 de maio de 1971. Arquivo do Idhec.

<sup>90</sup> Idem

interesses falam mais alto, estariam se aproximando a partir do uso da tecnologia, pois já se foi o tempo do desenvolvimento espontâneo e não-científico.

Neste sentido questionava o arcebispo, no mesmo discurso, na Alemanha:

Como chegar a uma escolha entre o capitalismo, que constrói seu esplendor às custas da miséria e das condições subhumanas de mais de 2/3 do mundo e o socialismo tal como se apresenta, como competidor, e praticamente repetidor do capitalismo?

O que permeava as mais contundentes críticas do bispo eram os *trusts* internacionais, “grandes empresas ligadas a várias nações que atuavam em todo o mundo”, que, controlavam o mercado internacional e nos países subdesenvolvidos protegiam grupos privilegiados que mantêm o colonialismo interno.

Neste contexto afirmava o então arcebispo em outro trecho do texto citado na página anterior.

Espalham o medo do comunismo e com a desculpa de evitá-lo ajudam a impedir reformas de base, mudanças de estrutura e mantêm as atuais estruturas de escravidão. (...) Aliam-se, facilmente, com os militares, pois só as macro-empresas podem fabricar os modernos e caríssimos engenhos de guerra, os modernos e caríssimos instrumentos de exploração espacial, do maior interesse para a estratégia militar.

Para Camara o debate sobre o capitalismo e o comunismo não poderia ser ignorado em sua missão pastoral. Um outro exemplo marcante da visão helderiana sobre essa temática foi uma palestra realizada na Universidade de Chicago, em 29 de outubro de 1974,<sup>91</sup> em comemoração ao sétimo centenário da morte de São Tomás de Aquino, intitulada “O que faria São Tomás de Aquino, o comentador de Aristóteles, diante de Karl Marx?”<sup>92</sup>

Nesta palestra, o bispo propôs uma reinterpretação da obra de Marx assim como São Tomás de Aquino fez com Aristóteles, enfocando aspectos positivos que podiam ser aplicados ao cristianismo.

Sobre esta visão helderiana aponta Castro:

O bom exemplo disso, para Dom Helder, é o que fez Tomás de Aquino com Aristóteles. Tomás de Aquino encontrou Aristóteles, no seu tempo (século XIII), como um condenado, um pagão, um materialista. E o que se dizia era que o

<sup>91</sup> Palestra realizada na Universidade de Chicago, em 29 de outubro de 1974, em comemoração ao sétimo centenário da morte de São Tomás de Aquino. Arquivo do Idhec.

<sup>92</sup> Os Cadernos de Opinião, revista assinada pelo empresário Fernando Gasparian, após o fim do seu jornal Opinião, publicaram esta palestra de Dom Helder e tiveram exemplares apreendidos pela censura federal. Gasparian também foi processado.

sistema aristotélico era de tal maneira monolítico que seria impossível querer salvar uma eventual verdade que escapasse dentro dele. Porque, dizia-se, aceitar uma peça era aceitar o todo dentro daquele sistema. E, no entanto, Aristóteles foi compreendido por Tomás de Aquino. Porque Tomás de Aquino teve a coragem de aceitar o maldito, o pagão, o materialista. E procurou salvar todas as verdades que estavam prisioneiras no sistema aristotélico. Procurou mais do que isso, buscando aprofundá-las. E tivemos depois toda essa riqueza de que dá testemunho hoje a Suma Teológica. Eis a visão de Dom Helder – que se prolonga no tempo com exemplos modernos. (CASTRO, 2002, 189)

O maldito que deveria ser compreendido nos anos 70 era Karl Marx a quem o então arcebispo de Olinda e Recife se referia como um homem que:

(...) empolga milhões de criaturas humanas, sobretudo de jovens; quando um homem inspira a vida e a morte de grande parte da humanidade, e faz poderosos da terra tremer de ódio e de medo, este homem merece que o estudemos, como certamente o estudaria quem enfrentou Aristóteles e dele soube destacar tudo o que havia de certo.

O bispo reconhecia que em teoria e na prática o marxismo parecia intrinsecamente anti-religioso e anti-cristão, mas mesmo assim enfatizava que “há verdades a redescobrir e a valorizar no marxismo.

A seguir, mais um trecho deste discurso emblemático, no nosso entendimento, realizado na Universidade de Chicago e que retrata o pensamento helderiano nos anos 70:

Entre outros numerosos pontos do sistema de Marx que os elaboradores das novas sumas haverão, certamente, de incorporar como verdades cristãs que se ignoram, impossível esquecer um aspecto essencial do marxismo: a análise das relações de produção, que geram as classes, as tensões, a exploração, a revolta, a luta de classes, as ideologias, as superestruturas. Aliás, quando Marx levanta a utopia de uma sociedade sem classes, confraternizada e feliz, os cristãos não devem espantar-se, pois o profeta Isaías vai ainda mais longe do que ele, antevendo as armas se transformando em arados, o leão e o cordeiro comendo juntos, como irmãos.

É importante ressaltar que ao defender aspectos da teoria marxista, Helder Camara não nega nenhum ensinamento da igreja, ao contrário propõe uma cristianização do marxismo. Críticas a este posicionamento – uso do marxismo como fonte de debate da chamada Teologia da Libertação - surgiram rapidamente dentro e fora da igreja, pois no cenário da época, marcado pela guerra fria, aprimoramento tecnológico e bélico e “ameaça do comunismo”, as declarações de Dom Helder causavam cada vez mais polêmica.

Sobre esta conferência na Universidade de Chicago, relata o jurista Sobral Pinto,

defensor de presos políticos na ditadura e amigo do bispo, um dos poucos que o chamavam apenas de Helder:

Mas quero, agora, mostrar uma divergência doutrinária entre mim e Helder. Helder fez certa vez uma conferência em Chicago em que disse que esperava que surgisse um novo Santo Tomás de Aquino para batizar o marxismo como Tomás batizou o aristotelismo. Ora, o paralelo não é exato, porque Aristóteles não deve ser comparado a Marx. O marxismo é substancialmente materialista, e aquilo que é materialista, não pode ser batizado. Já o aristotelismo não é fundamentalmente materialista. Tanto assim que Aristóteles chegou ao Ato Puro. Esse ato puro poderia ser chamado Deus. Por outro lado, Aristóteles viveu 300 anos antes de Cristo. Não conheceu nem a revelação cristã. Não conheceu a revolução hebraica. Marx era israelita, conheceu a revolução hebraica e viveu na era cristã. Viveu dezenove séculos depois de Cristo. Mas isso mostra o espírito generoso, a alma caridosa de Helder. Quando pensa que é possível batizar o marxismo é porque vê o marxismo se espalhar pelo mundo todo, sobretudo pelas camadas mais pobres. Ele então desejaria que esse marxismo, que essa ideologia fosse cristianizada, porque dessa maneira atrairia esses pobres todos para o cristianismo. (CASTRO, 2002, p. 279)

Como visto, Dom Helder Camara pretendia acabar com a resistência da igreja católica em relação a aspectos que considerava positivos dentro da doutrina marxista. O bispo também nunca se furtou a dialogar com teóricos da época, como o intelectual francês Roger Garaudy, comunista que depois foi expulso do Partido Comunista Francês por propor uma abertura à religiosidade. Depois disso, como relatam Praxedes e Piletti (2000, p 342) Garaudy converteu-se ao cristianismo e, nos anos 1980, tornou-se muçulmano. Assim Garaudy (2000) se refere a Helder Camara: “meu primeiro encontro com Dom Helder é o momento mais importante de minha vida”.<sup>93</sup>

Como destaca o próprio Garaudy:

O futuro do homem não poderá ser construído nem contra os crentes, nem tampouco sem eles; o futuro do homem não poderá ser construído nem contra os comunistas, nem mesmo sem eles. (Garaudy, 1966, p. 10).<sup>94</sup>

Para entender o seu tempo, Helder Camara buscou as ciências sociais procurando redescobrir o marxismo adaptando a seu posicionamento cristão e sua realidade pastoral. De acordo com Michael Löwy:

Essa descoberta do marxismo pelos cristãos progressistas e pela teologia da libertação não foi um processo meramente intelectual ou acadêmico. Seu ponto

<sup>93</sup> GARAUDY, Roger. Homenagem a Dom Helder Camara. In Helder, o Dom : uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Rocha, Zildo( org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 29.

<sup>94</sup> GARAUDY, R. 1966. *Do anátema ao diálogo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, p 10

de partida foi um fato inevitável, uma realidade brutal e geral na América Latina: a pobreza. Para muitos fiéis preocupados com o social, o marxismo foi escolhido porque parecia ser a explicação mais sistemática, coerente e global das causas para essa pobreza, e a única proposta suficientemente radical para aboli-la. (Löwy, 2000, p. 123).<sup>95</sup>

Para este religioso, o marxismo foi utilizado em sua ação pastoral porque como defende a Teologia da Libertação, a miséria não era castigo divino, era conseqüência de desigualdades sociais, com raízes na economia, que não eram imutáveis, poderiam ser modificadas e para isso um marxismo cristão traria muitas respostas.

Em outro discurso, em 21 de junho de 1972, na Universidade de Munster, na Alemanha, intitulado “Cristianismo, socialismo e marxismo se defrontam e se interrogam”, o bispo afirmava que a religião não poderia ser suporte de estrutura de opressão. Ele defendeu que uma “autêntica práxis marxista, nos nossos tempos, levará, entre outras, a duas atitudes novas, da maior importância para a marcha do mundo”. São elas, de acordo com o então bispo de Olinda e Recife:

Atitude nova em face da religião, uma vez que os fatos estão provando que a ligação entre religião e alienação não é ligação necessária e imutável. Os fatos provam que, dentro de todas as grandes religiões do mundo, há minorias decididas a viver e levar a viver a religião engajada na libertação do homem, não apenas depois da morte, em uma eternidade longínqua e misteriosa, mas já aqui na terra, em plena vida. Atitude nova em face do socialismo, uma vez que os fatos estão provando que a ligação entre o socialismo e o materialismo dialético não é ligação necessária e imutável.<sup>96</sup>

Neste discurso, na Universidade de Munster, Dom Helder Camara encerra suas palavras dirigindo uma “saudação fraterna” ao marxista Roger Garaudy, recentemente convertido ao cristianismo. Torna-se interessante, neste aspecto, destacar que o bispo afirma que da parte cristã não se deve reduzir a mensagem evangélica a um sistema filosófico ou criação política, o que revela o seu discurso essencialmente religioso.

Neste sentido, observa-se que Helder Camara vê a conversão de Garaudy como um ato simbólico que marcaria a hora:

(...) de os marxistas reverem, sobretudo, o duplo preconceito de religião sinônimo de alienação, e de socialismo necessariamente ligado ao materialismo dialético;

<sup>95</sup> LÖWY, M. 2000. A guerra dos deuses. Religião e política na América Latina. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 123.

<sup>96</sup> Discurso realizado no dia 21 de junho de 1972, na Universidade de Munster, na Alemanha, intitulado “Cristianismo, socialismo e marxismo se defrontam e se interrogam”. Arquivo do Idhec.

a de cristãos, sem se prenderem necessariamente a um sistema, constatarem a existência de um neo-marxismo, que repele as distorções do socialismo e descobre, na mensagem cristã, uma forte inspiração para a socialização plena do ter, do poder e do saber?

No trecho acima verifica-se fortemente a base do marxismo na visão helderiana: um socialismo sem o materialismo dialético e ampliado para além da divisão de propriedade e que também implicava em menos desigualdades no ter, poder e no acesso ao saber. Para que este marxismo tivesse eco na sociedade, Camara conclamava os leigos, inicialmente das chamadas Minorias Abraâmicas, porque como Abraão “esperam contra toda a esperança”, afirmava o bispo.

Num discurso essencialmente religioso embora enfocando temas políticos que marcava sua ação no exterior durante a censura no Brasil, a religião era comumente enfocada como base e ponto de partida para ação social, a partir da integração de movimentos de leigos de cada localidade, estado, país, continente e mundo, as já citadas Minorias Abraâmicas. A revolução na visão helderiana era pacífica, não pregava uso de armas, era conclamada pela palavra, mas não devia se resumir a ela. Para tanto, o bispo sempre apontava soluções fraternas para que, a partir desta pressão moral, as Minorias Abraâmicas pudessem apresentar resultados, atingindo mudanças nas estruturas e restabelecimento de uma nova ordem a partir da violência dos pacíficos, a força da alma, como destacava o então arcebispo.

Para que essa revolução pacífica e cristã fosse realidade, Dom Helder Camara não poupava críticas públicas nem à própria igreja. Ciente da repercussão das suas viagens e do tenso clima político no Brasil o Vaticano “orientou” o bispo a reduzir suas viagens para ficar mais tempo em sua diocese. A agenda internacional não deveria ultrapassar dois meses, seu período de férias na arquidiocese.

Em palestra realizada em Caracas, na Venezuela, em 24 de agosto de 1971, a convite do comitê organizador do “I Congresso Latino Americano de Desenvolvimento Integral do Homem”, Dom Helder Camara frisou:

A juventude, em grande parte, começa a descrever da igreja, achando que somos maravilhosos na formulação de belos textos, mas sem-coragem de levá-los à prática. Os jovens, em grande parte, continuam fiéis a Cristo, mas por culpa nossa, se desencantam, sempre mais, com a igreja institucional. Enquanto apenas raros bispos, raros padres e pastores, pequenos grupos de leigos cristãos pretenderem superar o assistencialismo, entendendo que a grande caridade do século é exigir justiça, enquanto apenas pequenas parcelas do Povo de Deus clamarem por mudanças de estruturas – por mais que fiquem na não-violência e

nos limites do Vaticano II e de Medellin - serão tidos como progressistas, vermelhos, agitadores e suspeitos.<sup>97</sup>

Em outro momento, durante palestra realizada no Circus Krone Brau, em Munique, em 20 de junho de 1972, o bispo abordou qual seria a postura do cristianismo entre o socialismo e o marxismo. Em relação a uma das principais críticas que recebera como defensor de um pensamento que via a “religião como ópio do povo”, Dom Helder Camara afirmou:

Karl Marx, com a impressão errada de que religião tem ligação necessária e inevitável com a alienação, que prega paciência, aceitação das injustiças e explorações, contando com a recompensa no céu, proclamou também erradamente, que só o materialismo dialético daria segurança científica ao socialismo.<sup>98</sup>

Em sua crítica a Marx, o sacerdote afirmava que não há ligação obrigatória entre religião e alienação. Para isso ele utiliza o evangelho como base para que cristãos exijam cada vez mais mudanças profundas e pacíficas nas estruturas de escravidão. Neste ponto, percebe-se claramente que o bispo enfoca as questões com mais liberdade e de forma bem mais contundente neste período em relação à década anterior. A política continua muito presente em sua fala pública, mas nos anos 70 adquire um viés mais globalizado. O discurso político que na década anterior era visto até em alguns momentos como justificativa para sua polêmica ação pastoral, nos anos 70 é focado como alternativa concreta de revolução – pacífica e sem violência – em defesa da justiça.

Dom Helder Camara nunca foi tão revolucionário quanto neste período em que o golpe militar calou sua voz no Brasil. Ao afirmar, como fez nesta palestra em Munique, que o esmagamento do homem no capitalismo é “mais sutil e sofisticado” e que “o socialismo russo e chinês cometem falhas que comprometem o próprio socialismo”, o bispo impulsionava uma discussão que há muito já iniciara: como a sociedade pode dar respostas concretas, através da política, para desigualdades sociais.

As respostas sobre sua ação política que a censura calou no Brasil eram enfatizadas de forma veemente no exterior. Ainda neste mesmo discurso, realizado na Alemanha, em 1972, o sacerdote afirmava:

(...) em nome do alerta contra o perigo comunista, em nome da segurança nacional é suspeito, subversivo, comunista todo aquele que reclamar contra

<sup>97</sup> Discurso de Dom Helder Camara em Caracas, na Venezuela, em 24 de agosto de 1971, a convite do comitê organizador do “I Congresso Latino Americano de Desenvolvimento Integral do Homem”. Arquivo do Idhec

<sup>98</sup> Palestra de Dom Helder Camara no Circus Krone Brau, em Munique, em 20 de junho de 1972. Arquivo do Idhec.

injustiças e falar em direitos. Esmolas sim. Mas bater-se por direitos, pretender cumprimento de obrigações é contra a ordem social, é comunismo. Para evitar o comunismo, implantam-se ditaduras de direita, inteiramente dignas das ditaduras de esquerda e que adotam métodos que em nada diferem dos adotados pelo nazismo ou stalinismo.

Em outro ponto deste mesmo discurso ele complementa:

E quanto à liberdade religiosa, a religião tem prestígio, na medida em que ajudar a manter a chamada ordem social, sem se atrever a examinar se ela encobre injustiças terríveis e acaba sendo uma pseudo-ordem. Se a religião tiver a pretensão e a audácia de contestar injustiças e clamar por uma ordem mais justa e mais humana, perde todo o prestígio e todo o apoio dos poderosos, passa a ser suspeita e julgada como subversiva e comunista.

Publicamente, o bispo passou a se pronunciar pedindo coragem para aprofundar as mazelas do capitalismo e do socialismo. Neste discurso de 1972 ele chegou a afirmar: “por incrível que pareça, em teoria, o socialismo é mais humano e mais perto do evangelho”.

Por esta frase, pode-se supor, num ambiente marcado pela guerra fria, a singularidade da trajetória de um bispo, do terceiro mundo, censurado em seu país, criticando o capitalismo e afirmando que o socialismo estaria mais próximo do cristianismo. Sobre a possibilidade de estranheza em suas declarações, o bispo afirmava que Cristo libertava não só dos pecados, mas da consequência dos pecados. Cada vez mais se consolidava em seu discurso a necessidade da religião dar respostas a questões sociais. A eternidade, para Dom Helder Camara, tão valorizada pelo cristianismo a partir da importância da ressurreição em sua doutrina, começa no mundo do aqui e do agora.

Numa homilia na Igreja de São Miguel, em Munique, Alemanha, em 20 de junho de 1972, Dom Helder propõe a conversão da igreja e que o caminho para o entendimento seria dar atenção para a dívida imensa que o cristianismo teria com a humanidade. Questionava o sacerdote na igreja alemã:

Será que não nos sensibiliza verificar que um dos maiores escândalos dos nossos tempos é ver que, ao menos na origem, é cristã a minoria privilegiada que detém mais de 80% dos recursos da Terra? Será que não nos sensibiliza o escândalo, que a tantos afasta da prática religiosa e alguns leva até ao ateísmo, de cristãos, consciente ou inconscientemente, estarem usando o perigo comunista como pretexto para defender privilégios, baseados em estruturas ou mantêm na escravidão mais de dois terços da humanidade?<sup>99</sup>

Em outro momento, durante conferência realizada para religiosas, em Milão, na

---

<sup>99</sup> Homilia na Igreja de São Miguel, em Munique, Alemanha, em 20 de junho de 1972. Arquivo do Idhec.

Itália, em 19 de outubro de 1974, Dom Helder Camara apontava que seria preciso enfrentar as fraquezas humanas da igreja, que era divina, contribuindo para sua ação pastoral como “presença viva do Cristo, com os homens e no meio dos homens”. “Por que amo a igreja?” foi o título desta palestra.

Destacou o então arcebispo nesta ocasião:

Quais são os contra-sinais que chocam, de maneira mais triste, sobretudo os jovens? Salvo engano são: o fato de a igreja estar presa na engrenagem capitalista, a tentação de prestígio e de autoridade de que não livrou, de todo, a hierarquia, o comprometimento com poderosos, inclusive ditadores, o espírito inquisitorial, ainda bastante vivo, e que cria suspeitas, medos, super-prudências que, se coram exageros reais e deformações, desestimulam iniciativas, dignas de ser encorajadas.

Assumindo um tom profético, um tanto incomum em seus discursos desta época, o bispo afirma que exagera na esperança e que o próprio Cristo, o espírito de Deus, “mais uma vez, arrancará a igreja do Cristo das estruturas bem pouco evangélicas às quais a ligamos. Ela, a igreja de Cristo - não sei como, como não sei quando - sairá despojada e nua, mas bela como nunca”, disse Dom Helder Camara para as freiras na Alemanha. Constata-se, neste sentido, uma intenção cada vez mais recorrente e explícita do bispo de defesa de uma maior aproximação da igreja com as questões sociais.

Neste sentido, como aponta o Padre Fernando Bastos Ávila, um dos pioneiros da PUC Rio, e, inclusive, fundador do Departamento de Sociologia daquela universidade:

Dom Helder está na origem da tomada de consciência da igreja no Brasil, de sua responsabilidade social como instituição. Antes dele, muitos bispos faziam admiráveis obras sociais. Mas, creio eu, foi Dom Helder quem despertou na Igreja do Brasil aquela consciência, a de sua indeclinável missão de explicitar as exigências sociais da mensagem cristã. Isso antes mesmo do Vaticano II, quando ainda bispo auxiliar do Rio de Janeiro, criando as grandes obras sociais da arquidiocese. (CASTRO, 2002, p 283)

O sacerdote, na década de 70, assumia cada vez mais a agenda da defesa de ações que modificassem a ordem social. Neste aspecto, um discurso realizado na Assembleia Legislativa de Pernambuco, durante sessão comemorativa do sesquicentenário da instalação do poder legislativo no estado, em 31 de maio de 1973, é a exceção entre os discursos analisados no período, porque foi realizado no Brasil. Neste momento, o bispo fala como “pastor” da igreja, mas defende que ela não deve estar alheia a questões políticas. Esse discurso, no nosso entendimento, é uma reafirmação de sua ação pastoral e da defesa da liberdade.

Nesta ocasião ele afirmou, “na qualidade de porta-voz autorizado da Igreja de Cristo que está em Olinda e Recife”, que os parlamentares e a sociedade não deviam se espantar em constatar que a igreja está interessada em política.

Dizia o então arcebispo:

Não deixemos que se esqueça que política é sinônimo de preocupação com o bem comum. A dimensão política é indispensável à missão evangélica de amar ao próximo e de estímulo à construção de um mundo mais justo e mais humano (...). Desconheceria completamente nossa missão quem pretendesse reduzir-nos aos limites das sacristias e ao cuidado com a eternidade. A eternidade começa agora e aqui. O pecado, além das dimensões internas e individuais, tem, não raro, graves dimensões sociais.<sup>100</sup>

Neste discurso contundente, Dom Helder Camara, já vivendo sob a censura em seu país, propõe que os parlamentares “lutem contra a injustiça e a opressão, contra o absolutismo e a intolerância, sejam dum homem ou dum sistema político”, citando uma passagem da Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”, documento aprovado no Concílio Vaticano II. Em outro ponto, o arcebispo pede que os deputados apóiem “a imprensa escrita e falada a reconquistar a liberdade”, para que o sindicato “volte à sua função autêntica”, e para que “a liberdade volte ao meio estudantil”.

Declara também que “seríamos indignos de Cristo se não emprestássemos voz aos que são barbaramente torturados, e, não raro, mortos por diversos dispositivos para-legais, que lembram, tristemente, os dias hediondos de Stalin e Hitler”.

Esse discurso provocou reações no campo político de então, comandado pelos militares. Dias depois, policiais não identificados, conforme relata ofício enviado no dia 16 de junho pela arquidiocese e publicado no Boletim Arquidiocesano, estiveram no número 48 da Rua do Giriquiti, em Recife, espaço em que estavam instalados o Secretariado Regional Nordeste II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, a Cúria Arquidiocesana, a sede Regional da Conferência dos Religiosos e o Secretariado da Arquidiocese de Olinda e Recife.

Conforme relata o ofício, os policiais prenderam as pessoas que se encontravam no endereço, inclusive o bispo auxiliar Dom José Lamartine, e recolheram cópias do discurso do arcebispo na Assembleia Legislativa, edições dos jornais da arquidiocese e alguns livros. Horas depois, outros policiais, desta vez identificados como da Polícia Federal, com um mandato de apreensão recolheram o documento final do Manifesto dos Bispos do Nordeste,

---

<sup>100</sup> Discurso realizado na Assembleia Legislativa de Pernambuco, durante sessão comemorativa do sesquicentenário da instalação do poder legislativo no estado, em 31 de maio de 1973. Arquivo do Idhec.

intitulado “Eu Ouvi os Clamores de Meu Povo”.<sup>101</sup>

Ressalta-se que o bispo nunca foi um revolucionário no campo religioso, a ponto de colocar em suspeita ou propor uma ruptura com dogmas de sua fé. As críticas ao posicionamento da igreja no social, no entanto, não se restringiam às sacristias. Eram temas de sermões, discursos públicos, a priori extremamente religiosos, proferidos para os fiéis dentro de seus templos, na ‘ Casa do Pai’, como costumava dizer Helder Camara.

Neste sentido, acrescenta Alceu Amoroso Lima, um dos mais importantes pensadores católicos do Brasil, e de quem Dom Helder Camara se tornou próximo, em depoimento a Marcos de Castro sobre o bispo:

Muita gente acha que ele é muito político – e até só político (...). Mas é uma injustiça dizer que ele é só político, porque Dom Helder é tipicamente um homem de Cristo. Eu não diria um homem de igreja, embora ele o seja, porque isso pode dar uma falsa impressão, a impressão de um homem ligado apenas a instituição visível da Igreja. Mas é que a igreja é fundamentalmente para ele o corpo místico de Cristo. (CASTRO, 2002, p. 261)

Na década de 70, no entanto, a imagem deste religioso no exterior era marcada pela ação política em defesa da justiça e da paz, o que aumentou e muito a repercussão de seus discursos fora do Brasil. O jornal norte-americano Sunday Times, em sua edição de 17 de maio de 1970, publicou que ele era “o homem de maior influência na América Latina, depois de Fidel Castro”. Neste mesmo ano, o ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1968, René Cassim, grupos de parlamentares da Holanda, Suécia, França e Irlanda apoiados por um abaixo assinado com 5 milhões de assinaturas reunidas pela Confederação Latino-Americana Sindical Cristã indica o bispo para o Prêmio Nobel da Paz. Premiação nunca concedida como já exposto anteriormente nesta dissertação.

Em 1974 Dom Helder Camara recebeu na Noruega o Prêmio Popular da Paz, concedido ao arcebispo devido a “seu trabalho pela paz e pela justiça social, através da sua luta contra a exploração de grandes grupos humanos no Brasil e no Terceiro Mundo” e porque o arcebispo de Olinda e Recife “foi preterido pela quarta vez na distribuição do Prêmio Nobel da Paz”, conforme os estatutos elaborados dia 09 de novembro de 1973 pela Comissão de Organização do Prêmio.<sup>102</sup> (CIRANO, 1983, p. 275)

O arcebispo recebeu o prêmio no salão nobre da prefeitura de Oslo, numa cerimônia

---

<sup>101</sup> Manifesto “Eu ouvi os clamores de meu povo “, arquivo do Idhec.

<sup>102</sup> CIRANO, Marcos. *Os Caminhos de Dom Hélder - Perseguições e Censura*. Editora Guararapes, Recife, 1983, p. 275.

para mais de mil convidados, transmitida pela Eurovisão, para cerca de 30 países. Em seu discurso, no dia 10 de fevereiro de 1974, o bispo cita Gandhi, Martin Luther King e afirma que sem justiça a paz será impossível e que o prêmio será posto em serviço para “uma nova guerra - sem violência pela humanização do mundo”. Os recursos desta premiação foram destinados para a Operação Esperança e destinados para a compra de engenhos em Pernambuco, no segmento de atuação rural desta iniciativa organizada pelo arcebispo.

Afirmava o sacerdote na Noruega:

Em hora tão grave para a humanidade, por que nós, os que carregamos a responsabilidade de crer em Deus, não nos aliamos? Aliança para quê? Aliança, pacto, para pressionar moralmente nossos amigos, nossos parentes, nossos conhecidos, para que tomem consciência de situações de injustiça, não se deixem manipular, reajam contra todo e qualquer esmagamento de seres humanos.<sup>103</sup>

Nos anos seguintes, constata-se, por diversas vezes, esse pedido de tomada de consciência para questões que deveriam ser debatidas como os direitos humanos, o subdesenvolvimento, a miséria e a fome. Essa postura do sacerdote, no nosso entendimento, revela uma busca de articulação do religioso em ampliar valores do campo religioso para criar formas de ação em outras esferas do social.

No dia 18 de outubro de 1975, por exemplo, ao receber em Davenport, nos Estados Unidos, o Prêmio para os que combatem o racismo, conferido pelo Conselho Católico Inter-Racial, o bispo afirma que é “tão incompreensível e escandaloso que o desprezo e o ódio contra negros, latino-americanos e amarelos, neste século e neste país, estão abrindo os olhos de muitos para a ilogicidade dos racismos...”.<sup>104</sup> Dom Helder não se furtava em criticar a postura de nenhum país, o que evidencia o seu discurso mais voltado para as questões mundiais, o que gerou a consolidação de sua imagem internacional.

O discurso da revolução pacífica nunca esteve tão em evidência nos pronunciamentos deste agente social, como se constata no discurso a seguir, na Universidade de Paris (Pantheon-Sorbonne: Ciências Econômicas, Humanas, Jurídicas e Políticas), em sete de março de 1975, quando o bispo recebeu o título Doutor Honoris Causa.

Propunha Helder Camara nesta ocasião:

---

<sup>103</sup> Discurso realizado na cerimônia de entrega do Prêmio Popular da Paz, no salão nobre da prefeitura de Oslo, na Noruega, no dia 10 de fevereiro de 1974. Arquivo do Idhec.

<sup>104</sup> Discurso realizado no dia 18 de outubro de 1975, ao receber em Davenport, nos Estados Unidos, o Prêmio para os que combatem o racismo, conferido pelo Conselho Católico Inter-Racial. Arquivo do Idhec.

Salvo engano, uma das melhores maneiras de aproveitar esta homenagem é sugerir-vos que encorajeis o surgimento, do flanco de vossa universidade, de uma Escola Superior da Paz. Quem sabe, outras universidades do norte e do sul, do leste e do oeste, criarão escolas semelhantes, convictas de que assim estarão colaborando para abrir saídas para os terríveis impasses, para os quais a humanidade está marchando a passos acelerados.

Enquanto aumentava sua presença e prestígio internacional, o Brasil ainda manteve a censura a Dom Helder Camara até 1977. Neste ano, em 24 de abril, o Jornal do Brasil publicou uma longa entrevista com o arcebispo que tinha como título “Quanto mais negra é a noite mais carrega em si a madrugada”. Concedida à jornalista Divane Carvalho, após meses de negociação, a entrevista enfocou diversos temas como a sua militância política, os entraves entre igreja e regime, o papel da imprensa e da igreja, a sua possível ligação com comunistas. Lembra a jornalista “que a repercussão foi tanta que a edição do jornal esgotou neste dia, fato destacado na seção de cartas à redação do jornal no dia seguinte”. Com diversas fotos do arcebispo, a longa entrevista era dividida por assuntos, conservando na íntegra as declarações do arcebispo.

Dizia o então Arcebispo de Olinda e Recife na entrevista:

É por isto que eu gosto de gravação. Porque eu respondo pelo que digo e não pelo que dizem que digo. Jamais ataquei meu Brasil. Combato as injustiças. Combato os absurdos. Agora, evidentemente, se combato vou aos Estados Unidos, à Europa, ao Japão, viajo por aí a fora e digo sempre que não me sinto um estrangeiro em nenhum país do mundo, que me sinto à vontade porque hoje não há mais problemas que se tranquem nas fronteiras de um país. Estamos vivendo a hora das multinacionais, o esquema é mundial, isso, sobretudo, é verdade, eu tenho convicção profunda que temos um mesmo pai, somos todos irmãos.

Um sacerdote reflexivo, após anos de silêncio, e que não deixou de abordar assuntos polêmicos como suas considerações apontadas por ele como aflições sobre a situação política do Brasil no regime militar:

Destacava o religioso sobre este tema:

Então, o que me aflige? Me aflige pensar no exemplo que o Brasil dá aos países da América Latina, aos países do terceiro mundo, à América Latina, que tem uma responsabilidade tão grande dentro do terceiro mundo. Será que a gente quer provar que não é possível caminhar democraticamente? Afinal de contas, ninguém é tão ingênuo que não tenha percebido, apesar da explicação que foi apresentada pelo presidente da República, com todo respeito para sua excelência. Ninguém é tão ingênuo a ponto de não entender que foi apenas um pretexto

aquele episódio da reforma judicial. Um pretexto, nada mais que isso. Porque afinal de contas um projeto de governo que tinha sido gravemente combatido e criticado por todos os grandes órgãos específicos que lidam como o Direito, todos os grandes órgãos fizeram restrições. O próprio partido do governo elaborou um substitutivo. No fim vem o presidente e apresenta a oposição como a ditadura. Afinal de contas, o povo não é tão ingênuo assim. Isso me aflige porque o Brasil tem realmente responsabilidade imensa na América Latina e no Terceiro Mundo.

Considerando-se acima de tudo um padre – “se nascesse mil vezes, mil vezes eu queria ser padre” - e também um político “se considerarmos como uma pessoa preocupada com os grandes problemas humanos”, o bispo falou sobre suas viagens ao exterior afirmando que tinha se convencido “que não adianta querer a mudança das estruturas injustas que esmagam quase três quartos da humanidade trabalhando apenas no Brasil. Temos hoje que estar em contato com outras hierarquias e até com outras religiões, com pessoas de todos os credos, todos aqueles que crêem em Deus e com todas as pessoas de boa vontade. Essas declarações reforçam, tendo como base a visão do próprio Dom Helder Camara, o que se constata na análise dos discursos da década de 1970, a ampliação do foco de suas questões sociais, não para o cenário brasileiro, mas para toda a América Latina e o mundo. O religioso que se pronunciava no Brasil após sete anos de silêncio na imprensa fazia um balanço da sua ação pastoral e também sobre sua igreja, sobretudo em relação aos jovens, como nos trechos abaixo:

Não tenho receio quanto à marcha da igreja, porque, apesar de estar entregue a nossa fraqueza, ela é de Cristo. E é conduzida pelo Espírito Santo. Participo plenamente da visão de João XXIII: para mim, apesar de todas as fraquezas que ainda existem, a igreja está vivendo uma hora de primavera (...) Apenas digo que na medida que os jovens virem na igreja, não o que Marx antevia no seu tempo, e desgraçadamente em parte, ele tinha razão, - a religião como uma força alienadora e alienante - , se de repente eles vêm uma força de libertação, uma força de esperança, muitos jovens começarão a olhar a igreja com respeito, com simpatia e quem sabe acabarão acompanhando e muitos chegarão talvez até o sacerdócio.

Sobre a censura, ele afirmou que :

O meu silêncio dentro do meu Brasil vocês sabem que não depende de mim. A pergunta deve ser feita a outros escalões. Por exemplo, se eu saí da televisão, não é porque eu deixasse de compreender a importância enorme que tem a televisão, uma força imensa. O Vaticano nunca me mandou calar, pois se me deixa à frente de uma arquidiocese é claro que não iria impedir. Houve um rumor de que talvez

me fosse devolvido o direito de falar na televisão, desde que me limitasse á evangelização, sem partir para a politização, para a humanização. Essas separações eu não sei fazer. Nunca me senti um pastor simplesmente de almas. Sou um pastor de homens, de criaturas humanas com alma, corpo e todas as suas conseqüências. E a mim me interessam cada vez mais os grandes problemas humanos. Isso me parece inclusive uma obrigação evangélica, de forma que o silêncio no Brasil não depende de mim.

A opção por uma ação pastoral da igreja voltada também para os grandes problemas sociais foi reforçada ao longo da entrevista em que o bispo também abordou as acusações que o apontavam como comunista. Ele cita declaração do General Antônio Carlos Murici, que já tinha comandado a sede do VII Região Militar no Recife, que afirmou “Você sabe que é mais fácil e mais rápido abrir os olhos do que fazer as reformas de base. Se, apesar de saber isso, insiste em abrir os olhos do povo, você é um agitador, você é um subversivo e está fazendo o jogo dos comunistas, porque no fim é ao comunismo que vai levar.”

Dom Helder Camara não deixou de responder a nenhuma pergunta da jornalista. Admitiu que sua passagem pelo integralismo, por exemplo, foi um erro de juventude e como a igreja no Brasil tinha contribuído para manter a ordem social, mantendo também terríveis injustiças. Pela análise da entrevista constata-se que o texto, muitas vezes, adquire um tom de desabafo, mas em sua essência mostra o panorama do pensamento helderiano, tão abafado no Brasil devido à censura. Registra-se uma forte preocupação com o social e a reafirmação de seus pensamentos mais polêmicos como o papel da igreja, da política e a defesa da liberdade, pois como o próprio bispo falou em sua última frase da entrevista, que acabou sendo o título do texto: “no entanto, quando mais negra é a noite, mais podemos ter a certeza de que já carrega em si a madrugada”

A partir deste dia, sem qualquer determinação oficial, o bispo passou a constar nas páginas de jornais e também voltou a participar de programas nas rádios e nas emissoras de televisão. Era o fim de um ciclo de silêncio no Brasil e de uma fase de intensa movimentação internacional.

No ano seguinte morre em 6 de agosto de 1978, aos 81 anos, Giovanni Montini, o Papa Paulo VI. Em seu lugar é eleito Albino Luciani, que elegeu João Paulo I como nome papal. O “papa sorriso”, como ficou conhecido, faleceu apenas 33 dias após sentar-se na cátedra de Pedro, dando lugar ao cardeal polonês Karol Wojtyla, o Papa João Paulo II.

Nesta época, a chamada igreja progressista brasileira ainda continua sendo um importante agente na reestruturação da sociedade civil nestes últimos anos de ditadura militar, apoiando a integração de milhares de pessoas em organizações sociais, como as

Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e diversas pastorais como a da Juventude e a da Terra e também em movimentos sociais.

Entretanto, como revela Levi:

(...) depois de 1985, as CEBs começaram a perder a sua influência à medida que os movimentos sociais ganharam peso político, participando da vida política na forma de organizações autônomas da sociedade civil. Muitos líderes das CEBs abandonaram o trabalho com os movimentos sociais e entraram para a política. Tal politização das CEBs fortaleceu a esquerda e os movimentos sociais brasileiros, mas enfraqueceu as alas progressistas da Igreja. O declínio da Igreja Progressista ao longo da década de 1990 pode ser atribuído a diversos fatores endógenos: o esforço orquestrado do Vaticano para reduzir a influência da Teologia da Libertação na Igreja brasileira; a nova realidade encontrada pela Igreja no trabalho com o novo pobre - vítima desorganizada das políticas econômicas neoliberais; o retorno a um regime democrático que incluía outros atores políticos, entre eles partidos, sindicatos, movimentos sociais e ONGs (LEVI, 2009, p. 2)<sup>105</sup>

No fim da década de 1970 e início da década de 1980 as CEBs tinham uma presença bem mais marcante em todo o país, como atesta Lebauspín:

Certamente o fim da ditadura militar contribuiu para isso, pois as CEBs eram mal vistas pela repressão, o que lhes dava destaque: ademais, a volta da liberdade para o conjunto dos movimentos sociais - sindicatos, associações, etc - permitiu que as comunidades viessem a ocupar um lugar menos central. Mas é bem provável que o peso maior esteja sobre o posicionamento negativo e repressor do Vaticano no pontificado de João Paulo II, desde 1978. Basta lembrar também que a Teologia da Libertação foi dada como desaparecida, como uma corrente datada e finda. (Lebauspín, 2009, p 57)<sup>106</sup>

No fim da década de 1970 e na década seguinte, Helder Camara vivencia as transformações das diretrizes da igreja sem manter uma postura de crítica ao Vaticano. Faltavam ainda alguns anos para Dom Helder completar 75 anos e requerer ao papa sua aposentadoria da Arquidiocese de Olinda e Recife. Mesmo assim, no mesmo dia da festa de comemoração dos seus 50 anos de sacerdócio, em 16 de agosto de 1981, o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria sobre o processo sucessório na Arquidiocese. O Núncio Dom Carmine Rocco, segundo o jornal, cogitava enviar a Recife o padre MacDowell, reitor da

---

<sup>105</sup> LEVY, Charmain. Influência e contribuição: a igreja católica progressista brasileira e o fórum social mundial In, *Religião & Sociedade*. vol.29, Rio de Janeiro 2009( acesso no endereço eletrônico [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200009&script=sci_arttext), data 01 de maio de 2011)

<sup>106</sup> LEB AUSPIN, Ivo. Comunidades de Base no Brasil de hoje. In: *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata(Orgs). .Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 57

PUC do Rio, nomeando-o bispo auxiliar, com direito à sucessão, visando afastar do cargo Dom José Lamartine Soares, auxiliar e amigo de Dom Helder. Em público, o então arcebispo preferia não se manifestar a respeito.

Em 1984, aos 75 anos, Dom Helder envia a João Paulo II a carta que formalizava sua renúncia da Arquidiocese, conforme previa o Código de Direito Canônico. O Brasil já vivenciava um clima de abertura política que culminou com o fim da ditadura militar em 1985. A nomeação de seu sucessor, porém, só ocorreu em pouco mais de um ano após seu pedido de aposentadoria. Como era esperado, o Vaticano relevou os nomes de Dom Marcelo Carvalheira, Dom Lamartine<sup>107</sup>, Dom Luciano Mendes de Almeida, Dom Ivo Lorscheider e Dom José Maria Pires, optando pelo pouco conhecido e conservador bispo de Paracatu-MG, Dom José Cardoso Sobrinho.

Nos anos seguintes, Dom Helder receberia inúmeras homenagens. Tornar-se-ia cidadão benemérito de dezenas de cidades brasileiras e paraninfo de outras tantas turmas de formandos de universidades por todo o país. Em 1994, por ocasião de seu 80º aniversário, na Câmara dos Deputados de Brasília, discursos em sua homenagem mobilizaram deputados de várias siglas. Detestado ou tolerado em toda a sua carreira eclesiástica, Dom Helder chegou perto de alcançar uma certa unanimidade na velhice.

A Igreja das Fronteiras além de sua residência, transformou-se na sede das Obras de Frei Francisco (OFF)<sup>108</sup>, que posteriormente viria a ser o Instituto Dom Helder Camara (IDHEC), abrigando vasta documentação. Desde sua aposentadoria, o religioso manteve-se em silêncio especialmente com relação à pastoral de seu sucessor, Dom José Cardoso Sobrinho, que entrou em conflito com as pastorais da terra, da juventude nos meios populares, expulsando-as da sede da regional da CNBB. O sucessor de Camara na Arquidiocese também fechou o Instituto Teológico do Recife (ITER) e Seminário Regional Nordeste II (Serene II) e dissolveu a Comissão de Justiça e Paz.

O desmonte das ações sociais realizadas durante o arcebispado de Camara em Pernambuco refletia o que estava em pauta nas diretrizes do novo papado. Como aponta Teixeira (2009, 164) na avaliação de importantes lideranças da instituição católica romana nestes últimos trinta anos, os tempos que se seguiram ao Concílio Vaticano II (1962-1965) foram marcados por certa ingenuidade na aceitação desse clima plural. Em livro que se

---

<sup>107</sup> Na ocasião do anúncio do sucessor de Dom Helder, Dom Lamartine foi nomeado para assumir a Arquidiocese de Maceió, mas não chegaria a assumir o cargo, caindo gravemente enfermo e falecendo pouco depois, no dia 18 de agosto de 1985.

<sup>108</sup> Fundada em 1984, por Dom Helder, cujo Conselho Curador presidiu até a data de seu falecimento. Pertencem a esta Instituição a Casa de Frei Francisco, fundada em 1986 e situada no bairro dos Coelhoos, Recife; Centro de Documentação Helder Camara (CEDOHC), inaugurado em 5 de fevereiro de 1999.

tornou um símbolo da dinâmica restauradora da igreja católico-romana, o cardeal Joseph Ratzinger - hoje Papa Bento XVI - falava da necessidade de um “novo equilíbrio depois dos exageros de uma abertura indiscriminada ao mundo, depois das interpretações muito positivas de um mundo agnóstico e ateu”. Esta pauta restauradora vai marcar todo o pontificado de João Paulo II e de forma muito especial depois que o Cardeal Ratzinger assume a condição de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, em 1982.<sup>109</sup>

Desde este período, o Vaticano assumia uma postura clara em defesa da afirmação de uma identidade expressamente cristã e católica, sobretudo diante do crescimento de outras denominações religiosas. Interessante pontuar como exemplo desta nova dinâmica do campo religioso católico o posicionamento dos bispos no Sínodo Especial para a Europa, realizado em 1992, depois do fim do sistema comunista na antiga URSS.

Para a nova evangelização, portanto, não é suficiente prodigalizar-se para difundir os “valores evangélicos” como a justiça e a paz. Só se a pessoa de Jesus Cristo é anunciada é que a evangelização se pode dizer autenticamente cristã. Os valores evangélicos, com efeito, não podem ser separados do Cristo mesmo, que é sua fonte e o fundamento e constitui o centro mesmo de todo o anúncio evangélico. A evangelização tende por sua natureza para a “plantatio ecclesiae” que inicia a surgir através da pregação da palavra e dos sacramentos de iniciação”. (SÍNODO DOS BISPOS. 1992, p. 14)<sup>110</sup>

Neste momento de sua vida, já na velhice, Helder Camara passa a se deparar com uma reinterpretação da mensagem religiosa por parte do Vaticano, operada conscientemente pelos agentes especializados do campo religioso. Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, a redemocratização no país, o fim da União Soviética, o papel de Camara como um dos nomes da Teologia da Libertação passa a ter novos contornos. A libertação tão destacada passa a ser vista como esperança em seus textos. Há, no nosso entendimento, um direcionamento para um discurso religioso voltado para o anúncio, a esperança, a boa nova, em detrimento de uma ação pelo testemunho.

Neste aspecto, a trajetória de Camara se mantendo fiel à sua igreja é diferenciada de outro nome importante da Teologia da Libertação, Leonardo Boff, que foi censurado pelo Vaticano em 1985, após publicação do livro *Carisma e Poder* depois de responder a um processo na Sagrada Congregação para Defesa da Fé, no Vaticano, e que numa possível

---

<sup>109</sup> TEIXEIRA, Faustino. A conjuntura internacional católica: a relação com as religiões. In: *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata(Orgs). .Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 164.

<sup>110</sup> (SÍNODO DOS BISPOS. *Testemunhas do Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 14)

segunda punição renunciou à vida sacerdotal, em 1992.

Sobre Camara escreve o teólogo Leonardo Boff:

Dom Helder Camara é o maior profeta do Terceiro Mundo, diria, de toda a Igreja Universal. O profeta é o homem da palavra que denuncia, que anuncia, que consola e que constrói o horizonte utópico sem o qual ninguém nem a sociedade pode viver. A palavra do profeta nasce da escuta de outra palavra, a divina, que queima na consciência, que grita da boca dos pobres e que ecoa suavemente do universo. (...) (BOFF, 1999, p. 160)

A palavra de Camara desde o início do “esvaziamento” do campo da Teologia da Libertação dentro do campo religioso revela que o sacerdote sempre se manteve fiel a sua igreja. O fim da censura e o novo contexto mundial e nacional marcam também a presença de outros elementos de destaque no discurso de Dom Helder Camara, em que a sua revolução pacífica e cristã em busca da redução da desigualdade social e da liberdade assume novos contornos. É o início de mais uma etapa singular de sua trajetória que será enfocada no capítulo a seguir.

### 3. O DOM TRANSCENDENTAL

“Olhei o mais que pude os rostos dos  
pobres, gastos pela fome, esmagados  
pelas humilhações e neles descobri teu  
rosto, Cristo Ressuscitado!

Dom Helder Camara

Num contexto diferenciado de seu surgimento, em que a Teologia da Libertação centrou esforços na problemática da miséria, as últimas décadas viram surgir na igreja da América Latina uma reflexão sobre o catolicismo frente ao pluralismo religioso. Neste aspecto aponta Palácio (2000):

(...) não se pode ocultar, contudo, que, em nome da “Teologia da Libertação” e do que considerava já o específico e quase diríamos “autóctone” da reflexão teológica na América Latina, houve não poucas resistências a enveredar por esses novos caminhos, por violentar os temas, reduzindo-os de alguma forma à questão dos pobres. É a impressão que dava, em um primeiro momento, a tentativa de revitalizar a “opção pelos pobres” com a problemática do negro, do índio ou da mulher. Ou, de forma mais explícita, não reconhecendo a relevância de outras perspectivas aparentemente não-libertadoras como a da modernidade, a das culturas ou a das religiões.<sup>111</sup>

Vale ressaltar que ao contrário do que aponta Palácio esse diálogo sempre esteve presente nos textos de Camara, desde a década de 1960, quando a Teologia da Libertação lançou a premissa de ação pastoral voltada para os pobres, o que demonstra mais uma singularidade de sua trajetória. As sugestões fraternas, tão comuns nos discursos do sacerdote, conclamavam sempre os diferentes agentes, cristãos ou não, para uma ação articulada no social. A dimensão econômica social, tão comum na Teologia da Libertação, nos anos de 1960 e 1970 vai se revelando também a partir da dimensão de identidade cristã.

Helder Camara percorreu essa reflexão, fator bem marcante em seus textos ao longo destas décadas. A valorização da identidade cristã para ação no social é bem nítida nos últimos textos analisados como será abordado a seguir.

Como exemplo das ações tomadas contra o direcionamento mais social da igreja está a *Libertatis Nuntius* (Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação)

---

<sup>111</sup> PALÁCIO, Carlos. Trinta anos de teologia na América Latina. In: Luiz Carlos SUSIN (Org.). O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Soter/Loyola, 2000, p. 63.

emanada pela Congregação para Doutrina da Fé, em 1984, em que a Santa Sé alertava para “possíveis desvios” sobretudo em relação a declarações ligadas ao marxismo que podiam prejudicar a igreja. A instrução foi subscrita pelo então Cardeal Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, Cardeal Joseph Ratzinger, o atual Papa Bento XVI.

No nosso entendimento, Dom Helder tinha consciência que, por sua história e perfil, o Papa João Paulo II iria reconduzir a igreja para um posicionamento mais conservador. Em 1979, por exemplo, Dom Helder reafirmou em diversos discursos a importância de uma visão mais social da igreja, chegando a frisar em muitos momentos que o próprio Papa João Paulo II havia ressaltado que o caminho da igreja é o caminho do homem.

Essa palestra realizada na Universidade de Munster, na Alemanha, em 05 de novembro de 1979, sob o título “A universidade e os grandes problemas humanos de hoje”, na qual dizia o bispo sobre o marxismo:

Hoje, onde há marxistas que não sejam mais marxistas do que Marx? Hoje, onde há marxistas que, em lugar de transformarem Marx em dogma (o que é profundamente anti-Marx), em lugar de apenas repetirem, monotamente, o que Marx disse e o que Marx fez, procuram entrever o que Marx diria e faria, diante da realidade nova dos tempos de hoje, os marxistas estão descobrindo que a ligação entre religião e alienação não é necessária.<sup>112</sup>

Neste discurso, o sacerdote ressalta que ser cristão não é cair na alienação, “quando para Cristo é ensinamento essencial que Deus é pai de todos os homens, de todas as raças, de todas as cores, de todas as religiões”.

Se anteriormente o marxismo era visto de forma essencialmente política, nesta fase da trajetória de Camara um dos pontos mais destacados era o contraponto com o cristianismo e a defesa da religião como fator não alienante. Neste aspecto questionava Dom Helder: “como cair na alienação, quando o Cristo se identifica com quem tem fome, com quem tem sede, com quem está esfarrapado, com quem está doente, com quem é dominado, humilhado, marginalizado!?”<sup>113</sup>

Como afirma Bourdieu, a religião como sistema simbólico cumpre uma função de associação e de dissociação, distinguindo práticas e crenças. Ao falar como representante de seu campo, Dom Helder não deixa de abordar questões de seu tempo, mas o faz de forma essencialmente cristianizada.

---

<sup>112</sup> Discurso realizado na Universidade de Munster, na Alemanha, em 05 de novembro de 1979, sob o título “A universidade e os grandes problemas humanos de hoje. Arquivo do Idhec.

<sup>113</sup> Discurso realizado na Universidade de Munster, na Alemanha, em 05 de novembro de 1979, sob o título “A universidade e os grandes problemas humanos de hoje. Arquivo do Idhec

Já em discurso realizado na Câmara Municipal de Campinas, em 27 de novembro de 1979, por ocasião do décimo-quinze aniversário do Estatuto da Terra<sup>114</sup>, dizia Dom Helder sobre o papel da igreja:

Claro que entenderéis que eu lembre, também, a mudança operada na ação da Igreja. Durante séculos, a igreja, preocupada em manter a autoridade e a ordem social, ficou ligadíssima ao Governo e aos ricos. A realidade, cada vez mais dura, não só do Brasil ou da América Latina, acabou tornando impossível nossa permanência como um dos principais sustentáculos de uma falsa ordem social. Como chamar de ordem a situação que deixa em condição sub-humana, de miséria e de fome, mais de 2/3 da humanidade!?!....

Neste aspecto, constata-se o posicionamento de um líder do campo religioso que expõe de forma pública e explícita uma das maiores críticas à religião, a de que ela contribuiu para a manutenção da ordem social, como “legitimação” do poder dos dominantes e a “domesticação dos dominados”. Não havia em Helder Camara, no nosso entendimento, uma tentativa de dissociar-se de seu campo, mas de fortalecê-lo, reafirmando-o através da crítica.

Afirmava o bispo, em outro trecho:

Enquanto a igreja esteve unida aos governos e aos poderosos, ninguém nos acusava de políticos. Na medida em que procuramos fazer como Cristo: amar a todos, mas ter preferência pelos pobres, na medida que nos batemos para que pareça que Deus é Pai de ricos e Padrasto do pobres, somos julgados de agitadores, subversivos, comunistas...

Essa nova fase nos discursos do sacerdote também é marcada por uma forte presença auto-referencial. Em vários textos o religioso aborda sua idade, colocando-se no discurso, o que não era evidenciado nas décadas anteriores e cita cada vez mais trechos da Bíblia. Registra-se também que nos anos seguintes ao fim da censura ao seu nome, o então arcebispo citou em vários discursos como no referenciado acima respostas a críticas que apontavam sua ação como sendo mais política e menos religiosa. No dia 24 de agosto de 1981, no Recife, em sua saudação como paraninfo aos novos sócios da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de Pernambuco, Dom Helder Camara chega a destacar que está sendo “eclesiástico”.

Hoje, perdoem-me a informação, se for um pouco eclesiástico, a igreja que sempre chamou a atenção para os pecados pessoais – e sempre será necessário, porque sempre será necessária a conversão pessoal - ela está chamando a atenção

---

<sup>114</sup> Discurso realizado na Câmara Municipal de Campinas, em 27 de novembro de 1979, por ocasião do décimo-quinze aniversário do Estatuto da Terra. Arquivo do Idhec.

para os pecados sociais, que exigem uma conversão social, que implicam num problema de estrutura.<sup>115</sup>

Pedindo a compreensão dos advogados para “o drama dos chamados invasores”, o bispo frisou que:

Eu gostaria de lembrar que invasor foi também aquele casal que chegou um dia a Belém de Judá. A esposa grávida, vendo a hora que a criança nascia, batendo de porta em porta, procurando um lugar onde a criança nascesse. Descobriram uma estrebaria e José e Maria entraram de estrebaria a dentro. Como eu me comovo em pensar, quando eu escuto o nome de invasores, que também invasor foi o menino Deus.

Dom Helder Camara continua defendendo a igualdade entre todos os homens, mas a presença de trechos bíblicos como o descrito acima evidencia que a defesa de valores de seu campo é revelada de forma mais específica. No humanismo presente nos discursos do fim da vida de Dom Helder, textos citados do novo testamento são cada vez mais usados para fundamentar suas palavras. Se o Dom Helder dos anos 60 conclamava os jovens para se unir aos Beatles em protestos contra as mazelas da sociedade, fato da sociedade profana, o Dom Helder nos anos 80 e 90 usava a parábola do samaritano para pedir o engajamento cristão, convocação baseada em motivo efetivamente religioso. Um bispo falando cada vez de forma pastoral, como se percebe em trecho de palestra realizada em Borgomanero, na Itália, em 04 de outubro de 1981, no encontro Cinema Novo.

Sem dúvida, continua sendo dever de toda a criatura humana, e mais ainda de todo o cristão, acudir o irmão que está pisado, precisando de nós. Para o cristão, quando alguém está sofrendo – seja qual for sua raça, sua religião e até sua ausência de religião – Cristo está sofrendo nele. Mas, hoje, Cristo pediria que abríssimos bem os olhos e despertássemos bem a consciência para descobrir quem está caído na estrada – injustiçado, roubado, oprimido  
– não é apenas um homem: é todo o terceiro mundo.

Isso não significa que este deslocamento desta última fase de vida do Dom também não englobe as transformações de seu tempo. Não só englobam como se tornam cada vez mais enfocadas sob a ótica religiosa. Já havia sinais de uma abertura em países de regime fechado. Em 1985, ao assumir o controle do partido comunista da antiga União Soviética, Mikhail Gorbachev propõe a perestroika (reestruturação) e a glasnost (transparência). Estava iniciada de forma paulatina a abertura do maior país comunista. O Muro de Berlim seria destruído em 1989, reunificando as duas Alemanhas. A Guerra Fria caminhava para

<sup>115</sup> Discurso realizado no dia 24 de agosto de 1981, no Recife, em sua saudação como paraninfo aos novos sócios da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de Pernambuco. Arquivo do Idhec.

seus últimos dias.

Como observa Teixeira (2009):

(...) os tempos que se seguiram ao Concílio Vaticano II (1962-1965) foram marcados por uma certa ingenuidade na aceitação desse clima plural. Em livro que se tornou símbolo da dinâmica restauradora da igreja católico- romana, o cardeal Joseph Ratzinger –hoje Papa Bento XVI – falava da necessidade de um novo equilíbrio depois dos exageros de uma abertura indiscriminada ao mundo, depois das interpretações muito positivas de um mundo agnóstico e ateu. Esta pauta restauradora vai marcar todo o pontificado de João Paulo II e de forma muito especial depois que o Cardeal Ratzinger assume a condição de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (CDF) em 1982.<sup>116</sup>

Dom Helder Camara neste aspecto também apresentou uma singularidade em relação a outros nomes conhecidos da Teologia da Libertação no Brasil como Leonardo Boff e Frei Betto, para citar dois exemplos. Não foi registrada em seus discursos durante o papado de João Paulo II nenhuma crítica contundente em relação aos rumos da igreja e ao esvaziamento do campo da Teologia da Libertação, como fez os dois primeiros religiosos, após diversas críticas aos rumos da evangelização propostos pelo Vaticano, o que mostra que Helder Camara respeitava as diretrizes do seu campo, mas tentou, como representante da própria igreja, modificá-la, mas não a ponto de deixá-la.

Os tempos eram outros, a defesa do fim da miséria e da vida não deixou de ser priorizada, mas agora outras questões começaram a ser colocadas de forma também incisiva pelo sacerdote, o desarmamento e a sociedade de consumo. O desenvolvimento, agora visto como uma prioridade para os cristãos, na medida que Deus condena a miséria e as injustiças que esmagavam 2/3 da humanidade, só seria verdadeiro se o desperdício não fosse um dos pilares da sociedade de consumo como também fossem realizadas ações efetivas para o desarmamento.

Em palestra já citada e realizada em Borgomanero, na Itália, num encontro sobre Cinema Novo, em 04 de outubro de 1981, afirmava Camara:

Para a sociedade de consumo, os produtos fabricados devem ter duas qualidades principais:

- a primeira, é a de ser irresistíveis na hora da propaganda, da publicidade. Quando o carro do ano dança na televisão, mesmo quem tem o carro do ano passado fica louco para comprar o carro novo, tais são os aperfeiçoamentos e as sofisticadas introduzidas;

---

<sup>116</sup> TEIXEIRA, Faustino. A conjuntura internacional católica: a relação com as religiões. In: Catolicismo Plural. Dinâmicas Contemporâneas.—(org). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009 p. 163 e 164.

- a segunda qualidade da Sociedade do Consumo imprime nos produtos por ela fabricados é que sejam frágeis para que haja sempre novas compras.<sup>117</sup>

O caráter transitório desta sociedade, do descartável e da substituição cada vez mais rápida de produtos e desejos preocupava o sacerdote tanto quanto a corrida armamentista, classificada por ele como um indiscutível exemplo de loucura e que reflete o equívoco perigosíssimo para Camara de quem quer a paz, tem que preparar a guerra.

Sobre esta questão já se posicionava o religioso, durante palestra no Instituto de Tecnologia em Cambridge, nos Estados Unidos, em 20 de maio de 1981:

A impressão final é a de que para os diferentes desarmamentos é absolutamente necessário superar o egoísmo, com seu consciente ou inconsciente racismo. Mas cuidado, não temos o direito de apoiar-nos e descansar em uma religião alienada, esperando apenas de Deus a solução das injustiças terríveis que esmagam (não é demais recordar) mais de 2/3 da humanidade. Rezar, sim, sempre todos nós precisamos de proteção de Deus. Mas não apenas rezar. Deus quer o nosso esforço, a nossa colaboração.<sup>118</sup>

Esse trecho do discurso em Cambridge revela, no nosso entendimento, um posicionamento indireto de Camara em relação aos questionamentos da igreja sobre a Teologia da Libertação, em que o bispo procura articular as questões sociais à religião, não creditando a Deus a responsabilidade pela solução das injustiças. O tratamento às mazelas do social tem nesta fase uma abordagem de análise mais religiosa, porém nunca dissonante da realidade social.

Neste aspecto a interiorização em Camara de valores, princípios e normas contidos nos *habitus* é essencial para analisar a singularidade de sua trajetória como aponta Bourdieu (2006, p. 190) os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado.

Nesta etapa de sua vida, marcada por seu envelhecimento, Camara reafirma valores de seu campo e busca, no nosso entendimento, reforçar sua identidade enquanto agente especializado de seu campo, como pode se constatar no trecho de discurso abordado a seguir. Ao receber o primeiro título de Doutor Honoris Causa numa universidade brasileira, na PUC, de São Paulo, em março de 1982, após mais de 10 títulos no exterior, Dom Helder fez um apelo final ao cardeal Dom Paulo Evaristo Arns:

<sup>117</sup> Palestra realizada em Borgomanero, na Itália, num encontro sobre Cinema Novo, em 04 de outubro de 1981. Arquivo do Idhec.

<sup>118</sup> Palestra no Instituto de Tecnologia em Cambridge, nos Estados Unidos, em 20 de maio de 1981. Arquivo do Idhec.

Querido D. Paulo: ajude-nos a provar que, graças a Deus, conhecemos e procuramos viver as grandes verdades de nossa fé. Ajude-nos a provar que, para nós, a grande verdade libertadora é a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, filho de Deus, que se fez nosso irmão e nosso salvador. Ajude-nos, com sua autoridade, a dizer que, quando pensamos na libertação terrena, é porque Deus não nos fez apenas pastores de almas, e, sim, de criaturas humanas, com alma e corpo. E que, ao bater-nos por nossos irmãos oprimidos, estamos trabalhando pelo Cristo, que se identifica com quem sofre e veio à terra para que todos tenham vida e vida em abundância, pois Deus é Pai, de todos, todos, todos e não é padrasto de ninguém.

Longe de apontar que a ação pastoral de Camara é um fato isolado dentro do campo religioso brasileiro é importante destacar que outros agentes como Dom Paulo Evaristo Arns e Dom José Maria Pires, entre outros nomes, tiveram uma história de vida marcada pela defesa de valores como a liberdade. Assim como o então arcebispo de Olinda e Recife, Dom Paulo Evaristo Arns teve um longo arcebispado em São Paulo, 28 anos, também recebeu diversos títulos de Doutor Honoris Causa e viajou internacionalmente várias vezes para narrar sua experiência no Arcebispado em São Paulo. Já Dom José Maria Pires foi Arcebispo da Paraíba entre 2 de dezembro de 1965 e 29 de novembro de 1995 e também teve uma atuação destacada durante a ditadura e também na luta contra a miséria.

Assim como Dom José Maria Pires e Dom Paulo Evaristo Arns, Helder Camara reafirma valores de seu campo e de sua ação social a partir de uma visão estritamente fundamentada em ideias como a de Deus como pai, de Cristo como irmão de todos e do sacerdote como pastor de criaturas humanas, com corpo e alma. O que na nossa visão faz deste agente uma figura singular entre os semelhantes é sua capacidade de comunicação e articulação com outras áreas do social. Em sua velhice há, no nosso entendimento, uma mudança de estilo, mas a defesa de valores de seu campo continua existindo.

Outro fator que chama atenção nesta última fase de vida deste religioso é um tema recorrente em muitos dos seus últimos discursos públicos: o tempo. Em homilia da missa realizada em sete de fevereiro de 1984, na Igreja das Fronteiras, no Recife, em comemoração a seus setenta e cinco anos, dizia o então arcebispo ao fazer um balanço de sua vida:

(...) é interessante: se eu olhasse só a fraqueza humana, quanta razão de desânimo: Meu Deus, já vivi 2 bilhões de segundos!... E o que eu fiz com estes meses, com estas horas? Mas nós temos um Pai de infinita misericórdia. E uma das graças maiores é que nos podemos, em um segundo de amor, nós podemos

encher uma vida inteira (...).<sup>119</sup>

O tempo para o então arcebispo era, nesta etapa, um momento de uma aproximação cada vez maior com seu Deus. Em vários momentos destacando a presença de Jesus Cristo, dizendo inclusive que a missa estava sendo celebrada por ele, Dom Helder Camara pedia consolo divino, para que o Cristo peça ao pai que “cubra com sua infinita misericórdia tudo que tiver havido – eu já não digo só de falhas, de pecados, não – até de omissões”.<sup>120</sup>

O apelo social estava presente, mas sempre permeado por argumentos religiosos. O sacerdote chegou inclusive a pedir, nesta homilia, um perdão generoso para que todos, ajudados pela graça divina, pudessem preparar o ano 2000. O ecumenismo assume um viés bem menos político. Ao contrario do Dom Helder dos anos 60 e 70, que pregava a união de todos os cristãos e de ateus em defesa da revolução pacifica pelo fim das desigualdades e em defesa da liberdade, o que se constata é um Dom Helder falando de temas como boa vontade de todos, afirmando que a partir de sua experiência tinha constatado “que os não cristãos respeitam o Cristo” e que eles podem cooperar. O tom não era quase de “uma certa igualdade” entre os cristãos e os ateus, como nas décadas anteriores, mas de que os não crentes podiam atuar como colaboradores do cristianismo diante de grandes problemas sociais.

Sobre a sua igreja, Dom Helder aborda na homilia da missa de seus 75 anos de vida que:

(...) a igreja continua chamando atenção para os pecados pessoais, que exigiam, exigem e exigirão sempre conversões! Nem basta uma: a fraqueza humana nos cede e nós temos que permanentemente converter-nos. Mas a igreja, sem esquecer – que ela jamais esquecerá – as faltas individuais, nos lembra cada vez mais os pecados sociais.

É pertinente apontar que neste religioso essa justificação do lugar social ocupado é bem evidente em seus discursos ao longo da vida e que só adquirem um viés de vinculação com questões mais pessoais como o medo da morte em sua última fase discursiva.

A miséria tão presente em seus mais de 700 discursos continuou sendo questionada em sua última fase de falas públicas, mas neste momento há uma forte vinculação com ensinamentos cristãos. Ao invés de grande incidência de dados estatísticos, de declarações de teóricos renomados e de sugestões fraternas de atuação no social, Helder Camara neste momento vinculava a miséria “à falta de tudo, falta do mínimo de salvaguarda da dignidade

<sup>119</sup> Homilia da missa realizada em sete de fevereiro de 1984, na Igreja das Fronteiras, no Recife, em comemoração a seus setenta e cinco anos de idade de Dom Helder Camara. Arquivo do Idhec.

<sup>120</sup> Homilia da missa realizada em sete de fevereiro de 1984, na Igreja das Fronteiras, no Recife, em comemoração a seus setenta e cinco anos de idade de Dom Helder Camara. Arquivo do Idhec

humana, falta de carinho, falta de amor”.

Neste mesmo ano, no dia 18 de abril de 1982, Dom Helder recebeu, em Turim, na Itália, o Prêmio Artesão da Paz, juntamente com Lech Walesa, líder do sindicato polonês Solidariedade e ativista dos Direitos Humanos. Em seu discurso de agradecimento o bispo ressaltava que a entrega conjunta do prêmio a ele e a Walesa significava “um flagrante da humanidade crucificada, entre os dois eixos: leste x oeste, em tensão permanente, e norte x sul, com seu desequilíbrio fundamental”.

Enfatizava Camara, na ocasião, um sonho a confiar ao outro homenageado e uma sugestão. Dizia o bispo:

Sonho em ver a igreja de Cristo na América Latina alimentando o nosso povo, através de nossos jovens, a mística de filhos de Deus e de Irmãos em Jesus Cristo, para criar uma autêntica integração latino-americana, sem imperialismos de fora, nem imperialismos de dentro. Nada de criar um novo bloco econômico. Nada de querer suplantiar a África ou a Ásia, nossas irmãs de terceiro mundo. Já que carregamos a responsabilidade de termos praticamente a mesma língua e o mesmo espírito cristão, e mais de século e meio de experiência de independência política, sem independência econômica, nem cultural, e, sobretudo, já que carregamos a responsabilidade de ser a parte cristã do mundo pobre, quem sabe, Deus espera de nós o testemunho de um continente onde todos, com pleno reconhecimento de nossas respectivas culturas, sejamos de verdade um continente de povos irmãos!...<sup>121</sup>

O pedido a um dos líderes mais importantes do leste europeu é um interessante exemplo deste novo estilo discursivo utilizado por Helder Camara desde o início dos anos 80. Ressaltava o bispo:

E a sugestão a fazer-te, querido Walesa, talvez já coincida com o que vens vivendo, não só em palavras, mas em sacrifício e sangue:

(...) que a Polônia, terra de inabalável fé cristã, terra da Madona de Czestochowa, convença os comunistas como é anti-humano querer imprimir ateísmo e como é péssima a propaganda do sistema o regime de perene suspeição, de delações sem fim, e de imposição de um partido que tudo sabe, tudo faz, tudo cria, sem jamais errar, nem por omissão.

Esse posicionamento é bem mais litúrgico que o das abordagens sobre o marxismo dos anos 60 e 70, como se constata a seguir em trecho de discurso realizado na Universidade de Chicago, no dia 29 de outubro de 1974. O discurso tem como tema O Que Faria São

---

<sup>121</sup> Discurso de Helder Camara no dia 18 de abril de 1982, ao receber, em Turim, na Itália, o Prêmio Artesão da Paz. Arquivo do Idhec.

Tomás de Aquino, o comentador de Aristóteles, diante de Karl Marx?<sup>122</sup>

Abordava Camara na universidade americana:

Entre outros numerosos pontos do sistema de Marx que os elaboradores das novas súmulas haverão, certamente, de incorporar, como verdades cristãs que se ignoram, impossível esquecer um aspecto essencial ao marxismo: a análise das relações de produção, que geram as classes, as tensões, a exploração, a revolta, a luta de classes, a ideologia, as superestruturas.

Sobre a velhice, dizia Dom Helder, durante palestra “Paulo VI e a CNBB”, na PUC de Campinas, no dia 19 de setembro de 1988<sup>123</sup>, em sua décima-terceira viagem nacional naquele ano:

A velhice entra por fora, faz os estragos que todos vocês estão vendo, não é? Não pode estragar mais do que estragou, mas não toca, se não toca na fé isto é um dom de Deus – se não toca na esperança, se não toca no amor, a gente é velho por fora, mas jovem por dentro. (...) A minha esperança é que não haja nenhum jovem velho e que haja velhos por fora e jovens por dentro.

A abordagem de temas atuais do momento como a constituinte de 1988 passa a também ter um viés cada vez mais temporal. Dizia o sacerdote na universidade paulista:

O tempo passa e à proporção de que ele é um autêntico artista, ele vai ver como ainda fica distante o ideal. É claro que ninguém vai dizer, a Constituinte, a Constituição Brasileira não é a ideal, não; mas eu posso garantir e os universitários sabem que, o que está na Constituição dá muito bem para chegarmos sem ódio e sem violência, não só a uma autêntica reforma agrária, como também a várias formas sociais que são indispensáveis a nossa paz social.

Para o religioso, uma nova constituição seria decisiva para o país na medida em que ajudasse a vencer a fome e a miséria. Suas palavras, cada vez mais apoiadas no religioso, tiveram até o fim a defesa do engajamento social. Por isso, no nosso entendimento, há nesta última fase discursiva do arcebispo emérito de Olinda e Recife a utilização em diversos discursos de expressões sempre presentes, que não deixassem morrer a profecia nem a defesa dos pobres.

Nessa fase, o Dom Helder Camara tão polêmico e tão criticado no Brasil sai de cena. Para seus antigos críticos, como diversos órgãos de imprensa, como já citado

<sup>122</sup> Discurso de Helder Camara na Universidade de Chicago, no dia 29 de outubro de 1974. O discurso tem como tema O Que Faria São Tomás de Aquino, o comentador de Aristóteles, diante de Karl Marx? Arquivo do Idhec.

<sup>123</sup> Discurso de Helder Camara, Paulo VI e a CNBB”, na PUC de Campinas, no dia 19 de setembro de 1988. Arquivo do Idhec.

anteriormente, e personalidades de outros campos do social, o bispo não era mais o Mensageiro do Ódio e pombo correio do comunismo, era agora o Dom da Paz. A partir da Nova República, Dom Helder passou a ser cada vez mais homenageado. A partir da lei da Anistia, Lei de número 6.683, que foi promulgada pelo presidente João Batista Figueiredo, em 28 de agosto de 1979, milhares de exilados voltaram ao país, outros tantos deixaram a vida clandestina.

O contexto social brasileiro adquiria novas configurações. A redemocratização trouxe à tona novas abordagens de debate. A discussão de temas que marcou os anos de 1960 e 1970 como as disparidades entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, as dificuldades da América Latina, dividida entre um viés moderno e outro atrasado passou a não ser preponderante.

A situação vivenciada no Brasil a partir da abertura democrática originou novas formas de relacionamento entre os movimentos sociais, partidos e o estado. Como revela Miranda (2009), um outro fator importante para a compreensão dos movimentos sociais no Brasil estava relacionado com a influência da Teologia da Libertação, que mobilizou e engajou camadas pobres da população na luta por justiça social.<sup>124</sup>

Com a abertura democrática, Dom Helder Camara deixou ser uma das poucas vozes em defesa dos movimentos sociais e da liberdade no Brasil. Os movimentos sociais, sobretudo os que defendiam os direitos humanos, que atuavam desde as resistências ao estado ditatorial de forma menos pública, passaram a atuar com cada vez mais visibilidade em defesa da anistia de exilados e perseguidos políticos, da manifestação livre do pensamento, por novas eleições e por uma nova constituição. Neste período também outras temas dominaram o debate, como a luta contra a carestia, a defesa da reforma agrária e da moradia, questões que continuaram sendo abordados pelo religioso em questão.

Esse novo contexto social também marcou um novo tipo de reconhecimento à ação pastoral de Helder Camara. Um exemplo desta nova fase de vida de Camara é bem expressivo desta presença articulada com outros campos do social as diversas comemorações em todo país por seus 80 anos, em 1989. O governador do Ceará, seu estado natal, Tasso Jereissati, o chamou de “Profeta do Terceiro Mundo”. Diversas homenagens foram realizadas também no Recife e no Rio de Janeiro. O Papa João Paulo II, que já o tinha chamado de Irmãos dos Pobres e Meu Irmão, em célebre frase durante sua visita ao Brasil em 1980, enviou uma saudação especial, que foi lida na missa da Igreja da Sé, em

---

<sup>124</sup> MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Movimentos Sociais, a construção de sujeitos de direitos e a busca por democratização do Estado. *Lex Humana* ( Petrópolis, numero 01, 2009, p. 218).

Olinda, no dia 12 de fevereiro, onde hoje estão enterrados os restos mortais do arcebispo. Dom Helder também foi homenageado na Câmara dos Deputados, por diversos parlamentares de todo o país. A unanimidade em torno de sua missão pastoral, que tanto provocou preocupação ao longo de sua vida, chegou para Helder Camara em sua velhice.

Esse reconhecimento ressalta a consonância de Camara com seu campo, como aponta Bourdieu:

(...) em cada formação social e em cada época toda a visão do mundo e de todos os dogmas cristãos dependem das condições sociais características dos diferentes grupos ou classes, na medida em que devem adaptar-se a estas condições para manejá-las.<sup>125</sup> (BOURDIEU, 2009, p. 52)<sup>125</sup>

É interessante pontuar que segundo Bourdieu:

Em resumo, o profeta não é tanto o homem “extraordinário” de que falava Weber, mas o homem das situações extraordinárias, a respeito das quais os guardiães da ordem publica não têm nada a dizer, pois a única linguagem de que dispõem para pensá-las é a do exorcismo. É pela capacidade de realizar, através de sua pessoa e de seu discurso como palavras exemplares, o encontro de um significante e de um significado que lhe era implícito, que o profeta reúne todas as condições para mobilizar os grupos e as classes que reconhecem tal linguagem porque nela se reconhecem.<sup>126</sup> (BOURDIEU, 2009, p 75)

No nosso entendimento, Dom Helder Camara priorizou uma ação pastoral como um reformador, como já citado nesta dissertação. Não exercia uma força profética que englobava a produção e divulgação de uma forma nova de bens de salvação, função que caracteriza o profeta na medida que dá a si próprio como garantia, como afirma Bourdieu, um empresário independente de salvação. Dom Helder Camara nunca contribuiu para a subversão da ordem simbólica vigente em seu campo, o sacerdotal.

Neste último momento de sua vida, percebe-se que os discursos do bispo emérito de Olinda e Recife procuravam ampliar e referendar a sua ação na e pela a igreja. Outro exemplo desta ação deste religioso além de seu campo e que repercute no social, só que neste momento profundamente vinculada a valores religiosos e morais, é sua proposta de realização da campanha do Ano 2000 Sem Miséria.

Afirmava o religioso no lançamento da campanha popular “Ano 2000 Sem Miséria”, no auditório da Faculdade Fafire, no Recife, em 10 de dezembro de 1990:

De algum tempo para cá, um sentimento tem tomado conta do meu coração.

<sup>125</sup> BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In A Economia das Trocas Simbólicas: São Paulo: Perspectiva, 2009, p 52.

<sup>126</sup> BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In A Economia das Trocas Simbólicas: São Paulo: Perspectiva, 2009, p 75.

Estamos às vésperas do Terceiro Milênio do Nascimento de Jesus Cristo. Dois mil anos, que nos foi feita a grande revelação da paternidade divina e da Fraternidade Universal. E amargamos ainda a triste realidade de um grande contingente de pessoas a quem falta o absolutamente necessário ao atendimento das necessidades essenciais básicas.<sup>127</sup>

Neste discurso, o bispo emérito de Olinda e Recife enfatiza que a ideia da campanha surgiu de um sonho seu que foi compartilhado com amigos próximos, outras pessoas, com apoio da imprensa, inicialmente como um engajamento pessoal, mas que com a divulgação nos meios de comunicação havia tomado forma de movimento.

Os princípios básicos da campanha segundo o arcebispo eram a denúncia para sensibilização e propostas para a participação. De acordo com ele, “no Brasil nada é feito ou aceito para um longo prazo. Mas acabar com a miséria é um plano para uma década. Quem se engajar, deve ter presente que vai trabalhar nisso no mínimo 10 anos: de 1990 a 2000”.

Ainda neste discurso, destacava o religioso em seu encerramento:

Se o objetivo é sensibilizar e levar todos a uma participação. Ninguém está excluído. Instituições dos mais diferentes tipos, governos (municipal, estadual, federal), igrejas, movimentos religiosos ou leigos, associações podem e devem engajar-se. Só assim, com a participação da sociedade e a abertura dos poderes constituídos é que se conseguirá mudar estruturas. O grande clamor do povo é capaz de mudar muita coisa. O Ano 2000 Sem Miséria é, antes de tudo, um estímulo ao otimismo, uma crença no que o homem quando quer, é capaz de fazer. E Deus ajuda!

Helder Camara deixou o comando da Arquidiocese de Olinda e Recife em 1985. Neste ano, em 02 de abril de 1985, assumiria Dom José Cardoso Sobrinho, que fica na função até dia 15 de julho de 2009. Durante o longo arcebispado de Dom José, como já citado anteriormente, diversas ações sociais implantadas por Dom Helder Camara foram desarticuladas. Atualmente Dom José Cardoso é arcebispo emérito de Olinda e Recife. O arcebispo atual, Dom Fernando Saburido, tomou posse em agosto de 2009 e em seu discurso falou sobre Dom Helder e Dom José Cardoso como homens que viveram a sua fé. A posse do atual Arcebispo foi destacada por setores progressistas da igreja, como realtado a seguir, em matéria do Jornal do Commercio, em Pernambuco, no dia 16 de agosto de 2009.

Dizia a reportagem:

---

<sup>127</sup> Lançamento da campanha popular “Ano 2000 Sem Miséria”, no auditório da Faculdade Fafire, no Recife, em 10 de dezembro de 1990. Arquivo do Idhec.

(...) Depois de 24 anos de um comando centralizador, a Arquidiocese de Olinda e Recife volta a ser administrada por um religioso de linha mais participativa, que gosta de evangelizar com o povo, ouvir opiniões antes de tomar decisões e não se incomoda em lidar com pessoas de ideias divergentes. (...) Embora seja esperança de retomada de uma igreja mais preocupada com problemas sociais que a gestão de dom José Cardoso Sobrinho, o novo arcebispo não tem a pretensão de ser um Helder Camara. “Não esperem que dom Fernando seja um dom Helder. Ele vem para somar e catalizar, mas as mudanças ocorrem a partir de Deus. Não joguem no arcebispo uma responsabilidade que é de todos, não só dele”, analisa o abade do Mosteiro de São Bento, dom Felipe Silva, superior da ordem religiosa de Saburido.<sup>128</sup>

Já como Arcebispo Emérito de Olinda e Recife, ao longo dos anos 90, a temática de uma ação articulada de combate a fome e a miséria esteve presente em grande parte dos discursos de Helder Camara, que agora ficavam bem mais curtos. Ao falar sobre a iniciativa da campanha pelo fim da miséria, na Assembléia Legislativa de Pernambuco, em 03 de dezembro de 1991 ressaltava o bispo emérito de Olinda e Recife:

O Ano 2000 assinala o advento do terceiro milênio desde o nascimento de Cristo. O Cristo que, para nós cristãos, é redentor. Ora, se o Cristo tem este papel redentor é inadmissível para os cristãos, que no limiar do terceiro milênio, desde o seu nascimento o mundo continue abrigando situações de vida deploráveis por estarem tão distantes de uma vida realmente digna de tal nome.<sup>129</sup>

Em outro trecho deste discurso frisa Dom Helder:

Mudar qualitativamente esta realidade por meios práticos e legais é dever cristão, reflexo de compromisso com a vida. É também imperativo de orgulho nacional, pois é a imagem do Brasil colocada em jogo.

A temática também foi continuamente abordada em pronunciamentos no exterior. Percebe-se uma uniformidade nos discursos, com a redistribuição e reordenamento dos mesmos posicionamentos sobre a miséria e a fome defendidos deste o lançamento da campanha Ano 2000 Sem Miséria.

Em Sevilha, na Espanha, em 16 de maio de 1992 destacava o sacerdote:

A solução não é tarefa para uns poucos. Requer a solidariedade militante através de ações concretas e universais. Pessoas de boa fé: estudiosos em geral, cientistas, religiosos, governantes, etc, devem mobilizar-se pela concretização

---

<sup>128</sup> Jornal do Commercio. Dom Fernando Saburido é o novo arcebispo de Olinda e Recife Publicado em 16.08.2009, às 18h17. JConline. <http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2009/08/16/dom-fernando-saburido-e-o-novo-arcebispo-de-olinda-e-recife-196785.php>, acesso em 20 de abril de 2011-05-07

<sup>129</sup> Discurso na Assembléia Legislativa de Pernambuco, em 03 de dezembro de 1991. Arquivo do Idhec.

deste sonho tão milenar quanto possível: FOME NUNCA MAIS!<sup>130</sup>

Um discurso bem emblemático desta última fase discursiva do Dom se deu na celebração inter-religiosa pelo fim da miséria, comemorando a Vigília Ecumênica da Eco 92, no dia 05 de junho de 1993, no Rio de Janeiro.

É terrível pensar que Cristo, o Filho de Deus, veio à terra sobretudo para ensinar que seu Pai é não só o Deus todo poderoso e cheio de majestade: Deus deseja acima de tudo ser pai, não apenas pai de um pequeno grupo de privilegiados, mas pai de Todos Nós. Cristo abençoou a pobreza e não a miséria, que é um insulto ao pai e criador.<sup>131</sup>

Neste aspecto vale relembrar trecho de discurso já citado nesta dissertação, realizado no dia 31 de maio de 1973, na Assembleia Legislativa de Pernambuco. Enfatizava o bispo na ocasião:

Desconheceria completamente nossa missão quem pretendesse reduzir-nos aos limites das sacristias e ao cuidado com a eternidade. A eternidade começa agora e aqui. O pecado, além das dimensões internas e individuais, tem, não raro, graves dimensões sociais.

O discurso adquire um tom de pregação litúrgica. Como o *habitus* é um princípio mediador entre as práticas individuais e sociais, percebe-se que em Helder Camara é totalmente consonante com seu campo.

Como escreve Bourdieu:

O efeito de campo exerce-se em parte por meio do confronto com as tomadas de posição de todos ou de parcela daqueles que também estão engajados no campo (e são outras encarnações distintas e antagônicas, da relação entre um *habitus* e um campo): o espaço dos possíveis realiza-se nos indivíduos que exercem uma “atração” ou uma “repulsão”, a qual depende do “peso” deles no campo, isto é, de sua visibilidade, e da maior ou menor afinidade de *habitus* que leva a achar simpáticos” ou “antipáticos seu pensamento e sua ação”.<sup>132</sup>

Abordar posicionamentos sucessivos deste sacerdote é analisar a trajetória de um agente que representa, defende e também questiona o seu campo. Na última fase de sua vida a partir da relação entre *habitus* e campo em Helder Camara verifica-se que o “peso” deste sacerdote e sua visibilidade fizeram com que o campo religioso católico o referendasse como símbolo de luta da igreja em defesa de valores cristãos.

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam

<sup>130</sup> Discurso em Sevilha, na Espanha, em 16 de maio de 1992. Arquivo do Idhec

<sup>131</sup> Discurso na celebração inter-religiosa pelo fim da miséria, comemorando a Vigília Ecumênica da Eco 92, no dia 05 de junho de 1993, no Rio de Janeiro. Arquivo do Idhec.

<sup>132</sup> BOURDIEU, Pierre. Esboço de auto-análise. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p 55.

outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. [...]. (ELIAS, 1994, p. 23).<sup>133</sup>

O que faz de Dom Helder, no nosso entendimento, uma figura emblemática no cenário cristão brasileiro e mundial é sua tentativa contínua de comunicar e de articular diversas esferas do social, a partir da religião.

Essa postura singular é bem nítida no último discurso catalogado no instituto que preserva a memória de Dom Helder, o Idhec, datado de 12 de dezembro de 2004.

Dizia o Dom, no Ato Público Contra a Violência, realizado na Praça da República, no Centro de Recife:

As injustiças são uma violência. Pode dizer que a primeira de todas as violências. A violência arrasta a violência e uma vez instalada gera a violência número dois, a violência, a revolta dos próprios oprimidos ou da juventude, resolvida a bater-se por um mundo mais justo e mais humano.

Em outro trecho deste discurso enfatiza o arcebispo emérito de Olinda e Recife:

Somente passando pela ação, não só discussão e contemplação, fazendo justiça, há fome de justiça por toda a parte, haverá condição para a paz.

Uma paz verdadeira e durável, para todos aqueles que no mundo inteiro têm fome e sede de justiça, estão convidados a caminhar juntos.<sup>134</sup>

A idade já se abatia sobre o sacerdote. Na década de 1990, quando já passava dos 80 anos, os discursos foram ficando mais curtos e menos freqüentes, foram 86 discursos em 04 anos, ao contrário das décadas de 60 e 70 e início dos anos 80, período em que foi realizada a maior parte de seus mais de 700 discursos. Em 1994, Dom Helder Camara fez sua última viagem internacional. Foi a Paris. Desde então, por recomendação médica não viajou mais ao exterior.

É pertinente apontar que reflexões sobre a morte sempre foram feitas ao longo de sua vida. Anos antes, por exemplo, em seu aniversário de 69 anos dizia o sacerdote em carta à família Mecejanense:

Nem perco tempo de saber quanto tempo ainda terei de vida... Não me preocupo se chegarei ou não até os 75 anos, idade oficial da renúncia... Não perco mais tempo em perguntar o que farei depois da renúncia (basta a cada dia o seu cuidado). Até o cuidado, que já foi forte em minha vida, quanto à esclerose e à caduquice, até este cuidado sumiu.<sup>135</sup>

Às 22 horas e vinte minutos do dia 27 de agosto de 1999, em razão de uma insuficiência respiratória aguda, depois de uma parada cardiorespiratória, aos noventa anos,

<sup>133</sup> ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 23.

<sup>134</sup> Discurso no Ato Público contra a Violência, 12 de dezembro de 2004, no Recife. Arquivo do Idhec.

<sup>135</sup> Carta à família Mecejanense. Arquivo do Idhec.

Dom Helder faleceu em sua cama, no fundo das Igrejas das Fronteiras, lugar em que viveu as últimas três décadas de sua vida. Uma semana antes, tinha recebido alta do hospital em decorrência de uma infecção urinária. Sobre este dia, relembra sua secretária Zezita, no *Jornal do Commercio*, do dia 29 de agosto de 1999. Segundo ela, Dom Helder “passou o dia ouvindo canções religiosas e levantando os braços. Parecia que estava conversando com Deus e preparando a partida”.<sup>136</sup>

O velório foi realizado na Igreja das Fronteiras e a partir das 04h40 da madrugada começaram a ser celebradas várias missas. Sobre o sepultamento, cuja celebração foi acompanhada por 18 bispos e mais de 100 padres, relatam Praxedis e Piletti:

Na Sé, milhares de fiéis esperavam o cortejo com lenços brancos tremulando no ar. Para a missa de corpo presente, o caixão foi introduzido na catedral coberto por uma bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). O Núncio Apostólico, dom Alfio Rapizzarda, presidiu a missa que foi concelebrada pelos arcebispos Dom José Cardoso Sobrinho e Dom Marcelo Carvalheira, este último como responsável por uma homilia que emocionou os presentes, embora causasse constrangimento aos mais conservadores, ao reafirmar os princípios do Concílio Vaticano II, de Puebla, Medellín e Santo Domingo, pelos quais Dom Helder entregou-se de corpo e alma. Ao final da cerimônia o corpo de Dom Helder foi sepultado em um túmulo em frente ao altar da igreja, ao lado da sepultura de seu querido amigo e bispo auxiliar, Dom Lamartine Soares. (PRAXEDES e PILETTI, 2009, ps 382 e 383)

No início do mês da sua morte, Camara recebeu em sua casa a visita do padre Marcelo Barros. Relembra este sacerdote a Praxedis e Piletti, no último parágrafo da biografia do Dom:

No dia 05 de agosto estive com ele por um momento. Estava calado e parecia pouco lúcido. Mas fez sinal de que me reconheceu e quando lhe pedi uma palavra para o meu hoje, sussurrou, sem mesmo mover a cabeça: “Não deixe cair a profecia”. (PRAXEDES e PILETTI, 2009, ps 384)

No dia de sua morte, Frei Aluísio Fragoso, um de seus colaboradores na Arquidiocese de Olinda e Recife destacou a dificuldade de comunicação como uma das dificuldades mais sentidas pelo sacerdote durante sua velhice. "Morreu em boa hora, pois sofria muito com a angústia de não poder se comunicar", disse o frei, em matéria no *Jornal do Commercio*, do Recife.<sup>137</sup>

<sup>136</sup> *Jornal do Commercio*, 29 de agosto de 1999. Fiéis lotam Igreja das Fronteiras para rezar e dar adeus a D. Helder Camara. [http://www2.uol.com.br/JC/sites/semestresdodom/nojc\\_morte\\_de\\_dom\\_helder.html](http://www2.uol.com.br/JC/sites/semestresdodom/nojc_morte_de_dom_helder.html). Capturado em 05 de novembro de 2010

<sup>137</sup> *Jornal do Commercio*, 29 de agosto de 1999. Fiéis lotam Igreja das Fronteiras para rezar e dar adeus a D. Helder Camara. [http://www2.uol.com.br/JC/sites/semestresdodom/nojc\\_morte\\_de\\_dom\\_helder.html](http://www2.uol.com.br/JC/sites/semestresdodom/nojc_morte_de_dom_helder.html). Capturado em 05 de novembro de 2010

Em sete de julho de 2010, uma nota na coluna social do jornal Diário de Pernambuco relata o seguinte:

No Vaticano

Na entrega do pálio da Arquidiocese de Olinda e Recife, o papa Bento XVI teve uma deferência especial. Ao se referir a Dom Fernando Saburido, que recebeu junto com outros arcebispos do mundo inteiro, disse que ele respondia pela Arquidiocese de Dom Helder Camara e o chamou para permanecer ao seu lado durante a celebração da missa solene.<sup>138</sup>

Muito também já se falou sobre Helder Camara. O que essa dissertação procurou destacar a partir da própria fala deste religioso foi como este sujeito vivenciou diversas inter-relações, abordando as transformações sucessivas pelas quais este agente passou durante os diferentes contextos sociais em que viveu de forma consonante com seu campo, mas também a partir de possibilidades singulares de articulação com o social, como diz uma das mais conhecidas frases deste sacerdote: “feliz de quem entende que é preciso mudar muito para ser sempre o mesmo”.

---

<sup>138</sup> Diário de Pernambuco. 07 de julho de 2010. Coluna de João Alberto. Editoria Viver, página 03.

## CONCLUSÃO

Após a abordagem de fatos vivenciados por Helder Camara ao longo de sua vida é pertinente, no nosso entendimento, ressaltar logo no início do último capítulo desta dissertação que as diversas ações presentes em várias fases da vida deste sacerdote, em diferentes contextos sociais, não foram enfocadas neste estudo em busca de elos lineares para a definição de um sentido coerente e planejado de atuação deste agente social.

Neste sentido, como bem observa Bourdieu:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p. 185).<sup>139</sup>

Logo, compreender a história de vida deste sacerdote foi também focar a dinâmica de seu campo e de sua relação com outros campos do social, bem como também ressaltar as diversas interligações entre agente e estrutura, para não ocorrer na chamada ilusão biográfica, segundo a visão bourdesiana. Neste sentido, procurou-se construir a trajetória de Helder Camara a partir de seus posicionamentos sucessivos enquanto sujeito atuando no social.

Como salienta Levi:

(...) há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita destas inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas. (LEVI, 2006, p 180)<sup>140</sup>

O que procurou ser realçado nesta dissertação foi, certamente, este viés da interface, enfocando relações entre as diversas posições ocupadas por Helder Camara ao longo de sua vida e de sua busca por uma articulação legitimada a partir da religião, como fator de praxis e possível mudança social.

Para isso algumas vertentes foram apontadas: o campo religioso brasileiro e a atuação pastoral deste agente entre os anos de 1930 e 1950, o campo da Teologia da

<sup>139</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína(orgs). Usos e abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

<sup>140</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína(orgs). Usos e abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Libertação e a ação deste sacerdote no Brasil e no exterior, o que englobou sua atuação na Arquidiocese de Olinda e Recife, durante a ditadura militar e, por fim, o posicionamento de Helder Camara após o processo de redemocratização do Brasil e de um novo direcionamento da igreja nos anos de 1980 e 1990.

Como citado no capítulo 01 desta dissertação, no início de sua atividade pastoral, logo após sua ordenação em Fortaleza, por exemplo, percebe-se em Helder Camara desde a ordenação uma atuação pastoral voltada de forma expressa para a reafirmação de valores institucionais de seu campo, vivenciada de maneira diferenciada em relação a outros jovens padres. Dentro das perspectivas de atuação possíveis na igreja, logo após a ordenação sacerdotal, a ação de Helder Camara desde o início foi marcada por uma atuação religiosa além dos espaços religiosos. O então padre Helder Camara integrou a Legião Cearense de Trabalho, movimento de alfabetização do operariado do seu estado natal, organizou a Juventude Operária Católica, fundou o movimento de Sindicalização Operária Católica Feminina, que reunia lavadeiras, copeiras, domésticas e promoveu núcleos de alfabetização na periferia de Fortaleza.

A apresentação sobre esta primeira fase de atuação pastoral em Helder Camara reforça que sua adesão ao integralismo, a partir da aprovação da sua diocese atesta sua presença enquanto religioso buscando ampliar as diretrizes de seu campo de origem, atuando também politicamente no social.

Como observam Praxedes e Piletti:

A igreja católica no Brasil passava naquele momento histórico por uma fase de reaproximação da classe dominante do país e com o governo (...) Autorizado por seu arcebispo, Helder passa a uma militância intensa como secretário de estudos da AIB<sup>145</sup> no Ceará, acima de tudo, como o maior propagandista do integralismo em seu estado, fundando núcleos de militantes nas cidades do interior, organizando manifestações de rua e comícios, dando palestras e cursos e publicando artigos sobre a doutrina integralista. (PRAXEDES e PILETTI, 2008, p. 76)

Como foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho, procurou-se mostrar que as diversas condutas de Helder Camara no início de sua ação pastoral evidenciam uma afinidade entre suas ações enquanto agente em relação às diretrizes de seu campo de origem, em que a religião legitimaria a ordem social, e demonstra uma tentativa sempre presente de ajustamento entre *habitus* e campo, que marca desde o início a sua trajetória. É importante frisar que ao focar a noção de *habitus* como instrumento conceitual, constata-se que esse caminho percorrido pelo sacerdote também é semelhante a outros religiosos de

seu tempo e não são conseqüências de estratégias calculadas, mas sim de um resultado entre *habitus* e pressões/expectativas do campo.

O conceito de *habitus* também implica em diferenciações. A partir da elaboração deste estudo constataram-se diversas possibilidades de abordagem de aspectos singulares na vida deste sacerdote como sua presença na mídia e seu viés de comunicador, só para citar dois exemplos de possíveis e novos panoramas de análise.

Logo, é pertinente enfatizar que este estudo nos permite compreender o sujeito Helder Camara de um determinado ângulo, o do articulador, mas que outros caminhos de análise, no nosso entendimento, podem ser enfocados.

Ao longo de mais de 65 anos de vida sacerdotal, Helder Camara, em diversos momentos, deparou-se com a necessidade de novos ajustamentos a partir de novos contextos sociais em que atuou. A sua busca por uma articulação dentro de seu campo e também em relação a outros setores do social sempre esteve presente. Um exemplo bem expressivo desta singularidade foi a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, articulada pessoalmente por este sacerdote. Como abordado no capítulo 01 desta dissertação, partiu de Camara a proposta e toda a articulação no Brasil para que a idéia fosse apresentada no Vaticano.

Ao dedicar parte de sua ação pastoral a Ação Católica Brasileira, Helder Camara passou a ter uma visão profunda da realidade pastoral no país. Helder Camara também foi um dos nomes que ajudaram a implantação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), instrumento pastoral que promoveu um debate dentro da igreja sobre a importância da reflexão da realidade da América Latina. Esses fatos reforçam nossa abordagem como descrito no capítulo 01 de que a atuação pastoral de Helder Camara foi neste período, décadas de 1930 a 1950, marcada por uma articulação interna para fortalecimento de seu campo.

Dois acontecimentos pertinentes de análise no capítulo 2 deste estudo provocaram novos posicionamentos na trajetória de Helder Camara, a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965) e o golpe militar de 31 de março de 1964. O Concílio Vaticano II evidencia a participação de Helder Camara como um agente que pretendia fortalecer o seu campo, só que diante de um novo contexto social, marcado por um redirecionamento de perspectivas de evangelização, a partir de uma ação pastoral vivenciada na reflexão e práxis sobre as questões sociais.

O concílio revelou também internacionalmente a imagem do sacerdote como um articulador e um homem de idéias no âmbito internacional. Como visto no capítulo II desta

dissertação, a atuação articulada da igreja na América Latina foi um elo importante para um novo direcionamento proposto pela Teologia da Libertação, em que o campo religioso latino- americano e, especificamente brasileiro sofreu mudanças. A evangelização a partir da reflexão cristã sobre realidade diferenciada do então chamado Terceiro Mundo, provocou em Helder Camara, a consolidação de uma conduta que começou a ser delineada anos antes, durante suas diversas ações sociais, iniciadas logo após sua ordenação em Fortaleza. Do ponto de vista de Zildo Rocha:

Essa vertente política, ou inclinação para um tipo de apostolado sacerdotal que não se circunscrevesse no âmbito estritamente religioso, mas se voltasse diretamente para as estruturas da sociedade, era uma marca tão clara e respeitada na personalidade do jovem Helder que, dentre os que com ele se ordenaram naquele 15 de agosto de 1931, ele foi o único a não ser enviado por seus superiores hierárquicos para o trabalho nas paróquias. (ROCHA, 2000, p.211)<sup>141</sup>

Mesmo sendo um sistema de práticas que tenha sido gerado no passado, os diversos *habitus* em Helder Camara, por serem mediadores de ação no presente, passaram por adaptações. A Teologia da Libertação na trajetória de Helder Camara é um exemplo que pode ser utilizado para focar o aspecto relacional entre posicionamentos e disposições de agentes dentro de um campo específico, neste momento. Bourdieu aponta que o campo como instrumento de análise conceitual seria espaço de relações, de disputa e de poder, direcionado por regras próprias.

Não se pretende apontar que a postura deste religioso era única ou heróica entre outros líderes desta concepção de evangelização, o que se percebe em Helder Camara, é a partir de seus discursos e de sua exposição ao debate destes temas no Brasil e no exterior seu nome termina por ter visibilidade durante a ditadura militar, estando sempre entre os mais citados nas diversas críticas que os chamados líderes progressistas – que defendiam a Teologia da Libertação - teriam durante os anos da ditadura militar.

Outro fator que motivou uma maior visibilidade da ação pastoral de Helder Camara se deu mais precisamente durante sua atuação como arcebispo de Olinda e Recife. O Brasil sob o regime ditatorial, diante da falta de atuação dos movimentos sociais, campo esvaziado diante da repressão política, o religioso passou a, de certa forma, ocupar esse cenário marcado pelo esvaziamento dos movimentos sociais.

Como focado no capítulo dois desta dissertação, o discurso de posse de Helder Camara em Olinda e Recife é um exemplo desta sua singularidade e também deste novo

---

<sup>141</sup> ROCHA, Zildo. Helder, o Dom. Uma vida que marcou os rumos da igreja no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 211.

viés pastoral que começou a ser executado no Rio de Janeiro, a de uma ação pastoral menos direcionada para a organização interna da própria igreja, sendo mais voltada para a questão social a partir da religião.

Ao afirmar que não se espantassem se vissem o bispo “com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boa ou de má fé”, o sacerdote expunha de forma explícita sua ação pastoral além dos limites das sacristias. Sabe-se que, como aponta Bourdieu (2009, p. 50),<sup>142</sup> as funções sociais desempenhadas pela religião em favor de um grupo ou de uma classe diferenciam-se de acordo com a posição que este grupo ou classe ocupa na estrutura das relações de classe e na divisão do trabalho religioso. Neste aspecto, em Helder Camara, percebe-se uma diversidade na sua trajetória como agente especializado do campo religioso, a da fala pública enfocada numa tentativa de mediação entre classes. Em Helder Camara também se constata, a partir de análise de seus discursos durante a ditadura militar, como abordado no capítulo dois, que mesmo sem nunca ter deixado de falar como um representante de seu campo, o sacerdote questionou a sua igreja e seu papel no Brasil. A partir da análise de seus textos não se constata um desejo de sair da igreja, de deixar o sacerdócio, ao contrário, o sacerdote defendia sua religião, mas pretendia reformá-la em certos pontos.

Conforme focado no capítulo dois o contato com o humanismo cristão de Jacques Maritain, a criação da CNBB, do CELAM e sua ação pastoral no Rio de Janeiro provocaram mudanças no posicionamento de Helder Camara em relação ao papel da igreja na América Latina e, particularmente no Brasil. O que se constata é que este agente social passa a cada vez mais tentar analisar e atuar no social a partir da religião, não só para reafirmar valores de seu campo, como anteriormente, mas também para servir de base para questionar e provocar mudanças na sociedade, marcada neste período por um profundo debate sobre questões como o subdesenvolvimento, o comunismo, o capitalismo e o terceiro mundo.

Sempre falando como um agente especializado de seu campo Helder Camara sugeriu a partir de seus discursos, como analisado nos capítulos um e dois deste estudo, tendo como base sua leitura da Teologia da Libertação, que a religião poderia ser um caminho não só de legitimação e também consolo de seus fieis diante da realidade social, mas de uma revolução pacífica que tinha como base o evangelho. O nome de Helder

---

<sup>142</sup> BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 50.

Camara é até hoje relacionado ao da paz. Uma consulta ao site de buscas na internet Google aponta para mais de 1.310.000 resultados quando se pesquisa Helder Camara e a paz.

Sobretudo no período da ditadura militar, como abordado no capítulo dois, o religioso em questão teve seu nome censurado na imprensa brasileira e cada vez mais reconhecido no exterior. Ao falar como agente de seu campo, mesmo em muitos momentos com atuação restrita por dirigentes dele, Helder Camara se opôs ao regime militar, virou símbolo da luta e da defesa da paz, também protegido por seu habitus de sacerdote. É preciso deixar claro que o seu trabalho pastoral, a censura a seu nome e diversos episódios envolvendo pessoas próximas ao religioso como a morte de Padre Henrique e a perseguição de diversos sacerdotes e leigos engajados nas ações pastorais de Olinda e Recife atestam que a ação do regime contra o trabalho de Helder Camara terminou por contribuir, aliado a sua exposição pública relatada em diversos discursos em várias solenidades, além do ambiente estritamente religioso, para a consolidação da sua imagem além do crítico da ditadura, mas também a de articulador em defesa da paz e da liberdade.

Isso se constata por meio da cobertura jornalística dos dois principais jornais de Pernambuco, o Diário de Pernambuco e o Jornal do Commercio, no dia 07 de fevereiro de 2009, data do centenário de nascimento do religioso que viveu neste estado por mais de 20 anos, os últimos de sua vida. Percebe-se como a identidade de Dom Helder, padre em sua essência, é perpassada por outras nomeações acrescentadas a partir de sua presença em outros campos do social. O Diário de Pernambuco destacou em sua manchete “O Dom da moradia”, afirmando na primeira página do caderno especial que o sacerdote “desafiou a Igreja. Encarou os poderosos. Pressionou os políticos. Enfrentou a polícia. Incansável, fez uma reforma agrária e uma revolução urbana com as próprias mãos. Mais do que uma luta, esta é a história de um sonho. De um dom divino. De um simples Dom.”<sup>143</sup>. Já o Jornal do Commercio criou também um site especial para marcar a data, chamado Sementes do Dom. Dizia a abertura das matérias sobre o arcebispo:

Um religioso popular e corajoso, que envolvia multidões. Assim era a figura de dom Helder Camara, arcebispo de Olinda e Recife durante 21 anos, que completaria cem anos no dia 7 de fevereiro de 2009. Se antes as ideias do religioso já floresciaam, hoje, com a internet, vão muito mais longe. O JC OnLine homenageia o profeta mostrando para o mundo, com apenas alguns cliques, as sementes lançadas por ele que frutificaram, continuam vivas e ajudam a proliferar seu discurso.<sup>144</sup>

---

<sup>143</sup> Diário de Pernambuco, edição de 07 de fevereiro de 2009, caderno especial O Dom da Moradia, página 01

<sup>144</sup> Especial Sementes do Dom. Jornal do Commercio. Capturado em 10 de maio de 2011.

O que mostra este breve relato sobre a visão da imprensa pernambucana é que, no nosso entendimento, diante de sucessivas tentativas de ser um articulador social, a imagem de Helder Camara no seu centenário de nascimento nos jornais pernambucanos é marcada por traços de sua singularidade que resistem ao tempo porque abordam temas que marcaram a época de Camara e também a atualidade, como a questão da moradia e dos direitos humanos.

Isso revela que Helder Camara foi um homem de seu tempo, mas que abordou em discursos e na sua pastoral temas que ainda hoje se revelam atuais, porque se referiam a temáticas profundas e marcantes na sociedade brasileira como a miséria, a fome, o déficit habitacional, a violência, entre outras. A sua busca por uma articulação na sociedade civil também era nítida em sua trajetória. Além dos exemplos citados anteriormente neste capítulo, uma experiência prática influenciada pelas idéias da Teologia da Libertação e vivenciada por Helder Camara e outros bispos progressistas no Brasil foram as comunidades eclesiais de base.

Neste sentido, a partir dessa articulação para a formação e manutenção das CEBs, como agentes especializados do campo religioso, os padres progressistas como o bispo Helder Camara questionaram uma das características do campo religioso, segundo Bourdieu, a de que a sistematização sacerdotal tem por efeito manter os leigos à distância. Por meio das comunidades eclesiais de base, o processo era inverso. O direcionamento exclusivo dos padres na evangelização foi cada vez mais sendo acompanhado por ações de evangelização de leigos nas Comunidades Eclesiais de base, como visto no capítulo 02.

Uma próxima relação com o laicato marca a trajetória de Helder Camara. Desde o início de sua ação religiosa no Ceará como a Liga Operária Católica, passando pelas obras da Cruzada de São Sebastião e o Banco da Providência, só para citar alguns exemplos, as obras sociais do sacerdote eram fortemente marcadas pela ação conjunta com leigos. Foi também para os leigos mais próximos a ele, chamados pelo sacerdote de família mecejanense, em alusão a sua terra o Ceará, que ele confidenciou suas reflexões sobre o Concílio Vaticano II e outros fatos de sua ação pastoral, conforme citado neste estudo anteriormente.

Conforme já visto no capítulo terceiro desta dissertação Dom Helder Camara foi arcebispo de Olinda e Recife de 1964 a 1985, vivenciando diversos momentos da igreja, desde a implantação da vivência pastoral da Teologia da Libertação até o novo

direcionamento de evangelização no papado de João Paulo II, que contribuiu para o esvaziamento do campo da Teologia da Libertação. O novo contexto social das décadas de 1980 e 1990, marcado pela democratização do país e o crescimento das religiões evangélicas no Brasil, evidencia, a partir dos discursos analisados, que Helder Camara assume um novo posicionamento também direcionado para a defesa da identidade católica.

Os discursos foram menos frequentes, em decorrência da idade do religioso e particularmente após sua saída da Arquidiocese de Olinda e Recife. Os temas de seus pronunciamentos, no entanto, continuavam atuais. Perpassados por uma presença maior de citações bíblicas e de conclamação à vivência do evangelho, sob a ótica do ano 2000 como aniversário de Cristo, os discursos continuam com uma visão do social direcionada também para uma convocação para a vivência do amor ao Cristo e ao irmão, como visto no capítulo três desta dissertação.

Helder Camara em sua velhice não deixou de conclamar sua revolução pacífica que nesta etapa de sua trajetória era evidenciada pela luta pela paz duradoura e pelo fim da miséria, temas recorrentes em discursos anteriores, mas fortemente marcados por seus posicionamentos nos anos de 1980 e 1990. Homem de seu campo, seguindo os direcionamentos do Vaticano, mesmo contrários ao modelo de evangelização que marcou grande parte de sua ação pastoral, Helder Camara articulou essa defesa da identidade como um fator de atuação no social.

Se nos tempos de sua atuação pastoral no Ceará percebe-se uma ação voltada para impor a ordem cristã à sociedade, na sua presença na Arquidiocese de Olinda Recife constata-se uma tentativa de evangelização e ação social a partir da religião em defesa da liberdade durante a ditadura e após seu término uma reafirmação da religião direcionada para o significado do ser católico diante das possibilidades de ação no social, sobretudo em relação à fome, à pobreza e à paz. Ao reafirmar a importância da oração, em trecho de discurso analisado no capítulo três, o sacerdote chega a afirmar que Deus não quer apenas a oração, mas a colaboração de todos.

Sobre esta fase de sua trajetória a declaração do arcebispo emérito da Paraíba, Dom José Maria Pires, na homilia da missa de ação de graças pelos 65 anos de sacerdócio do religioso, em 15 de agosto de 1996, no Recife, reforça esse posicionamento de Helder Camara como um permanente agente de seu campo.

Dom Helder continua sendo para todos nós fonte de inspiração e de força. Ele ainda é pastor desta igreja. Pastor emérito não deixa de ser pastor. Como um pai que transfere aos filhos a condução dos negócios de família, mas permanece

presente, assim o coração de dom Helder enquanto pulsar será o que foi durante tantos anos: o pastor de Recife e Olinda. Há uma contribuição de primeira ordem que ele pode dar e a que não se nega: fazer o que Moisés fez na colina de onde acompanhava o combate dos israelitas: orar. E a prece de Dom Helder será para todos nós tão útil e poderosa quanto a de Moisés para o povo de Deus daquele tempo ( Efésios 17, 10- 12), ( PIRES, 2000).<sup>145</sup>

O ex-bispo de Olinda e Recife não é lembrado até hoje apenas pelos católicos, nem apenas pelos representantes do campo religioso. Então, por que o nome Helder Camara ainda é lembrado na atualidade não só no Brasil, mas no exterior, o que não ocorre com nomes de outros sacerdotes de sua geração que como ele vivenciaram a Teologia da Libertação e fizeram uma opção preferencial pelos pobres?

Logo, é pertinente apontar como afirma Bourdieu que por essa forma inteiramente singular de nomeação, que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. (BOURDIEU, 2006, p 186)<sup>146</sup>

Assim, no caso do agente social em questão, o nome próprio significou uma identidade mantida ao longo de sua trajetória e, portanto, singular, ao contrário de suas sucessivas posições ao longo da vida, que sofreram mudanças, basta citar, como exemplos, o integralismo na juventude e sua atuação na ditadura militar. Contudo, no nosso entendimento, por transitar em diversas áreas do social, posicionando-se de forma pública e também propondo alternativas de ação, este sacerdote passou a ser lembrado não só como padre, mas também mesmo após sua morte como um agente articulador e empreendedor a partir de sua fé, o que contribui para que seu nome ainda seja lembrado atualmente.

Em relação a Helder Camara, o tratamento de Dom integrado ao nome e sobrenome – sem acentuação como registrado em cartório em sua certidão de nascimento - também passou a designar o sacerdote após ser consagrado bispo, como é de costume. Diante da sua presença em diversos campos e de seus sucessivos posicionamentos, o sacerdote também foi apontado com outras denominações, algumas delas já citadas na introdução deste estudo – bispo dos podres, Dom da Paz, Arcebispo Vermelho. Essas denominações posteriores remontam a variadas possibilidades de ação social que marcaram a vida do religioso, como

<sup>145</sup> PIRES, Dom José Maria. O todo poderoso fez por mim grandes coisas( Lc 1,49). In ROCHA, Zildo(org). Helder, o Dom. Uma vida que marcou os rumos da igreja no Brasil. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999, p. 18

<sup>146</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína(orgs). Usos e abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 186.

no caso do Arcebispo Vermelho, só para citar um exemplo, quando foi acusado de defender o comunismo durante a ditadura militar, mas o seu nome próprio o acompanhou como instrumento constante de uma contínua identidade, a de padre, por toda a sua trajetória.

O nome de Helder Camara é até hoje lembrado de forma singular e agregado a outras denominações sugeridas diante de seus sucessivos posicionamentos – Bispo dos Pobres, Arcebispo das Favelas, entre outros, mesmo após 11 anos de sua morte. Como bem expressa Bourdieu (2008, p 88) as palavras, nomes de escolas e grupos, nomes próprios só têm tanta importância porque eles fazem as coisas: como sinais distintivos, eles produzem a existência de um universo em que existir é deferir.<sup>147</sup> O que possibilita, afirmar que morre o portador do nome, e não morre a significação do nome. (WITTGENSTEIN, 1989, p. 27).<sup>148</sup>

No percurso desta dissertação, as sucessivas posições ocupadas por Helder Camara ao longo de sua vida não foram apontadas na busca de uma explicação para a sua trajetória, mas mostram as condições que fizeram com que a vida de Helder Camara seguisse um caminho singular, no nosso entendimento, evidenciado por uma tentativa de articulação e de presença no social a partir da religião.

Isso se reflete em seus discursos, pois, como reforça ROCHA (2000), erraria quem imaginasse a religião de Dom Helder como uma espécie de refúgio ou nimbo metafísico, onde se ampara contra os desafios e as intempéries da história e do mundo. Pois tão verdadeiro como o que se acabou de falar é dizer que Dom Helder nunca conseguiu compreender a vida e a missão religiosas, dissociadas da ação social e política. Nunca entendeu uma vivência da religião que não tivesse impacto e repercussão na sociedade, em sua estrutura política e social. (2000, ps 210 e 211)<sup>149</sup>

Constata-se que Helder Camara sempre agiu como agente especializado do seu campo de origem. Sempre procurou ser um pastor, no sentido abraâmico, procurando agir no social a partir da religião em busca da libertação dos oprimidos, como vivenciava nos tempos de Teologia da Libertação. No fim de sua vida, no entanto, esse mesmo pastor se volta também para a legitimação de sua fé a partir do reforço da identidade cristã na busca do divino como justificativa de evangelização voltada não só para o social, mas para a reafirmação de valores de seu campo, num contexto marcado pelo crescimento de outras denominações religiosas.

---

<sup>147</sup> BOURDIEU, Pierre. A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008, p 88.

<sup>148</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p 27.

<sup>149</sup> ROCHA, Zildo. Posfácio à III Edição. In Rocha, Zildo(org). Helder, o Dom. Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, ps 210 e 211

É pertinente reforçar que focar a trajetória de um ator social como Helder Camara é ter a consciência de que outros fatos e posicionamentos sucessivos que não foram abordados neste estudo podem estimular outras pesquisas nesta área a partir da atuação pastoral de Helder Camara, tendo como base outras singularidades da trajetória deste sacerdote e do campo católico do Brasil. Essa dissertação pretende contribuir para a abertura de um novo espaço de debates possibilitando a partir deste enfoque de Helder Camara o surgimento de novos estudos, tornando o campo e a relação com seus agentes ainda mais conhecida, podendo, inclusive, servir não só para a compilação e citação de informações, mas também de análise de como este conhecido ator social agiu, influenciando outros campos e também sendo influenciado por eles.

Como afirma FARR (2002, p.14) *a principal razão de examinar criticamente o passado é compreender melhor o presente.*<sup>150</sup> Focar a vida de um sujeito a partir da noção conceitual de trajetória significa ter que optar por diversos caminhos entre tantos percorridos pelo agente em questão, muitas vezes sem a nossa certeza de uma escolha consciente ou não de sua parte.

Muito já foi dito sobre a vida e a obra deste sacerdote. O que se pretendeu nessa dissertação foi compreender a trajetória deste religioso, a partir do contexto e de sua fala, registrados em diversos discursos, a maior parte deles nunca citada em bibliografias sobre o sacerdote. Por meio desta dissertação verificou-se que a articulação como viés de conexão entre a religião e o social em Helder Camara é um diferencial que faz com que seu nome seja ainda lembrado além de seu campo de origem e também um traço singular de sua trajetória. Essa foi a nossa proposta que como já dito anteriormente abre caminho para outras possibilidades de abordagem na trajetória deste agente social, homem de sua fé e de seu tempo.

---

<sup>150</sup> FARR, Robert. As raízes da psicologia social moderna. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Trad Pedrinho Guareschi e Paulo Maya.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a Política no Brasil*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1979.
- BARROS, Marcelo. *Dom Hélder Câmara, profeta para o nosso tempo*, Editora Rede da Paz, Goiás, 2006.
- BARROS, Raimundo Caramuru de. *Para entender a igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II(1930,1968)*. Petrópolis: Vozes, 1994
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Esboço de uma teoria da prática*. In: *Pierre Bourdieu*. Renato Ortiz (org.). São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 6º edição. São Paulo, Papirus Editora, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A produção da crença: contribuição para um economia dos bens simbólicos*. 3º Ed. Porto Alegre, Zouk, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A ilusão biográfica*. In:-----.(Org). *Usos e Abusos da História Oral*. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008
- BROUCKER, José. *As noites de um profeta - Dom Hélder Câmara no Vaticano II*, Editora Paulus, São Paulo, 2008.
- BRUNEAU, Thomas C. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas*. Senac Editora, São Paulo, 2001
- CARVALHEIRA, Marcelo. “ Fioretti” do Irmão Francisco. In Helder, o Dom uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Rocha, Zildo( org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000
- CASTRO, Marcos, *Dom Helder : misticismo e santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CIRANO, Marcos. *Os Caminhos de Dom Hélder - Perseguições e Censura*,

Editora Guararapes, Recife, 1983.

CLAUDINO, Assis. *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista*, Editora Opção, Rio de Janeiro, 1985

CRIADO, Alex. Dom Helder Camara – Coleção Vidas Luminosas, Editora Salesiana, São Paulo, 2006

COMBLIN, José – In Dom Helder Câmara – Profeta para os nossos dias, Ed. Rede da 2 Paz, 2006.

FERRARINI, Sebastião Antônio. *A Imprensa e o Arcebispo Vermelho*, Edições Paulinas, São Paulo, 1992

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GALILEA, Segundo. *Teologia da Libertação. Ensaio de síntese*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1978.

GARAUDY, Roger. *Homenagem a Dom Helder Camara*. In Helder, o Dom : uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Rocha, Zildo( org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GONÇALVES, Paulo Sérgio e BOMBONATO, Vera Ivanise. *Concílio Vaticano II; análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GONÇALVES, Pe. Dr. Paulo Sérgio Lopes. *Epistemologia e Método do Projeto Sistemático da Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEBAUSPIN, Ivo. *Comunidades de base no Brasil de hoje*. In *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. FASTINO, Teixeira e MENEZES, Renata( orgs). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009

LEVI, Giovanni. *Os usos da biografia*. In:-----.(Org). *Usos e Abusos da História Oral*. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005.

LIBÂNIO, Kenneth. *Uma Teologia a partir da Prática Libertadora dos Pobres*. In: *Revista História Viva, Edição Especial Temática nº. 2. A Igreja Católica no Brasil: Fé e Transformações*. Setembro de 2007

LÖWY, M. *A guerra dos deuses. Religião e política na América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MACHADO, Maria das Dores Campos & MARIZ Cecília. "Sincretismo e Trânsito Religioso: Comparando Carismáticos e Pentecostais", in *Comunicações do Iser*, nº 45, ano 13, 1994.

MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945

NETO, Ferreira Cicinato, A tragédia dos mil dias: *A seca de 1877-79 no Ceará*. Fortaleza, Premium, 2006.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio Guedes de Oliveira (org.). *O Comintern e a Aliança Nacional Libertadora*. Recife, Edições Bagaço, 1996; e VIANNA, Marly de Almeida Gomes. “A ANL (Aliança Nacional Libertadora)” In.: MAZZEO, Antonio Carlos. (org.) *Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003.

PASSERON, Jean-Claude. Morte de um amigo, fim de um pensador. In:...(Org). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

PILETTI, Nelson e Praxedes, Walter. Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia, Editora Contexto, São Paulo, 2009.

PINHEIRO, Ernani. Dom Helder Camara como arcebispo de Olinda e Recife( 1964-1985). In Helder, o Dom uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Rocha, Zildo( org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. (2007), A invenção da ordem. *Revista tempo social* v. 19, n 1 , pp33-49.

OLIVEIRA, Francisco de. Noiva da revolução: elegia para uma re(li)gião. São Paulo: Editora Boitempo, 2009,

SANTOS, Ivanaldo (org). Teologia da Libertação: ensaios e reflexões. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2010

SELTON, M.G.F. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira da Educação*. São Paulo, v 20, os 60/70, mai/jun./jul./ago de 2002

SERBIN, Kenneth P. Dom Helder Camara: o pai do catolicismo progressista brasileiro. IN Perfis Cruzados: trajetórias e militância política no Brasil do século XX. Rio de Janeiro: Imago, 2002

STEIL, Carlos Alberto. "Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso", in *Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, nº 3, 2001.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo brasileiro contemporâneo. In: *Catolicismo Plural. Dinâmicas Contemporâneas.*—(org). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009

WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma: notas etnográfica de um aprendiz em boxe Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 2002.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília:UNB, 2004, 2 ed.

WEIGEL, George. A Verdade do Catolicismo: Resposta a Dez Temas Controversos (em português). Lisboa: Bertrand Editora, 2002

## Referencias em periódicos

AZEVEDO, Margarida e SCARPA, Paulo Sérgio. Especial Sementes do Dom. Jornal do Commercio. Caderno Especial. 09 de fev 2009

CARVALHO, Divane. Quanto mais negra é a noite mais carrega em si a madrugada. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. 12, 24-04-1972.

PAZ, Jailson da (org). O Dom da Moradia. Diário de Pernambuco, Pernambuco, caderno especial. 07 fev 2009.

## REFERENCIAS DA INTERNET

MURARO, Rose Marie; Palestra realizada na UNIVAP, em São José dos Campos em 25 de junho de 2003, no auditório do Campus Aquários. Capturado em 01 de abril de 2010 [.http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=8303](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8303)

LEVY, Charmain. Influência e contribuição: a igreja católica progressista brasileira e o fórum social mundial In,Religião & Sociedade. vol.29, Rio de Janeiro 2009( acesso no endereço eletrônico [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200009&script=sci_arttext), Capturado no dia 03 de abril de 2011